

Diário de Lisboa

Número avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0278

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

UM leitor escreve-nos uma carta, longa e justificada, e da qual respigamos a summa para esta nota.

Alguns caçadores — ou um apenas, falando em nome hipotético de meia dúzia — referem-se de vez em quando às espingardas «Flauberts», como concorrentes das espingardas de calibre grande, insinuando que se deviam pôr dificuldades ao seu uso desportivo.

Eis um erro que cumpre combater, e não deixar desviar o assunto do aspecto comercial, que por ventura tenha, para o campo da utilidade pública.

As «Flauberts» servem, mais do que para um exercício de tiro ao alvo, de higiene para quem as utiliza, em passeios ao ar livre, que não podem fazer concorrência aos caçadores de classe, ou aos profissionais, disfarçados ou não.

Das «flauberistas» têm saído, pelo gosto desportivo da caça, exercício higiénico puro, muitos caçadores, contribuindo para a propaganda da caça; combater a sua prática é um contra-senso. Uma criança não pode manejar uma espingarda grande, mas deve-se-lhe estimular, sem solicitar dificuldades com pretextos futeis, a prática do alvo e dos passeios.

Um caçador que temesse a concorrência de uma «Flaubert» na caça das perdizes, das rolas, dos coelhos, das lebres — e talvez das raposas — ou seria muito rele caçador ou teria muito pouco em que pensar.

* * *

DE novo, se torna a falar em armamentos, em futuras guerras, em ameaças disfarçadas em cumprimentos diplomáticos e em cumprimentos que, pela abundância de palavras, carecem de sinceridade. Contra Chamberlain, na Inglaterra, e Daladier, em França, levantam-se borborinhos e oposições.

O novo representante da França em Roma, o habil Poncet, tem de resolver uma situação assaz embaraçosa.

Que quere a Itália?

Naturalmente, o reconhecimento da conquista da Etiópia.

Eis a dificuldade, o nó gordão, a difícil meada!

Como, porém, a França precisa de amigos e não de inimigos, sem falarmos de que a sua política está passando de sectaria a nacional, é de prever que desapareçam as resistências.

* * *

DR. Eduardo Brásio publicou um largo volume que é o princípio duma obra sobre «Relações Externas de Portugal» («Reinado de D. João V»). A-pesar-de tantos trabalhos de valor consagrados à nossa actividade diplomática, considera este o seu primeiro livro.

Que seja o melhor, talvez, dado o saber e a experiência que revela, concordamos.

Em todo o caso, um escritor não começa com a perfeição, mas sim com o esforço para atingir a perfeição.

INTERESSE COMUM

Recentemente e com curto intervalo inauguraram-se no Rio de Janeiro, em dois dos mais grandiosos edificios novos da bellissima metropole, as sedes proprias de duas das mais antigas e das mais categorizadas instituições portuguesas do Brasil: o Liceu Literario e o Club Gimnastico.

Não é este o lugar para traçar a longa historia de benemerecias e utilidades dessas duas admiraveis criações do genio colectivo dos portugueses no Brasil, a primeira com um activo de ensino e de cultura de que têm beneficiado muitas dezenas de milhares de portugueses e brasileiros e de homens doutras nacionalidades, e a segunda com uma larga obra em que o desporto e a cultura teatral, ha muitas dezenas de anos, vêm sendo agentes de estreito convívio social entre portugueses e brasileiros.

Não foi tambem para pôr em relevo a importancia material e a sumptuosidade dos dois novos e magnificos edificios, construidos pela laboriosidade tenaz e pela generosidade provada dos portugueses do Rio de Janeiro e que custaram duas dezenas de milhar de contos, que me dispus a escrever este artigo. Nem para saudar os dois illustres portugueses que foram animadores infatigaveis dos esforços para a sua construção e que tiveram a fortuna de presidir à inauguração official d'elles: José Rainho e Artur Castro, meus amigos ambos e ambos representantes de um escol de homens de acção e devoção cívica que têm sido honra e orgulho da colonia portuguesa no Brasil.

Menos ainda para sublinhar o alto significado attribuido á inauguração dos dois edificios pela presença de eminentes personalidades officiais brasileiras, algumas das quais pronunciaram palavras do mais oportuno e justo louvor para os portugueses e para a sua obra colectiva de cultura e de assistência, reconhecendo-a, mais uma vez, sem par entre as das imigrações estranhas no Brasil.

O que me determinou a escrever este artigo foi relacionar a obra de embelezamento e engrandecimento urbanos, assim realizada pelas duas velhas e prestigiosas instituições, com a obra de cultura luso-brasileira, efectuada por duas outras instituições portuguesas, muito mais novas mas nem por isso menos uteis e representativas, para a nossa projecção espiritual no Brasil. Refiro-me à Casa do Minho, tambem já hoje com sede propria, embora mais modesta, e à Sociedade Luso-Africana. A primeira realizou, ha um ano, um verdadeiro movimento cultural luso-brasileiro em redor da comemoração vicentina a que soube atrair muitos brasileiros verdadeiramente eminentes e os portugueses intelectualmente mais representativos. A segunda, a par de uma obra de inteligente e porfiada propaganda e de revelação constante das nossas colonias aos brasileiros — obra eminentemente patriótica a que o momento internacional empresta um transcendente alcance politico —, está desenvolvendo uma actividade efficacissima e verdadeiramente benemerita pelo que respeita ao intercambio intelectual luso-brasileiro que ela vem servindo, com um sentido superiormente pratico, através do convívio estabelecido pela permuta de centenas de livros, revistas e jornais e pela troca de colaboração literaria em que conseguiu fazer participar, com alguns homens de Estado do Brasil e com varios dos organismos officiais brasileiros mais directamente interessados no problema, muitos escritores, jornalistas e editores das duas bandas do Atlantico.

Não faltam em revistas qualificadas e em jornais influentes do Brasil palavras de louvor à nova e utilissima actividade da Sociedade Luso-Africana, cujo secretario geral Antouio Amorim, é o seu principal animador.

Os portugueses no Brasil continuam pois, em todos os campos, a honrar e a retribuir enaltecendoramente a hospitalidade que a grande Nação lhes oferece, bem justificando um tratamento especial em face dos outros estrangeiros que não querem ao Brasil tanto como eles e não servem tão leal, desinteressada, devotada e utilmente como elles o interesse politico, espiritual e economico da grande Nação, ao mesmo tempo que servem os interesses da Patria de origem.

NUNO SIMÕES

NO verão do ano que vem os reis de Inglaterra visitarão oficialmente o Canadá, e, convidados pelo Presidente Roosevelt a estender a sua viagem aos Estados Unidos, não deixarão de aceitar o convite.

Está este acontecimento diplomatico a pouco menos de um ano de realização. O que não impede que se aventem já hipoteses, formulem votos e se prevejam «sentenças».

Os Estados Unidos têm nos ultimos dois anos deminuido de expressão a sua politica de isolamento da Europa, e nos ultimos meses a acção de Roosevelt tem sido significativa, no que respeita ao apoio moral ás democracias da Europa occidental, que uns classificam de caducas e outras de intelligentemente vigilantes.

O fulcro da viagem régia é, porém, o Canadá; politica interna inglesa de unidade e de confiança.

* * *

O GABINETE inglês — tudo o leva a crer — vai ser remodelado dentro da orientação e presença prestigiosa de Neville Chamberlain.

Certas dificuldades arrumar-se-ão com uma maior coesão e união de forças nacionais.

Sem Duff Cooper, que se demitiu, sem Lord Stanley, que morreu ha dias — o gabinete sofreu duas brechas: uma nas cousas do mar, outra nas cousas das colonias.

Os franceses, que seguem os negocios de Inglaterra com interesse, e com espirito, observam que convem reforçar o ministerio a bem da politica nacional, e mesmo para deixar mais tempo livre e tranquilo a Chamberlain para pescar á cana.

* * *

UM grupo de colaboradores do architecto Pardo Monteiro resolveu promover-lhe uma homenagem que consta da abertura duma exposição de trabalhos seus (planos, projectos e «maquetes»), e dum banquete para o qual se inscreveram já numerosos amigos e admiradores daquele distinto architecto, cuja obra merece justos encomios.

* * *

OS admiradores da elegante pátula do eminente escritor sr. dr. Julio Dantas vão ter amanhã o prazer espiritual de o ouvir, no salão nobre da Academia das Ciencias. E' o insigne presidente da classe de Letras quem trará o perfil literario do admiravel poeta brasileiro dr. Aloysio de Castro, na recepção de amanhã, marcada para as 16 horas.

* * *

ENQUANTO uma luta encarnigada semeia a destruição pelo velho solo da Palestina, alguns architectos preocupam-se apaixonadamente pela sorte do Santo Sepulcro, não pelas ameaças da metralha que corta os ares de Jerusalem, mas pela ruína provocada pelo tempo, que não pára na sua persistente acção destruidora.

Desaparecidos

De casa de sua família, avenida Casal Ribeiro, 1, 3.º, desapareceu a sr.ª D. Maria Pereira Ribeiro da Silva, de 62 anos. Saiu em cabelo e vestia casaco preto e vestido preto. O cabelo é castanho, um pouco enfraquecido. A família, receando qualquer fatalidade, pede a quem souber do seu paradeiro o favor de indicar para a morada acima.

A Cesar o que é de Cesar...

«Sr. director do «Diário de Lisboa»:—A propósito duma notícia publicada ha dias nos jornais da manhã, sobre uma digressão do sr. presidente do Conselho por terras de Entre-Minho e Douro, permitia-me v. esclarecer o seguinte:

A famosa igreja românica de Rio Mau não se encontra situada nos termos da Povoia de Varzim, mas sim nos de Vila do Conde, terra de nobres tradições e muito ciosa de todos os seus monumentos artísticos, que são bastantes.

E' que a vulgaridade de repetição de «lapsos» desta natureza sucedidos entre aquelas duas terras nortenhas e sempre em prejuizo da segunda, briga de tal maneira com o espirito baquista dos seus naturais que pede permissão para esdrabafo—Um modesto villacondense».

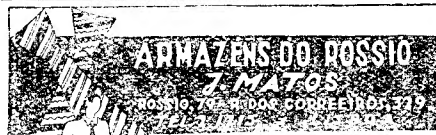
Sufrágios

Americo Silva do Espírito Santo

Na igreja do Coração de Jesus, a Santa Marta, reza-se amanhã, ás 9 e 30, missa comemorativa do 3.º aniversário do falecimento do sr. Americo Silva do Espírito Santo, irmão de Francisco Silva Espírito Santo, empregado da administração do Seculo.

D. Amalia Fernandes Aranda

Por alma de D. Amalia Fernandes Aranda, realiza-se amanhã, ás 10 e 30, na igreja dos Martires, uma missa, mandada rezar por seu filho, o sr. Luiz Aranda.



A GRAVATA
CHIQUE DAS
PESSOAS DE
BOM GOSTO

Retiro da Severa

O Salão preferido pela Sociedade Elegante

Hoje, ás 21 horas NOITE DA MODA

Programa especial de Fados, Canções e Guitarres, com os distintos artistas: Berta Cardoso, Deonilde Gouveia, Aécida Rodrigues, Julio Proença, Xavier Pinto (o Bonzinho do Minho), José Tovar, Armandinho, Zé Manel (o Rei do Cavacinho).—Jantares a 1500.—Primoroso serviço a LISTA.—Servem-se banquetes.
Dia 25—Sensacional estreia dos artistas bailarinos e musicais do WINTERGARTEN DE BERLIM.

Solar da Alegria

A melhor e mais bem frequentada casa de Fados

HOJE: Adelina Ramos, Alice de Oliveira e Manuel Pereira, solos de viola pelo concertista MARTINHO DA ASSUNÇÃO.

Seleção rigorosa—Telef. 28197

Café Mondego

Rua da Barroca, 124-126—Telef. 2 5676

Hoje das 21 as 9 horas: Maria Carmen, Domingos Silva e Modesto Maia. Amanhã: Solos de viola pelo concertista Pais da Silva.

Colete Encarnado

No retiro aristocratico do fado cantam hoje: Lucília do Carmo, Rosa Maria e José Pereira. Amanhã: Francisco dos Santos, o as do fado jocoso.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

“LEGIÃO PORTUGUESA”

Brigada Automovel

Os legionarios da Brigada Automovel devem comparecer sem falta no quartel de Metralhadoras n.º 1, no proximo domingo, 23, ás 9 horas em ponto, devidamente fardados com o uniforme de trabalho.

Em Portalegre

PORTALEGRE, 20.—Com o começo da instrução e de acordo com o programa emanado do comando geral, a ministrar aos novos legionarios, que ultimamente se incorporaram e que pelo seu elevado numero demonstraram que em Portalegre a «Legião Portuguesa» está a tomar maior incremento, realizou-se no quartel de Caçadores 1 uma concentração geral dos legionarios residentes nesta cidade.

Em acto de formatura, foi dado conhecimento do mesmo programa e estabelecidas as directrizes de todos os trabalhos a executar nas especialidades de sinalização e metralhadoras.

Em seguida o comandante distrital, tenente-coronel Aurelio Nunes da Silva, fez uma alocução a todos os legionarios, no sentido de os instruir, quer com os conhecimentos militares que ao exercito são exigidos, quer sobre os compromissos que têm na vida social.

Afirmou que em breve vai abrir a Escola de Graduados, onde se ministrarão os ensinamentos da tática da defesa e uso de gases, com o emprego das características anti-gás, a estabelecer nas povoações e meios rurais.

Devido a esta iniciativa, pensa-se em angariar fundos para a aquisição de mascaras a utilizar pelas forças legionarias e pela população civil, no intuito de ir criando o interesse por tão importante defesa.

MOBILIAS
DA GRANJA

Os mais belos modelos vendidos directamente. exposições permanentes de mobilias, tapetes, estâmines, e estofos: Em Lisboa:—Cafetaria de Sacramento, 6 (ao lado) Em Coimbra:—Avenida Navarro, 41

Os vinhateiros de Armamar
pretendem ser incorporados
na Casa do Douro

ARMAMAR, 18.—A Camara Municipal deste concelho, em representação de 12 freguesias do concelho, enviou ás entidades oficiais competentes, uma extensa e justa exposição, no sentido de que os vinhos nelas produzidos fagão parte da região do Douro, destinados a vinhos de pasto da mesma e que os produtores fiquem incorporados na Casa do Douro, formando uma secção propria.

Na mesma exposição apresentam-se razões concretas e justas, tais como: o concelho ter feito sempre parte da região do Douro; que esses vinhos virgens, considerados pelos tecnicos especializados, optimos vinhos de mesa—em especial os brancos—sem rivais em todo o país e com gradações alcoolicas de 12, 13 e mais graus; que havendo viticultores que possuem vinhos das regiões consideradas vinhos generosos e virgens, cuja separação é só feita dentro dos mesmos armazens, não ser de aconselhar tal criterio, ficando os vinhos desses armazens sob a jurisdição de entidades e corporações distintas; que não tendo os vinhos virgens um preço compensador—que só a Casa do Douro pode conseguir-lhes, ver-se-iam os viticultores na necessidade absoluta de diminuir os salarios do grande numero de trabalhadores rurais que durante o ano ocupam, o que contribuiria para aumentar a crise operaria—já de si tão agravada; que estando todo o concelho compreendido para efeitos da obra de fomento anti-vineola na zona de Trás-os-Montes e Douro, zona que compreende as regiões demarcadas dos vinhos generosos e virgens do Douro, beneficiaria os viticultores, porque veriam os seus vinhos classificados com o respectivo preço grau pela Casa do Douro, ao mesmo tempo que lhes seria feito o respectivo beneficiamento sobre os mesmos, o que os isentaria de recorrer a usurarios ou a vender os vinhos por um preço ridiculo.

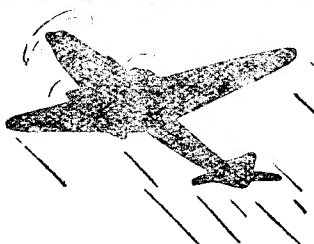
Dr. Lello Portella

retomou a clinica

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato
16 x 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE GOMES N.º 1.1.º ANDAR — (ao lado do) — TEL. 4 7063



CORREIO AEREO

SERVIÇO BI-SEMANAL
PORTUGAL - AMERICA DO SUL
EM 48 HORAS

RESPOSTAS DENTRO DE UMA SEMANA

Aero - Portuguesa

33, R. Alecrim, — Telef. 2 3371

TODOS OS DOMINGOS A'S 8 E 15

para: Marrocos-Africa Ocid. Francesa-Guiné Portuguesa e Francesa-Libéria-Costa do Marfim e do Ouro e AMERICA DO SUL

ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 5 horas da manhã de Domingo

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.

Deutsche Lufthansa A. G.

34, Aven. 24 Julho—Telef. 6 0343

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

para: Las Palmas, Bathurst e America do Sul

ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 9 horas da manhã de 5.ª feira

Serviço Diario para Passageiros, Mercadorias e Correio entre Lisboa-Berlim com escalas em Salamanca, Marsella, Geneve e Stuttgart No Mesmo Dia

A MUSICA

Concerto para os congressistas

Nós, os musicos, temos tambem de ser muito gratos ao V Congresso da Vinha e do Vinho e ao conjunto de circunstancias de que ele foi origem e nos permitiu ouvir não só um programma português de bom nivel com solistas e conjuntos de valor, mas algumas obras novas de especial interesse.

Delas nos occuparemos em primeiro lugar. As três cantigas de Joyce Croner de Vasconcelles, sobre textos portugueses, arcaicos, revelam o gosto requintado, o espirito culto, a sensibilidade aristocratica do jovem compositor. Não sabemos que mais admirar, se a estreita ligação entre o conteúdo musical e o conteúdo poetico, se a factura actual, mas leve e discreta, com distribuição instrumental bem apropriada; independentemente destas qualidades, a terceira cantiga «Bailemos nós já todas três» parece-nos a mais definitiva. Armando Correia manteve as três cantigas no plano de valor europeu, valorizando ao mesmo tempo no mais alto grau as características portuguesas, graças ao metal da sua voz, á sua dicção perfeita, lavada de todas as deformações que tão facilmente atacam os cantores, ao recorte gentil e muito pessoal da sua figura, á sua sensibilidade intensa, mas maleavel e nunca espalhafatosa.

A «Fantasia sobre temas populares portugueses», para piano e orquestra, de Armando José Fernandes, revela já muita coesão e firmeza na construção. E' possível que o autor tenha querido fazer quaisquer concessões; porém essas concessões, em vez de atraírem a musica, tornando-a, como é tão corrente, um agente de subjectivismo, radicaram a sua absoluta preponderancia na formação intelectual de Armando José Fernandes. A «Fantasia» é obra dum sinfonista puro—(no pensamento, não completamente na realização ainda porque só a prática e a experiencia ensinam áqueles que não se cingem aos modelos propostos nas obras alheias). A escrita é por vezes um pouco compacta, mas, assim como acontece com Jorge Croner, é actual sem cultivar excentricidades menos sérias e menos sinceras. Sob o ponto de vista da interpretação, carecia duma preparação que não lhe foi possível obter; muito embora prejudicada, a execução seguiu-se, graças ao dominio e ao excepcional talento de Pedro de Freitas Branco, e á firmeza do compositor que se encarregou da parte de piano, com brilhantismo e bom gosto e uma qualidade de técnica que nos fez aspirar vivamente a um recital.

Ouvimos ainda Arminda Correia em seis Cantos Populares Portugueses, arranjados e orquestrados por Artur Santos, com excelente sonoridade (como acontece com a conhecida e admirada Suite Alentejana—n.º 2—do compositor Luiz de Freitas Branco, que fechava o programa) e quatro trovas de Francisco de Lacerda, de factura perfeita e dum lirismo comunicativo.

O quarteto vocal português tambem contribui com algumas peças do seu repertorio, de feição popular quasi todas. Aplaudimos gostosamente o conjunto equilibrado de bom ritmo e bonitos coloridos, obtido pela conscienciosa preparação e as vozes bem timbradas dos 4 colaboradores, Guilherme Kjolner, Fernando Pereira, Paulo Amorim e Mota Pereira.

Resta mencionar a abertura da «Semiramis», de Marcos Portugal, documento flagrante do tempos que já lá vão; e o exuberante poema sinfonico «Ribatejo», de Frederico de Freitas, levado com toda a garridice por Pedro de Freitas Branco, e a Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional.—FRANCINE BENOIT

Preso que tenta fugir

A noticia que publicamos no dia 18 referente a Daniel Martins, cantor de fados, nada tem com o actor imitador que usa o mesmo nome.

Como evitar o FRIO dentro de casa
economicamente

CALAFETAGEM

das frinchas das janelas, portas e marquises, mesmo as de ferro, pelo processo usado nos países frios, o que não impede que se possam abrir e fechar normalmente Com conforto imediato.

Bobines com 12 metros Esc. 15\$00 com todas as instruções para a sua facilissima colocação. Remessas, pelo correio. Colocação pelo nosso pessoal mais \$50 por metro. Tel. 2 6850. Rua da Conceição, 11 LISBOA

A PRIMEIRA GRANDE NOVIDADE LITERARIA DA PRESENTE «SAISON»

Foi hoje posto á venda em todo o paiz o livro há tantos anos esperado

MEMORIAS DE CHABY

Transcritos e coordenados por Tomaz Ribeiro Colaço e Raul dos Santos Braga

Um grande e grosso volume de 228 páginas com 28 gravuras, em «hors-texte», sendo quatro em «couché» envernizado, sobre cartolina de fantasia.

Riquissima edição impressa a duas cores, com letra inicial de Fernando Bento e capa do mestre escultor Teixeira Lopes.

UM LIVRO DE SENSACÃO

Unicos depositarios: Livraria Portuguesa, Rua do Carmo, 75—LISBOA

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Electuado	Compra	Venda
Consolidado 3 3/4 T. 10.	933\$00	—	—
Consolidado 4 1/2 T. 10.	978\$00	977\$00	979\$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	1.123\$00	1.021\$00	1.024\$00
Consolidado 4 3/4 T. 10.	1.150\$00	1.149\$00	—
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.061\$00	1.162\$00	1.065\$00
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10.	—	—	960\$00
Externas 1.ª série	1.675\$00	1.670\$00	1.675\$00
Externas 1.ª carimbadas	1.763\$00	1.700\$00	1.705\$00
Externas 3.ª série	—	1.660\$00	1.699\$00
Externas 3.ª carimbadas	1.765\$00	1.765\$00	1.768\$00
Cautelas da 3.ª série s.j.	15\$00	150\$00	151\$00

Ações

Esp. S. e Com. Lx. port.	—	—	—
Lisboa e Açores port.	356\$00	356\$00	358\$00
Ultramarino cp T. 10	—	21\$00	22\$00
Portugal port. T. 5	1.699\$00	—	1.695\$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	226\$00	225\$00	227\$00
Nacional	—	1.300\$00	—
Sagres	—	259\$50	259\$50
Agua Lisboa port.	—	150\$10	—
Agua Lisboa 1934 T. p.	—	—	—
Agua Lisboa 1936 T. p.	—	—	—
Cervejas Estrela	504\$00	501\$00	505\$00
Cimentos Fejo	—	390\$00	391\$00
Cimentos Leiria T. p.	350\$00	340\$00	—
Credito Predial	—	108\$10	—
Gas e Electricidade	301\$00	300\$00	301\$00
Alto Alentejo 1.ª 2.ª em.	—	280\$00	325\$00
Alto Alentejo 3.ª 4.ª em.	—	—	320\$00
Industria Aliança	—	98\$00	—
Portugal e Colonias	90\$20	90\$20	90\$30
Nacional Navegação T. p.	141\$50	141\$00	141\$50
Colonial de Navegação	—	330\$00	335\$00
Portuguesa de Pesca	—	—	—
Ind. Farmaceutica	391\$00	391\$50	391\$00
Portuguesa de Tabacos	—	—	—
Tabacos de Portugal	—	—	—
União Electrica Portug.	—	210\$50	219\$00
Cassequin	—	183\$00	192\$10
Agricultura das Neves	—	150\$00	170\$00
Agricultura Colonial	—	—	390\$00
Açúcar de Angola	—	—	—
Buzi 1.ª emissão T. p.	41\$30	41\$30	41\$50
Illa do Principe	—	245\$00	255\$00
Zambesia T. 25	19\$00	18\$00	19\$00

Obrigações

Norta de Portugal 5 %	105\$00	104\$00	105\$50
C. P. 6 %	167\$00	168\$50	167\$50
C. P. 6 % Beira Baixa	170\$00	169\$50	171\$00
Agua Lisboa 4 1/2 cp.	—	83\$00	—
Prediais 5 % 1933	85\$60	85\$50	85\$70
Prediais 5 % 1937	—	81\$50	81\$50
Prediais 6 % 1932 1.ª	52\$00	92\$10	92\$50
Prediais 6 % 1932 2.ª	92\$70	92\$00	93\$00
Prediais 6 % 1934 1.ª	52\$80	—	—
Prediais 6 % 1934 2.ª	—	89\$50	—
E. N. 1. Moagem 5 % T. p.	104\$00	104\$00	104\$50
União Elect. Port. 5 %	—	113\$00	—
União Elect. Port. 6 1/2 %	113\$50	113\$50	114\$00
Buzi 6 1/2 % T. p.	115\$00	114\$00	115\$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 8

CHEQUE CORR.	Compra	Vendas
Londres	110\$15	110\$19
New-York	23\$11.9	23\$13.2
Paris	\$61.6	\$61.6
Berlin	92\$6.0	92\$6.5
Amsterdã	12\$58.6	12\$59.3
Bruxelas	34\$9.8	34\$9.0
Roma	18\$21.6	18\$21.0
Zurich	54\$25.0	54\$25.3
Praga	\$79.4	\$79.5
Rio de Janeiro	18\$6.2	18\$6.3
Burgos (Espanha)	—	—
Libra ouro	—	—

REX—Restaurante—BAR

11, Rua Nova da Trindade, 15—Telefone 2 7391

Foram inaugurados, marcando como sempre o esmerado serviço de cozinha, em almoços e jantares à mesa redonda.

Almoços, 3 pratos, vinho e fruta... 10\$00
Jantares, 4 pratos, vinho, fruta e café 15\$00

Optimas ceias, só no

“REX-BAR”

PROGRAMAS DE HOJE



HOJE, às 21,30—Telef. 27172

As aventuras de Tom Sawyer

uma super-produção com Tommy Kelly, Ann Gillis, Jackie Moran, etc.



ESTREIA

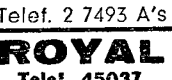
O Sinal Secreto

um filme de Tourjanski com Willy Birgel e Hilde Weibner



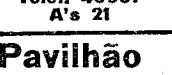
TERRA BENDITA

Duque por um dia



EMISSARIO DE RICHELIEU

TINHA QUE ACONTECER



A's 21 horas

Nobreza Cigana

Guerra sem quartel

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

A grande sensação desta noite é o filme «Quatro Minutos de Vida», que se estreia hoje no Politeama. Trata-se duma obra que gira à volta da terrível descoberta dum sabio—realidade de amanhã—que muda completamente, os destinos humanos. Imagine-se o terrível poder que está na sua mão. Como essa arma, suspensa sobre a vida, pode alterar o curso dos pensamentos de quem quer seja. A expressão do filme, vigorosa, densa, construída em imagens martelantes, vai impôr-se ao publico. Como contraste, o Politeama dá-nos ainda outro grande filme de fundo, mas este, prodigiosamente alegre, esufiante, enlouquecedor: «O A's da Corrida», que se pode considerar uma das mais engenhosas farsas do ano.

Atrás do reposteiro

Entregue a «comêre» da revista «A dança da luta», a actriz-comica Tereza Gomes, algumas rabulas que foram distribuídas a esta artista vão agora ser interpretadas por outros elementos da companhia, entre eles os actores Alvaro de Almeida, Gil Ferreira e Aurelio Ribeiro.

—A direcção musical da revista «A Rua da Paz» foi confiada ao maestro-compositor Frederico Valerio, que está a dirigir os ensaios dos artistas que a vão desempenhar.

—Dois jovens artistas, agregados a outros elementos de valor do nosso teatro de declamação, estão a organizar uma companhia, de que seriam directores, para uma larga «tournée» pela provincia.

—Outra artista que participa na festa de homenagem aos congressistas da Vinha e do Vinho no Palacio de Cristal, do Porto, é a actriz Irene Izidro, que já se encontra naquela cidade.

—Foi fixada para a proxima segunda-feira, a reposição, no Avenida, da comedia «Os Bébés», que vai representar-se em duas sessões e a preços populares.

—O sr. Bernardino Jordão, proprietario do novo Teatro Jordão, em Guimarães, conta poder inaugurar esta casa de espectaculos no final do mês corrente, com a companhia Amelia Rey-Colaco-Robles Monteiro.

—Beatriz Costa vai interpretar na revista «O meu rico S. João», no Porto, três tipos populares, e ainda «O rapaz dos serrotes» e o «Pato Donald», o heroi dos filmes de desenhos animados.

—Todas as noticias referentes ao Maria Vitoria são prematuras, uma vez que o empresario Macedo e Brito, pensa começar ali em breve a sua exploração teatral, para o que está a organizar programa.

—Sabado e domingo realizam-se no Coliseu duas sensacionais «matinéas» em que as crianças até 10 anos e acompanhadas por suas familias

A POLO A's 8,45 e 11 horas
Isclas com elas!
A Unica Revista de Lisboa

MODERNO O café restaurante das familias e dos artistas de teatro
Optimo serviço de chá e torradas. A melhor canja e o melhor bife.
Aberto toda a noite—Avenida da Liberdade

TIVOLI O monumental filme
O Principe e o Pobre
A's 21 e 30
TELEF. 5 0595
Grandiosa realização com Errol Flynn

POLITEAMA ESTREIA
4 minutos de vida
com Boris Karloff
A's 21 e 30
Telef. 26305
O ás das corridas
com George Formby e Florence Desmond

REX SÓ VIVEMOS UMA VEZ
PARIS
Telef. 2 9656
A's 21 e 15
Preços reduzidos (cartão de convite)

LYS Os Fidalgos da Casa Mourisca
Manhas de Amor
Tel. 4 6580

CASINO ESTORIL A's 21 e 30
Maria Stuart

têm entrada gratuita e em que se exibem todas as novidades da grande companhia de circo.

—Os papeis que o actor Carlos Alves estava a desempenhar na revista «Pega-me ao colo» foram distribuidos aos artistas Carlos Leal e Joaquim Prata.

—Lucy Snow e Charles devem fazer a apresentação do seu numero no Coliseu, e dentro da actual companhia de circo, com o grupo de «girls» que os acompanhou a Africa.

—No teatro Nacional, além dos ensaios da peça «Maria Stuart», começou também os trabalhos para a reposição da comedia «O Diabo Azul», de Pereira Coelho e Matos Sequeira.

«Alerta no Mediterraneo», Odéon e Palacio

«Alerta no Mediterraneo» é realmente um filme que honra a cinematografia francesa, como se lê no programa do Odéon e Palacio, que afirma também tratar-se duma obra cheia de tacto e onde se conseguiu um interesse internacional, honroso para todos os Estados visados no filme. Três oficiais de Marinha, um francês, um inglês e um alemão, encontram-se comandando unidades dos seus respectivos países em Tanger, quando ali se comete um crime que pretendia encobrir a existencia de contrabando a bordo dum barco pirata que consegue pôr-se em fuga com a sua perigosa carga—um liquido que em contacto com a agua do mar produz gases mortiferos e que alastram em grande extensão do Mediterraneo. Ao official francês, com assistencia dos das outras duas potencias, é ordenada a perseguição do barco pirata que termina por ser vítima da propria carga, mas cujos gases atingiram o navio de passageiros em que viajam a mulher e o filho do official francês. O inglês e o alemão jogam a vida para salvar a dos entes queridos do seu camarada, e o alemão, gasado pela segunda vez, morre a bordo, sendo-lhe prestada homenagem no final do filme que foi realizado, com a colaboração da Armada francesa e adesão das outras duas referidas.

Pierre Fresnay, Kim Poock e Rolf Wanka representam com nobreza e correcção as figuras dos três officiais, e Nadine Vogel a mulher do francês, sendo também notavel a interpretação doutros «papeis», como um dum sacerdote, varios marinheiros e dum jornalista que, felizmente, não é português.

Dos complementos de tão excelente filme fazem parte magnificos documentarios desportivos, uma evocação das valsas viennenses, actualidades e graciosissimos desenhos animados—Visor 37.

Exitos, todas as noites, no Coliseu

Só tem um caminho a seguir: o do Coliseu, se quer realmente divertir-se esta noite. O imprevisto, a variedade e o brilho de todas as atracções da companhia de circo, fazem desse espectáculo o melhor de todos, a-pesar-de ser o mais barato. Além disso, já viu os «7 Royal Chinês»? Assombrosos! Vá vê-los esta noite. Preços popularissimos. Sabado: «matinée».

AVENIDA A's 9 e 45 horas
A Velha Rabugenta
2.ª feira, 24: «Os Bébés»

MODERNO O café restaurante das familias e dos artistas de teatro
Optimo serviço de chá e torradas. A melhor canja e o melhor bife.
Aberto toda a noite—Avenida da Liberdade

EDEN TRAGEDIA IMPERIAL
um filme de Marcel L'Herbier com Harry Baur, Marcello Chantal, Pierre Richard Willm e Gabrielle Robinne
A's 21 e 30
Telef. 2 0768
COMPLEMENTOS VIVOS

CONDES MARCA DE FOGO
um filme de Marcel L'Herbier com Victor Francen, Sessue Hayakawa, Lisa Delamare e Louis Jouvet
A's 21 e 30
Telef. 2 2523

ODEON Alerta no Mediterraneo
A's 21 e 15
Telef. 2 6283

PALACIO Pierre Fresnay, Rolf Wanka, Kim Poock e Nadine Vogel
A's 21 e 30
Telef. 4 7163

TERRASSE Os Fidalgos da Casa Mourisca
Tel. 2 0917
Flecha de ouro

Novidades CINEMATOGRAFICAS

Lisa Delamare

Foi uma revelação para o publico português a apresentação desta artista no filme que está causando sensação «Marca de fogo», em exibição no Cinema Condes.

Artista sociétária da Comédie Française, Lisa Delamare é pela primeira vez apresentada em Portugal pela casa Filmes Castelo Lopes que tantos artistas de nomeada tem lançado no nosso país.

Na «Marca de fogo» tem aquela illustre comediante cenas estupendas, como aquela em que se arrasta pelo chão, gemendo de dor pela brutalidade dum mongol que a despeito de todo o seu dinheiro não conseguiu desviar do caminho da honra uma mulher que amava o seu marido.

Justo é registrar-se o nome de Louis Jouvet, outro grande artista, que ao nível de Lisa Delamare, pela primeira vez se mostra num papel de responsabilidade que interpreta superiormente. Não falando já em Victor Francen que é, como sempre, duma correcção inextinguível, e Sessue Hayakawa que representa com o facies especial da sua raça.

Espírito e graça

Se as obras de emoção são gratas ao nosso feito de meridionais, as que se nos apresentam cheias de espirito, de frases humorísticas, de situações comicas, não o são menos.

E' por isso que o filme «Irmã de leite» vai ter entre nós um sucesso, tanto mais que a sua frente teremos a alegre fantasia de Lucien Baroux, o genial interprete desse inesquecido filme «O homem da sorte».

Neste filme, voltaremos a ver Henri Garat, o galã que quando esteve em Portugal fez andar a cabeça á roda a muitas meninas. Como «partenaire» veremos a Linda Meg Lemonier, já nossa conhecida.

«Irmã de leite» graciosa charge, seguir-se-á no Condes ao actual filme e proporcionará a todos nós horas de jovialidade e boa disposição.

Que venha!

«Erro judiciario»

Raimu, o colossal Raimu, e a seu lado Pierre Blancher, reaparecerão em breve numa soberba produção francesa «Erro judiciario».

Afasta-se este filme nos seus moldes da habitual efabulação. O misterio, o interesse por desvendá-lo cresce de cena para cena. O publico prende-se no filme, vive-o, sente-o e empolga-se com o decorrer dele. E' uma obra prima que tem percorrido mundo com o titulo de «L'étrange Monsieur Victor».

Uma novidade

Estamos informados de que vai surgir nos nossos «écrans» uma nova atracção cinematografica: um «magazine».

Já temos os jornais de actualidades, alguns apresentando os assuntos com uma oportunidade flagrante, como é, por exemplo o «Jornal Sonoro» que corre nos cinemas Condes, Europa e Rex. Agora teremos um «magazine» com assuntos nacionais e estrangeiros.

Compreende o «magazine» aquilo que os jornais nos não podem dar: contos, notas, perfis, ideias, aspectos, arte, conhecimentos uteis, anedotas, etc., tudo isto vivo, movimentado, ilustrado.

E' uma feliz iniciativa da casa Castelo Lopes que contribue mais uma vez para o desenvolvimento do cinema em Portugal.

«Barnabé»

Estreou-se no Porto, no Rivoli, onde obteve um estrondoso agrado, esta produção que tem características interessantissimas, fazendo-nos lembrar os filmes de Eddie Cantor, pela sua movimentação de figuras femininas, em quadros graciosos e cheios de cor.

Os tangos, as canções, as rumbas, dançados em «feeries» estonteantes, tudo isso polvilhado pela graça do Fernandel, eis o que anima e caracteriza «Barnabé» filme que em França tem alcançado um exito invulgar.

A POLITICA INGLESA

O governo britânico preocupa-se com a defesa nacional

LONDRES, 20.—De fonte autorizada sabe-se que durante a reunião do governo inglês, presidida por Chamberlain, se trataram assuntos da maior importância para o futuro da Grã-Bretanha.

O gabinete examinou os resultados do rápido inquerito feito pelos diversos ministerios em todo o país sobre as necessidades civis e militares da Grã-Bretanha, inquerito que foi ordenado por Chamberlain antes de ter saído para as suas curtas férias na Escócia.

O ministro da Guerra, Moore Belisha, ao expor o seu vasto programa de rearmamento, assim como as providências que se devem tomar urgentemente para a defesa de Londres contra possíveis ataques aéreos, disse: «No Imperio britânico não pode haver problemas separados. Eles formam parte dum sistema de segurança que tem de ser extensivo a todo o país, com a cooperação de todos os Dominions. O programa relacionado com os serviços de defesa começou já a ser intensivamente executado, pois o país espera vê-lo realizado sem hesitações ou meias medidas, o mais rapidamente possível para que não tenha novamente de assistir ao estado de fraqueza que a Grã-Bretanha, recentemente, demonstrou. Devemos, sem demora, recrutar nos nossos Dominions e Colonias uma Legião Aérea Imperial destinada a salvaguardar o coração do Imperio. Servindo-me do relatório feito pelo general Groves, um grande tecnico especializado em assuntos de aviação, devo informar o Conselho de que a Inglaterra possui apenas 1.650 aparelhos de primeira linha; a França cerca de 1.500; a Italia 4.000; a Russia 10.000 e a Alemanha não tem menos de 12.000. A Grã-Bretanha possui apenas cerca de dois por cento do numero de canhões anti-aéreos que são necessários para a defesa do nosso país e por todas as razões já apontadas e ainda por aquelas que o vosso bom senso lhes ditar, é imprescindível que o programa do rearmamento inglês seja levado a cabo com a maior rapidez e eficiência».

O Conselho aprovou por unanimidade um voto de profundo sentimento pela morte de Lord Stanley, ministro dos Dominions, recentemente falecido.

Foi abordada a questão da criação dos novos ministerios do Serviço Nacional, dos Abastecimentos e da Marinha Mercante, sendo quasi certo que o primeiro será ocupado por «sir» John Anderson; o segundo por «sir» Thomas Inskip e o terceiro por Lord Runciman, grande autoridade nos problemas da Marinha Mercante e que será encarregado de organizar os transportes ingleses por mar, no caso de uma possível emergência.

Está já definitivamente assente que o novo ministro da Marinha de Guerra será o conde Stanhope.

Referindo-se ao programa do rearmamento inglês, o «Times» diz: «A segurança da Grã-Bretanha depende apenas de uma condição fundamental, isto é, a nação deve permanecer estreitamente unida, como nunca apoiando incondicionalmente o presidente do Conselho inglês. As reclamações dos partidos e as discussões dos seus próprios interesses devem ser postas de parte. Para que Chamberlain possa levar a cabo o seu vasto programa de segurança nacional, deve ter o solido apoio de todos os conservadores e a boa vontade dos partidos da opposição: esse apoio, estamos absolutamente convencidos, não lhe será negado, pois o patriotismo e a dignidade do povo inglês assim o exigem» (United Press).

AUTOMOVEIS

sichauffeur

Novos modelos e varias marcas. S/limite de horas e preço unico, só na:

Auto Alugadora, Ltd.ª

Rua de St.ª Marta, 246 — Telf. 5 1116

A SESSÃO DA CAMARA MUNICIPAL

Foram aprovadas novas disposições relativas ao imposto destinado ao serviço de incendios

Chamberlain vai ter uma avenida em Lisboa

A Camara Municipal de Lisboa teve hoje a sua reunião pública mensal.

Presidiu o sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho, que deu começo á reunião, ao meio dia, estando presentes todos os vereadores excepto os srs. dr. Ivo Cruz, Alexandre Cunha e Valentim de Carvalho.

Lida a acta da sessão anterior pelo dr. Macedo Barros, e aprovada, foi lido um officio, pelo qual foi requisitado para fazer serviço no ministerio da Guerra o sr. major Beires Junqueira, pelo que foi substituído na Camara Municipal pelo sr. dr. Macedo Santos. Este novo vereador, saudado pela presidência da Camara, afirmou os seus propósitos de bem servir.

O sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho leu tambem um agradecimento do Chefe do Estado, ás saudações que lhe foram dirigidas pela Camara por ocasião da sua viagem ás colonias. E por aclamação foi na sessão de hoje aprovado um voto de boas vindas ao sr. Presidente da Republica.

O sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho leu depois uma proposta referente ás expropriações para urbanização e estradas do parque florestal de Monsanto, fixadas pelos peritos em 2.626.361\$60.

A presidência da Camara propôs o levantamento duma nova planta de Lisboa, por serem deficientes e não actualizadas as existentes, de 1911 e 1935, e ser necessario um instrumento adequado para o estudo de melhoramentos a introduzir na cidade. Sobre o assunto usou da palavra o vereador sr. Julio Martins que, aproveitando o levantamento da nova planta, fez votos por que fosse feita em condições definitivas para base do plano de urbanização da cidade.

O sr. eng. Rodrigues de Carvalho deu explicações acerca da verba a despendar com a referida planta e das restrições feitas aos proprietarios, que vão sendo levantadas á medida que se esclarecem as necessidades da urbanização.

Aprovada a anterior proposta, foi tambem aprovada uma proposta para venda de lotes de terrenos da Camara existentes em varios locais, como na Estrela e no Arco do Cego.

Tratou-se, depois, novamente, do caso da mudança da fabrica do gás de Belem para o Poço do Bispo, no sentido de se abrir concurso publico de material necessario para a referida transferencia, o que foi tambem aprovado.

O sr. eng. Rodrigues de Carvalho leu as alterações introduzidas na escriptura do emprestimo de vinte mil contos feito pela Caixa Geral de Depósitos para a construção de casas economicas, no sentido de lhe serem ratificados os poderes já concedidos. A vereação aprovou, por unanimidade, as referidas alterações e ratificou os

Afundou-se uma falua e morreram afogados os seus três tripulantes?

Esta tarde constou em Lisboa que, proximo da Povoa de Santa Iria se afundou a falua «Lucinda 1», propriedade do sr. Daniel Pessoa, morador no Samouco, e que estava registada na delegação maritima do Barreiro. A falua transportava arca e era tripulada por Joaquim Pereira, arrais, Ivo Bernardo e Antonio Pessoa, que se supõe terem morrido no naufragio.

Na Policia Maritima, onde procurámos informações sobre o sinistro, nada constava oficialmente. Procedeu-se, contudo, ás necessarias investigações.

NOVAS CONSTRUÇÕES NAVAIS

Sob a presidência do sr. contra-almirante Ramalho Ortigão, chefe do Estado Maior Naval, reuniu-se esta tarde, novamente, naquele organismo, o Conselho Tecnico Naval, para ultimar o estudo das diversas propostas apresentadas ao concurso aberto pelo ministerio da Marinha para a construção de um navio-tanque para a nossa Armada.

As conclusões serão depois enviadas ao sr. ministro da Marinha, para decisão final.

actos administrativos praticados pela presidência em varios processos, aquisições de predios, etc., desde a ultima sessão.

O sr. eng. Rodrigues de Carvalho prestou em seguida varios esclarecimentos referentes ao contrato da empreitada de pavimentação da avenida Almirante Reis até á rua da Actriz Virginia, preliminar do prolongamento até á Portela de Sacavem.

O presidente leu depois um relatório relativo á educação fisica, no sentido de serem construídos pela Camara varios campos de jogos, cuja inauguração deve fazer-se na altura do duplo centenário e permitir que já ali se realizem notaveis festividades desportivas para as quais serão criados premios que as estimulem.

Sobre o assunto usou da palavra o vereador sr. Francisco Marques, após o que foi aprovada a materia contida no referido relatório.

Falou-se depois da criação de impostos para o serviço de incendios, como ordena o novo Codigo Administrativo. A colecta de 1/2 por mil estabelecida para a propriedade urbana parece que tem sido iludida por alguns proprietarios nos seguros feitos em companhias. A Camara tem publicado editais solicitando as respectivas declarações dos proprietarios e aceitando as suas reclamações quando justas, mas a presidência entende agora estabelecer disposições regulamentares sobre o caso, pelo que apresentou uma proposta, que foi aprovada, e pela qual os proprietarios de predios urbanos existentes na area do concelho e não seguros em sociedades legalmente autorizadas, ou seguros por valor inferior ao da matriz, são obrigados a apresentar na 3.ª Repartição—Impostos e Licenças—da Direcção dos Serviços de Finanças, uma declaração da qual conste o nome do proprietario, a morada, localização do predio, seu valor matricial ou locativo, valor seguro, se o houver, numero da apolice da companhia seguradora, data e numero do recibo do pagamento do premio de seguro. Com esta declaração, feita em modelo fornecido pela Camara, devem os proprietarios apresentar a caderneta predial, e, na sua falta, declaração do valor locativo da propriedade, bem como prova de terem ou não seguro o seu recheio, tudo isto até 31 de dezembro proximo futuro.

A inexactidão das declarações será punida com multas.

Foi depois aprovado que se dê o nome de Neville Chamberlain a uma das avenidas previstas no novo plano de urbanização da cidade.

Finalmente, foi aprovado um voto de louvor ao sr. engenheiro Augusto Vieira da Silva pela forma como dirigiu a reedição da obra «Lisboa Antiga», de Julio de Castilho.

De mal agradecidos...

O sr. Manuel Duarte, porteiro do predio n.º 16 do largo da Trindade, recolheu por esmola no seu cubiculo Ernesto de Jesus Vieira, o «Enguia», que já tem quatro prisões por furto. Certo dia, o meliante desapareceu com varias peças de roupa que pertenciam ao seu benfeitor.

Para não continuar a ser roubado, pois supunha que o «Enguia» tivesse uma chave falsa de que se servia para praticar os furtos, o porteiro passou-se com armas e bagagens para as aguas-furtadas do mesmo predio.

Dias depois, quando o sr. Manuel Duarte entrava no cubiculo, verificou que as suas suspeitas se tinham confirmado, pois o seu protegido ia dormir ali todas as noites. Participou o caso á Policia e o «Enguia», foi parar ao Torel.

O CASO DO PARQUE MAYER

Foi hoje submetido a exame medico pelos peritos do Instituto de Medicina Legal o sr. José Rodrigues Prieto, que ha tempos soffreu uma agressão por parte do cavaleiro tauromáquico Manuel Casimiro, e que ha dias teve alta do hospital de S. José.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

ESTUDOS MEDICOS

O professor Aloysio de Castro falou hoje no Hospital Escolar de Lisboa

A abertura do novo ano lectivo fica assinalada por intensa actividade nos meios dos estudos medicos da capital. Ainda ha poucos dias registámos o começo duma serie de lições sobre «cancer e seu tratamento» no Instituto Português de Oncologia, que tem trazido perante um publico escolhido de interessados algumas das figuras mais eminentes da oncologia europeia, e já hoje nos cumpre noticiar a presença, no hospital Escolar, duma personalidade eminente de além mar: o professor brasileiro dr. Aloysio de Castro, que veio a Portugal como representante do Instituto Lusobrasileiro de Alta Cultura e aqui resolveu fazer duas interessantissimas conferencias.

Na sala de conferencias do Hospital de Santa Marta reuniram-se esta manhã numerosos professores, assistentes e outros medicos para escutar aquele conhecido mestre da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Presidiu o sr. professor Celestino da Costa, director da Faculdade de Medicina de Lisboa, ladeado pelos srs. professores Egas Moniz, director do Instituto de Neurologia, e Adelino Padernu, director do hospital Escolar.

O sr. professor Celestino da Costa usou em primeiro lugar da palavra para salientar o interesse das duas conferencias annunciadas, dada a alta categoria do autor.

Em seguida, o sr. professor Egas Moniz fez a apresentação do sr. professor Aloysio de Castro, começando por se referir á sua actividade medica, especialmente no campo de neurologia, em que possui trabalhos notabilissimos, de larga projecção internacional.

Lembrou que, se como medico e neurologista, o sr. professor Aloysio de Castro é, na realidade, uma pessoa de alto valor, como artista e tambem muito notavel, pois cultivava a poesia e a prosa, com excepcional felicidade, e é um musico admiravel, que executa ao piano com profundo sentimento e compõe obras de verdadeira inspiração.

Acentuando, por fim, que o sr. professor Aloysio de Castro é tambem um grande amigo de Portugal, disse:

— Na patria comum—Portugal-Brasil,—que a mesma lingua protege e a mesma sentimentalidade unge, num bloco indestrutivel, Aloysio de Castro é o defensor de uma maior comunhão dos dois povos nos dominios da cultura, pela aproximação das Faculdades e intensificação do intercambio intelectual.

O sr. professor Aloysio de Castro dirigiu então os seus agradecimentos aos srs. professores Celestino da Costa e Egas Moniz, pelas referencias que lhe fizeram, e manifestou a sua comovida satisfação por se encontrar de novo em Portugal.

Entrando no tema da sua lição—«Novos estudos sobre reflexos nas doenças nervosas»—o illustre professor brasileiro apresentou varias observações pessoais e de medicos do seu país, cujos trabalhos pôs em relevo. Na sua lingua encantadora, o sr. professor Aloysio de Castro prestou sentida homenagem ao professor E. Vampre, de S. Paulo, que faleceu este ano, quando falava na sua cathedra.

O conferente terminou por se referir em termos calorosos á amizade luso-brasileira, de qual tem sido tão ardente paladino.

No final, o sr. professor Aloysio de Castro foi saudado com uma vibrante salva de palmas e muito cumprimentado pelos professores e assistentes que assistiram á conferencia.

No proximo sabado, ás 11 e 30, o illustre professor falará sobre «Estudos brasileiros de cardiografia».

Instituto de Oncologia

No Instituto Português de Oncologia, realizou esta noite, ás 21 e 30, a sua primeira lição sobre o problema do cancro do estomago o professor H. Cramer, de Berlim.

Visita patriarcal a Evora

EVORA, 20. — (Pelo telefone). — Encontramos nesta cidade o sr. dr. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardinal Patriarca de Lisboa, que veio acompanhado do seu secretario particular, sr. dr. Carneiro de Mesquita, e do monge beneditino rev.º Martin, em visita ao sr. D. Manuel Mendes da Conceição Santos, arcebispo de Evora, que esperou o automovel de Sua Eminencia em Montemor-o-Novo.

Depois do almoço, no Paço, o sr. dr. Manuel Cerejeira visitou a quinta de Santo Antonio extra-muros da cidade, para verificar se as respectivas dependencias poderão ser adaptaveis para o Seminario Diocesano.

O sr. Cardinal Patriarca recebeu no Paço a visita de varias entidades officiais.

A GUERRA SINO-NIPONICA

-0-0-

As tropas japonesas

ganham terreno

em direcção a Han-Keu

HONG-KONG, 20.—O avanço das tropas japonesas contra Cantão prossegue veloz. Os japoneses esperam isolar Cantão por seis posições. De fonte não oficial, informa-se que os chineses enviaram para o sul cem aviões que já travaram combates com a aviação japonesa, derrubando-lhe grande número de aparelhos.—(United Press).

Os japoneses ganham terreno

TOQUIO, 20.—Os hidro-aviões de reconhecimento verificaram haver no rio das Perolas barragens de barcos e canhoneiras. Nos círculos navais afirma-se que essas barragens não prejudicam muito o ataque contra Cantão.

Segundo telegramas oficiais, confirma-se a tomada de Tseng Xing e Xequê Lung, pelos japoneses. A este respeito o almirante Noda fez notar aos jornalistas que com a queda destas duas vilas e mais a de Uai Teheu e Poklo, toda a parte do Kuantung a sul do rio de Leste, se encontra por completo isolada e que ficam interrompidas todas as comunicações ferroviárias entre Cantão e Kau Lung. Esta mesma individualidade sublinhou que as novas operações nipônicas não tinham suscitado qualquer complicação internacional. Acrescentou que esperava que não haveria incidentes. Nenhuma nação estrangeira a quem nos dirigimos—disse—nos respondeu sobre as nossas propostas quanto aos perigos a evitar nas zonas de operações militares. Todavia, devo notar que nenhum navio estrangeiro se encontra nas referidas zonas.

Sabe-se por outro lado que os chins tinham minado a baía de Bias, mas que os nipões conseguiram rebentar as minas sem dificuldade.

No Ministério da Marinha informam ainda que os japoneses continuam a subir o rio Amarelo que vão desembarcando das barragens e minas. As águas do rio, de ordinário muito baixas nesta época, têm este ano nível suficiente para os barcos poderem navegar. No mesmo ministério informam que os chins começaram a retirar de Tayeh, importante centro de minério de ferro a sul do rio Amarelo.—(Havas).

Uma proposta dos japoneses para o abastecimento de Hong-Kong

TOQUIO, 20.—O informador da Marinha japonesa declarou que duas firmas se encarregariam do transporte de todas as provisões, incluindo hortaliças e carne, da Formosa para Hong-Kong, sem qualquer lucro, se as Grã-Bretanha aceitasse as propostas feitas na segunda-feira pelo consul geral nipônico de Hong-Kong. Exorimiu, além disso, a satisfação pelo facto da expedição nipônica ao sul da China não ter provocado até à data nenhuma complicação internacional e por a Grã-Bretanha ter dado provas de leal compreensão.—(Havas).

Ainda a vaca está no prado...

TOQUIO, 20.—A prefeitura da Polícia determinou que a celebração das quedas iminentes de Han-Keu e de Cantão deve obedecer ao seguinte: 1.º—Limitar-se a uma semana que começará quando se receber a notícia dos quartéis gerais imperiais; 2.º—As manifestações assumirão carácter sóbrio e digno, evitando-se a exultação; 3.º—Devem desenvolver-se sob a palavra de ordem «tenacidade e perseverança» para se sublinhar que ainda não terminou o período dos esforços nacionais; 4.º—As mesmas manifestações tomarão a forma de desfiles com balões, archotes e bandeiras precedidos de bandas de música, com a exclusão de qualquer publicidade comercial.—(Havas)

Para boas fotografias exila a película

GEVAERT
SUPERCROM

Garcez, Ld.^a Chiado

VIDA ARTISTICA

O II Salão de Arte Moderna

na Sociedade Nacional de Belas Artes

Não vamos avaliar se, em conjunto, este II Salão de Arte Moderna é melhor ou pior que o anterior. O publico, que tem bem afinada a sua balança da justiça, decidirá, sem necessidade de conselho critico. O que é curioso é a ausencia de muitos dos nomes que têm figurado em certames deste genero, com esta expressão, e vindos por semelhantes caracteristicas. Isto significa, que depois deles já veio segunda camada, que busca orientar-se, dentro da modalidade dos processos plasticos estabelecidos, ou que—segunda versão—os ausentes, a caminho da consagração, não querem acompanhar com os «novatos». Mas ha ainda uma terceira hipotese, talvez a mais plausivel: é que os artistas deixam de ser modernos—isto é, rebeldes, inconformistas, bizarros revolucionarios—quando encontram a formula precisa, que inteiramente se adequa á sua sensibilidade. Ai param, cultivando o seu eu, segundo um traçado rectilíneo. Podem ser melhores que anteriormente, mas já não criam—recriam.

Nesta exposição simples, razoavel, dir-se-ia, que a pintura serve de fundo decorativo á escultura que povoa os salões, representada por dezenas de peças. Um dos nomes que se destacam é o de Delfim Maya, de quem gostamos a valer. Trabalha com laminas de metal, pratas e ferro, construindo em pleno movimento grupos equestres, trechos de redondez, ou, então, bravos gauchos e elegantissimos «jockeys»—fixando-os seja qual for a sua atitude delata ou de defesa, de arremesso ou de cavalgada. O ferro estiliza-se nas suas mãos, e desprezando pequenos pormenores que nada dariam, Delfim Maya consegue, em formas ardentes, frementes, animar os seus modelos, que nos dão sempre a impressão vertiginosa da velocidade pura.

Hein Seinke é um escultor que não trai a sua origem germanica. A sua obra oscilla entre um medievalismo, aparentemente brutesco, e um construtivismo geometrico, de expressão modernissima. Se o busto do poeta Antonio Navarro é, demasiadamente grande, sem que por isso acentue o vigor, a massa e os contornos da mascara, o auto-retrato é, porventura, mais energico e mais intenso de investigação psicologica. Mas quem ha de conhecer melhor o artista de que ele proprio? Os seus altos relevos decorativos, um deles, por exemplo, uma mulher nua, rodeada de caras, uma delas de monoculo, outras vincadas de rictus, ou mesmo, voluntariamente, inexpressivas, têm qualquer coisa de pesadello apocaliptico. Irene Silva Pereira apresenta um busto fisicamente cinzelado, duma grande emoção, e Celestino Tocha uma escultura que revela as suas brilhantes aptidões.

Raul Xavier foi um dos que trabalharam mais. Está ali um estatuario que trabalha, directamente, a materia, como o faziam os grandes artistas da renascença. Sobrio, consciencioso, duma indiscutivel seriedade, o artista tem três cabeças exemplares de tecnica que pertencem á vida, tão alto é o seu grau de serena e meditativa beleza.

Pintura. Amaro Junior tem uma linda mancha. Intituiu-a, com simplicidade «Apontamento», e vale o que o artista pede no catalogo. Tem certo parentesco com Julio Santos, que adiante veremos. Maria Gago é uma estreante. Pelo menos, não recordamos ter visto, anteriormente, trabalhos seus. Tem já acento plastico, mas não é feliz na escolha dos assuntos.

Manuel Roque Gameiro é uma revelação de certame.

Deve pertencer a essa grande familia de artistas, que teve por mestre o inolvidavel Roque Gameiro. Acusa uma personalidade curiosa. Trabalha, apenas, com cinzentos e com a sua enternecedora sensibilidade. O retrato das crianças é duma deliciosa frescura, duma graça mieuve, que se oferece espontanea, radiosa.

O Zé da Horteira e o Pedro ficaram-nos na retina. Pedro Guedes fez-se representar, e Manuel Lapa tem um São Cristovão, que nos lembra Greco, numa grande fogueira de encarnados, e até pelo lançamento da figura. Vimos de novo a Mulher a dias, tela de caracter populista, que já nos havia impressionado no S. P. N.

Francisco Maia tem umas Casas velhas de Arroios, que são curiosas. Alvaro Perdigão é um polo magnetico do salão. Gamas finas, observação do pitoresco das ruas, e até a bizarraria de apontar as caras, sem insistir na arquitectura fisica. Via Publica—é o melhor. Julio Santos, com os seus castanhos e vermelhos asperos, ocupa uma cabeceira. A sua tela de Estremoz é um pedaço rudo, bem representativo do territorio local. Casa na estrada, uma casa amarela, misteriosa, que parece sofrer de patetico humano, tratada a pincel largo, em «epochades»—é das suas obras mais representativas.

Outros nomes, como Beatriz Schiapa de Azevedo, Antonio Serpa, Silva Lino, e chegamos a Tom, com os seus recantos pitorescos de Lisboa e de Coimbra, muito embevecido na arquitectura dos bairros velhos. O casario de Alfama, com as suas vielas animadas e pitorescas, é um fragmento de poesia citadina.

Citemos ainda Jorge Valadas, com uma figura decorativa do Algarve; Frederico George, com umas mascaras alucinantes, a carvão, e a cabeças, vigorosas e caracteristicas de Maria Adelaide Lima Cruz.

De ontem para hoje

Na provincia

■ A tromba de agua que caiu na região de Vila Real engrossou consideravelmente o rio Cabril, que saiu do leito e arrasou os campos marginaes. Os prejuizos são consideraveis.

■ Um grande incendio devorou parte duma fabrica de resina de Soure.

No estrangeiro

■ O coronel Beck, ministro dos Estrangeiros polaco, conferenciou na Romania com o seu colega do gabinete de Bucareste e depois com o soberano romeno. Precedeu-se uma longa troca de impressões sobre os problemas que interessam os dois paises.

■ O conselho de ministros britânico ocupou-se das relações anglo-italianas, da situação na Palestina e da defesa nacional. Após a reunião, Chamberlain conferenciou com os ministros da Coordenação da Defesa, da Aeronautica e do Interior.

■ Numa fabrica de Colonia deu-se uma explosão de acetona, que provocou a morte de 3 operarios.

■ Foi dado como perdido um navio de carga com 13 tripulantes, que navegava entre Copenhague e Antuária.

■ O sr. A. Rodrigues fez em Londres, no King's College (Secção portuguesa), uma conferencia sobre o Estado Corporativo português, a que presidiu o nosso embaixador naquela capital.

O PORTO pelo telefone

Gatuno reincidente

PORTO, 20.—Deu hoje entrada no Aljube, do Porto, vindo de Gondomar sob prisão, o conhecido gatuno cadastrado Atanásio Paulo Fonseca, restucador, sem residencia conhecida que acabara há pouco tempo de cumprir a pena de 11 anos de prisão por burlas cometidas.

Pouco depois de sair da prisão, o Fonseca e a amante começaram novamente, o primeiro a praticar roubos, e a segunda a empenhar objectos roubados, acabando por serem novamente presos.

Os furtos agora praticados elevam-se a alguns milhares de escudos, sendo os queixosos em grande numero.

Imposto para o serviço de incendios

A Companhia de Seguros LA PRÉ-SERVATRICE, comunica a todos os seus Ex.^{mos} Segurados e proprietarios de predios urbanos em Lisboa, que na sede da sua Delegação Geral em Portugal, rua Nova da Trindade, 10 Telefones P. A. B. X. 2 9193-2 9194, lhes serão fornecidos todos os esclarecimentos respeitantes ao cumprimento do disposto no § 1.º do Artigo 604, do Código Administrativo e principalmente no que diz respeito á entrega das declarações, á Ex.^{ma} Camara Municipal de Lisboa, a qual tem de ser feita até ao dia 31 do corrente.

Os srs. proprietarios deverão apresentar a Caderneta Predial Urbana.

A AGUA DAS LOMBADAS é muito diurética devido á sílica que contém.

A UVA E O VINHO

-0-0-

Os congressistas partiram

em excursão

ao norte do país

(Do nosso enviado especial)

SANTAREM, 20.—(Pe'lo telefone)—Os congressistas da Vinha e do Vinho, e dos Estudos Científicos do Vinho e da Uva partiram hoje para duas excursões: uma apenas á Quinta da Cardiga e outra com prolongamento até ao norte e com cinco dias de duração.

Depois de atravessarem a zona de extensos vinhedos onde se produz o vinho da região de Torres, os excursionistas fizeram a primeira paragem em Corujeira, onde foram recebidos com foguetes e morteiros.

Na quinta do sr. Santos Lima foram os nossos hospedes amavelmente recebidos pelo seu proprietario que, na grande e moderna adega, lhes ofereceu um excelente e farto «Vinho de honra», e lhes deu as boas vindas, que o presidente do Congresso da Vinha e do Vinho, sr. Barthe, agradeceu.

Depois da passagem em Alenquer, no Carregado e na Azambuja, o cortejo atravessou o Cartaxo, onde foram queimadas girandolas de foguetes e houve grande manifestação por parte do respectivo rancho regional e do povo, que aclamou os congressistas enquanto a banda da vila tocava alegremente.

Ao meio dia, os congressistas chegaram a Santarem onde foram recebidos nas Portas do Sol, hoje Parque de D. Afonso Henriques, pelo sr. governador civil e outras individualidades locais.

A banda dos bombeiros executou variado repertorio, enquanto os excursionistas admiravam a soberba paisagem que se estendia a seus pés.

Foi servido um «Extremadura de honra», durante o qual falaram os srs. Antonio de Bastos e Schuster, chefe da delegação alemã, que brindou por Santarem e pelo seu povo. Os congressistas assistiram em seguida, da ponte de Almeirim, á primeira parte do programa tauremaquico organizado pelo engenheiro agrônomo sr. Antunes Junior, chefe da 10.^a brigada Técnica do Ribatejo: uma passagem de touros dos ganaderos Andrade & Irmãos, belo espectáculo que a todos entusiasmou. O lavrador sr. José Mafieito e outros conseguiram apartar alguns touros com arrojo e destreza admiráveis.

O sr. Vasco de Andrade, que nos dera pouco antes o espectáculo dalgumas belas varas, preparou em Almeirim uma interessante recepção aos congressistas, a quem lindas moçilas com os seus garridos trajes, ofereceram vinhos, aguardentes e «vermouths» daquele conhecido ganadero e viticultor, enquanto uma banda tocava o hino nacional.

Em Alpiarça estalaram morteiros e foguetes e realizou-se a festa da Adiafa, do pessoal do lavrador Manuel Gaspar. As vindimadeiras, cantando ao som do harmonio, desfilaram ante o cortejo automobilístico e algumas delas distribuíram passas ás senhoras.

A entrada da Chamusca, os campos do ganadero Norberto Pedrosa e diversos lavradores da região prestaram a guarda de honra aos viajantes, empunhando os classicos pampilhos. Seguiu-se uma visita ás propriedades daquele criador de gado, onde sucessivamente desfilaram ovelhas, cabras, porcos, cavalos, bois, vacas e toiros, num quadro cheio de cor, movimento e caracter, no meio da algazarra dos campos e da assistência.

Perto da Golegã os automoveis tornaram ao longo da estrada, e os congressistas assistiram á passagem a galope dum grupo numeroso de campos chefiados pelo ganadero dr. Emilio Infante da Camara. E deu-se entrada na quinta da Cardiga, onde se assistiu á apanha da azeitona por numerosas mulheres e raparigas que cantavam, como símbolos de alegria no trabalho.

Os congressistas foram amavelmente recebidos pelos directores, srs. Rui de Andrade, conde de Murça e Luiz Sommer, pelas senhoras da sua familia, e pelo administrador geral da Sociedade, sr. Luiz Ramos, presidente da Camara da Golegã.

Na antiga adega dos Frades realizou-se um almoço seguido duma exhibição de jogo de pau num terreiro. Depois a excursão seguiu para a Batalha, onde prestará homenagem aos soldados portugueses, e dali para a Curia, onde pernottam.

PLAGIO DUM LIVRO DE ENSINO?

Proseguem no Tórel as investigações acerca duma queixa apresentada pelo prof. sr. Antonio Lobo Vilela, que acusa de plagio o autor duma obra de matematica. Foram ouvidos pela Policia diversos professores. Devem dar o seu parecer sobre o caso, como peritos, a-fim-de-se concluir o processo, dois lentes da Faculdade de Ciencias.

Mocidade Portuguesa Feminina

Curso de graduadas

Em todos os centros da M. P. F., onde se não prestados os devidos esclarecimentos, está aberta a inscrição para o Curso de Graduadas, que funciona no Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho a partir do princípio de novembro.

Encerra-se a inscrição no dia 28 do corrente.

MOCIDADE PORTUGUESA ESTUDANTES

Uniformes e livros de estudo com pagamento a

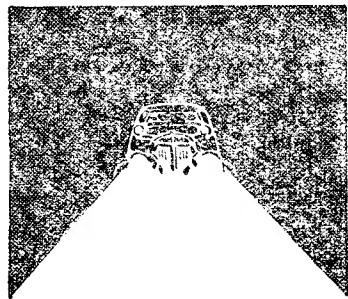
PRESTAÇÕES

DIAS DE CARVALHO L.^{da}

Rua dos Correios, 104, 3.º-D.
P. S. X. 26738



ARRANQUE MAIS VELOZ



COM ESTE OLEO DE MOTOR PARA EXTRA KILOMETRAGEM (23% mais duradouro)

O novo VEEDOL flui livremente logo à primeira rotação do seu motor—mesmo a 20 graus negativos! E graças à famosa "Película de Protecção" do VEEDOL, sobre a qual até os êmbolos mais frios deslizam brandamente, o seu motor "pegará" mais depressa—sem atritos nem fadigas prejudiciais.

O novo VEEDOL é 23% Mais Duradouro—economia multiplicada em quilómetros-por-litro! Reduz as despesas e aumenta o rendimento, qualquer que seja o carro.

Extra-eficiência . . . extra-kilometragem . . . extra-economia! Porque não deixar que o novo VEEDOL introduza estas vantagens sem preço no seu próprio automóvel? Experimente hoje mesmo o novo VEEDOL!

VEEDOL

Distribuidores Gerais para Portugal:

S. I. O. L.

Sociedade Importadora de Oleos, Lda
LISBOA

Rua da Prata, 80—Tel. 23285
PORTO

R. Candido dos Reis, 93/95
Tel. 1838

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:~

Baronesa da Ribeira da Pena, D. Eugénia Braamcamp de Melo Breyner da Camara, D. Maria Emilia Duarte Silva de Macedo Santos, D. Sara Viana de Meireles e Vasconcelos, D. Inês Coverley, D. Maria Luíza de Abreu e Lima Queiroz Veloso, D. Judite de Azevedo Ennes, D. Maria Isabel de Saldanha, D. Maria Gabriela da Fonseca de Bivar, e D. Maria de Lourdes Borges de Castro.

CASAMENTOS

Em Cascais, celebrou-se ontem na paróquia de Nossa Senhora da Assunção, presidindo ao acto o prior da freguesia, reverendo Moisés da Silva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Julia Gonçalves Vilar, gentil filha da sr.ª D. Felicia Gonçalves Vilar, e do nosso amigo sr. Armando Vilar, director do Casino Estoril, com o engenheiro sr. Victor Jacinto da Costa, filho da sr.ª D. Ernestina da Costa e do illustre engenheiro sr. Jaime Jacinto da Costa. Serviram de madrinhas a tia paterna da noiva, sr.ª D. Ema das Dores Pereira Vilar Gomes, e a mãe do noivo e de padrinhos o tio paterno da noiva sr. Albino Emilio Fernandes Gomes, e o pai do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimonia, durante a qual a orquestra do Casino Estoril executou no coro varios trechos de musica sacra, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, em Cascais, um finissimo lanche. Os noivos a quem foi oferecido muitas e valiosas prendas, partiram para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

Com grande brilhantismo, celebrou-se na basilica da Estrela o casamento da sr.ª D. Maria da Graça Hintze Ribeiro Jardim (Valença), gentil filha dos srs. condes de Valença, com o sr. Augusto Soares de Albergaria de Ataíde, filho da sr.ª D. Maria Luíza Soares de Albergaria Leite de Vasconcelos de Ataíde, e do sr. dr. Luiz Bernardo Leite de Vasconcelos de Ataíde. Serviram de madrinhas a prima da noiva sr.ª D. Margarida Hintze Ribeiro da Silveira e a mãe do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o tio materno do noivo sr. Eduardo Soares de Albergaria. Presidiu ao acto o prior da Lapa reverendo monsenhor dr. Domingos Nogueira, que antes da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimonia, durante a qual foram executados no órgão varios trechos de musica sacra, foi servido no elegante palacio dos pais da noiva, um finissimo lanche. Os noivos, a quem foi oferecido grande numero de valiosas e artisticas prendas, seguiram para Cascais, onde foram passar a lua de mel.

Realizou-se no domingo passado o casamento da sr.ª D. Maria da Ascensão Campos Costa, com o sr. Jacinto José Pessanha. Foram padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Sara Costa Baltazar e o sr. João Gonçalves Baltazar Junior e por parte do noivo a sr.ª D. Maria do Carmo Ramos Alves e o sr. Anibal Teixeira Alves, tendo sido servido, depois do acto, em casa do tio do noivo, sr. João Francisco Costa, um delicioso "copo de agua".

NASCIMENTOS

Teve um parto muito feliz a sr.ª D. Maria

CARTAZ

TEATROS

APOLLO—A's 20 e 45 e 23.—«Isas com elas»
AVENIDA—A's 21 e 45.—«A Velha Rabugenta»
COLISEU—A's 21 e 30.—«Companhia de Circo»

CINEMAS

S. LUIZ — A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 às 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
POLITEAMA—A's 21 e 30.
REX—A's 21 e 15.
ROYAL—A's 21.
SALAO IDEAL — Rua do Loreto.

Novo engenheiro

Concluiu a sua formatura na Faculdade de Engenharia do Porto o sr. Antonio Mendes Alcantara, natural de Coimbra, filho do sr. Francisco Mendes Alcantara, funcionario da Imprensa Nacional de Lisboa.

Pequena industria

Procura-se socio que disponha de pequeno capital para a sua exploração. Dão-se todos os esclarecimentos. Carta á Rua da Rosa, 57, 2.º, ás letras, A. G.

Natalia Madureira Pinto. Foi seu medico assistente o sr. dr. D. Pedro da Cunha. Mãe e filho estão muito bem.

NA COSTA DO SOL

Assistencia elegante ao «chá dansante» de domingo passado, no salão do restaurante do Casino Estoril:

Condessa de Idanha-a-Nova, viscondessa do Tojal, D. Maria de Paiva de Andrade, D. Sara Burnay de Paiva de Andrade, e filha, D. Maria Fernandes de Aguiar, D. Idalina Alice de Oliveira Aguiar, senhora do coronel Mendonça, D. Ema Barjona de Bivar, D. Gabriela Ramires dos Reis e filha, D. Ilda Hipolito Correia, D. Alice Sousa Melo e filha, D. Ida Xavier de Brito Barata e filha, D. Palmira Lucas Torres, D. Felizmina Canas Cardim, D. Tomazia Canas Ereira, D. Alice Canas de Aguiar, D. Elícia Gonçalves Vilar e filha, D. Emilia Aranha Gonçalves, senhora de Auziello e filha, D. Arminda Machado Rangel dos Santos, D. Julia Camacho Santos, D. Catarina Borges Horta e Costa, D. Maria Luíza Pinto de Gouveia, D. Suzana de Castro e filha, D. Vanda Moreira Ressano Garcia e filhas, D. Carlota Ressano Canougia Anahory, D. Orminda Pereira Cardoso e filha, D. Emilia Neto Afonso de Pereira Coutinho, D. Ana Maria de Noronha Pais de Ramos, D. Maria da Franca de Melo Osorio, D. Rita de Carvalho Daun e Lorena de Calheiros e Meneses, D. Maria Manuela de Orey Roquete, D. Maria Carolina Paraíso Duarte Mourão, D. Maria Amelia Lucas Torres de Farinha e filha, D. Sime Cohen Zaguri Casés, D. Natalia Cohen Zagury Contreiras, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Rosa Barroso de Matos Cid e filhas, D. Adelia Diniz de Almeida, D. Estrela de Carvalho Papulim e filha, D. Lina de Andrade, D. Olinda Cortegão Alves e filha, D. Maria Cristina Rino Frois Pinto da Silva, D. Jacinta Gomes Barbosa e filha, senhora de Calabresi e irmã, D. Paulina Clemente Pinto, D. Laura Pinto, D. Maria Luíza Cisneiros Ferreira Horta e Costa, D. Maria Elízio dos Santos, D. Ilda Santos David e filhas, D. Maria Luíza Ferreira Cardoso Demostier, D. Maria Pia da Fonseca e Castro Fernandes de Sousa, D. Lennie de Baca, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria José Canas da Costa e Silva, D. Maria Francisca Mouron de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria Ana, D. Maria de Lourdes Portocarrero da Camara Mesquita, D. Maria Luíza Mateus dos Santos, D. Maria de Jesus de Almeida de Orey, etc.

DOENTES

Na Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco foi operada com muito exito pelo sr. dr. Bernardo Vilar a violoncelista sr.ª D. Maria Morgado.

EM VIAGEM

Com sua filha, a sr.ª D. Maria Margarida de Matos Chaves Supardo de Jesus, partiu para Paris, donde seguirá para a Alemanha, a sr.ª D. Maria Margarida Barbosa Meireles de Almeida.

Da sua casa da Beira, regressou o illustre clinico sr. dr. Fernandes Lopes.

Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Luíza Pascale Coluna Cilia, regressou de Caldelas, o nosso colega na Imprensa e representante dos jornais brasileiros «Correio Português» do Rio de Janeiro, e «Diário Popular» de S. Paulo, sr. Carlos Cilia.

Cursos de oficiais milicianos

Os cadetes que frequentam a escola de oficiais milicianos em Caçadores 5 efectuaram durante a manhã de hoje exercicios de movimento com arma na parada do quartel.

Depois do almoço, os futuros oficiais milicianos que frequentam o 2.º ciclo formaram na parada do regimento e pouco depois, devidamente armados e equipados, dirigiram-se para a serra de Monsanto, onde efectuaram um exercicio que terminou pouco depois das 17 horas.

Luis Aranda

Esposa, Filha e Aurora Bossa da Veiga

Participam

o falecimento de sua Mãe, Sogra, Avó e Irmã, que em vida se chamou Amalia Fernandes Aranda, cujo funeral se realizou no dia 24 p. p.

Pelo seu eterno descanso reza-se missa amanhã, 21, ás 10 1/2 da manhã, na Igreja dos Martyres, agradecendo antecipadamente ás pessoas que assistirem a este piedoso acto.

P. N. A. M.

Experimente Este Novo Pó de «Beleza» IMPERMEAVEL



FAÇA ESTA EXPERIENCIA SURPREENDENTE

O Pó Tokalon põe termo ao "luzidio da pele", porque contém um novo e maravilhoso ingrediente chamado "Dupla Mousse", (processo patenteado). Convença-se disso, fazendo esta simples experiencia: cubra um dos seus dedos com o Novo Pó Tokalon com "Fini Mat", em seguida mergulhe-o num copo com agua. Retire-o e observará que o dedo não está nem húmido nem luzidio, mas perfeitamente seco e mat. O pó resiste a humidade porque contém a "Dupla Mousse". E' por isso que o Pó Tokalon se conserva oito horas seguidas. V. Ex.ª poderá dançar toda a noite numa sala aquecida e ter um rosto tão fresco e encantador como no principio. O Novo Pó Tokalon com "Fini Mat", não é alterado pela chuva, pelo vento ou pela transpiração. Garantimos que ele acabou para sempre, com o brilho do nariz.

A' venda em todos os bons estabelecimentos do ramo. Não encontrando, dirija-se á Agência Tokalon—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende sem demora.

SEQUEIRAS & DIAS, L.^{da}

Por escritura desta data, outorgada no cartorio do notario Eugénio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi alterado o seu respectivo pacto social pela substituição dos artigos 11.º e 12.º pelos seguintes:

11.º

—A gerencia da sociedade fica a cargo de todos os socios sem caução e com a remuneração que vier a ser estabelecida por deliberação social; devendo pela mesma forma dividirem entre si os serviços sociais.

12.º

—A firma social somente poderá ser empregada nos negocios e operações sociais, e expressamente prohibida em fianças, abonações, letras de favor e em quaisquer outros actos ou contratos de responsabilidade alheia.

Lisboa, 16 de Outubro de 1938.
O Ajud. do Not. Eugénio de Carvalho e Silva
Pio José de Moura Malheiro



O MENINO

Antonio de Oliveira Pina Dias

FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Maria José de Mattos Pina Dias, Doutor Antonio Pina Dias e suas familias, cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas das suas relações e amizade o falecimento de seu querido filho e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 10 e 30 horas, da Avenida General Roçadas n.º 69, 2.º Esq. para jazigo defamilia no Cemiterio do Alto de S. João.

AGENCIA BARATA

Funerais e Transferências
Agência M. Ferreira dos Santos
 RUA DE ARROIOS, 211 — Telef. 41937
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO

Brandy Borges
 com água gasosa
 ou mineral é um aperitivo agradável,
 económico e altamente tónico.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Nápoles recebe com entusiasmo os voluntários italianos

ROMA, 20. — Os 10.000 voluntários italianos que regressam de Espanha a bordo dos vapores «Sardenha», «Colombo», «Piemonte» e «Calabria», estavam esta manhã à vista de Nápoles. A população prepara-se para receber calorosamente os soldados. As ruas de Nápoles logo ao amanhecer apareceram engalanadas com as cores italianas, espanholas e alemãs. Os voluntários italianos almoçarão a bordo e só depois é que desembarcarão. Vê-se muita gente nas ruas. O rei, que vem de San Rosso em comboio especial, deve chegar a Nápoles ao princípio da tarde e será recebido pelo príncipe herdeiro e por todas as autoridades. — (Havas).

Prisão dum anarquista italiano expulso de vários países

PARIS, 20. — A Polícia tem feito buscas e rugas nos meios libertários espanhóis de Paris. No decurso dessas buscas prendeu Giuseppe Picone, perigoso anarquista italiano. Expulso de França em 1929, condenado sete vezes, muitas delas por furto, expulso também da Bélgica, de Portugal e do Luxemburgo, desertor do exército italiano, Picone que se dizia ex-combatente da Brigada Internacional, tomou parte activa na revolta anarquista de Barcelona de maio de 1937. Os espanhóis prenderam-no, mas ele conseguiu fugir e passar para França. Foi preso no momento em que ia tomar o comboio para o Havre, donde seguiria para os Estados Unidos, com o nome de Orest Gueccione. — (Havas)

Barras de ouro falso

PERPINHÃO, 20. — A Polícia descobriu um bando que dizia fazer contrabando de ouro com a Espanha. Este bando burlara já algumas pessoas da região entregando-lhes contra diversas importâncias (até agora apurou-se a importância de 64.000 francos) barras de metal amarelo marcadas B. B. Diziam os burlões que as traziam de Espanha e que pertenciam ao Banco de Bilbao. Dois já foram presos e a Polícia procura os restantes. — (Havas)

A candidatura de Cordell Hull

à presidência dos Estados Unidos

WASHINGTON, 20. — Continua a ganhar terreno a possibilidade de ser apresentada a candidatura de Cordell Hull, actual chefe do Departamento de Estado, para as eleições de 1940. O presidente Roosevelt, tem-se até aqui recusado a aceitar a proposta da sua terceira candidatura. Até agora nenhum presidente ainda foi reeleito pela terceira vez. — (United Press)

AERONÁUTICA

«Récord» do voo em distancia

LONDRES, 20. — Segundo o «Daily Herald», três bombardeiros ingleses prepararam-se para bater o «récord» do voo em distancia, que está na posse dos russos. Devem partir no fim da semana para o Egito. Daqui levantarão então voo em direcção à Austrália. — (Havas).

Leopoldo III em Inglaterra

BRUXELAS, 20. — O rei Leopoldo III, partiu para Inglaterra na companhia da princesa de Piemonte, sua irmã e regressa a Bruxelas no domingo de manhã. — (Havas).

A viagem de Pirow

LONDRES, 20. — De Pretoria comunicam à Reuter que Oswald Pirow, ministro da Defesa sul-africano, partiu daquela cidade com destino à Grã-Bretanha. — (Havas).

O maravilhoso tratamento do dr. Vidal

Principalmente indicado para: Asma — Perturbações nervosas — Dores

A Simpatoterapia, tratamento já muito antigo e bastante espalhado nestes últimos anos graças aos trabalhos médicos alemães e franceses que se consagraram ao seu estudo, é hoje aplicado em numerosos países e os seus resultados, em certas afecções bem definidas, já não são discutíveis. De todos os métodos experimentados até hoje é, incontestavelmente, o método do dr. Vidal, de Paris, o que mostra ser mais eficaz: milhares de atestados provam este facto indiscutivelmente.

Nem todos os doentes podem beneficiar desta terapêutica e para esses a medicina clássica é a única que pode ser benéfica. Só devem ser tratadas pela Simpatoterapia as afecções em que domine um desequilíbrio do grande sistema nervoso regulador das nossas funções vitais, excluídas é claro as infecções microbianas específicas ou lesões orgânicas profundas (Tuberculose, Cancro, etc.).

O tratamento que consiste em vibrações com estímulos na mucosa nasal em pontos determinados, é absolutamente indolor. São tratadas principalmente: a asma, a asma dos fenos, as dores da angina do peito, do reumatismo crónico, certos casos de paralisias, certas perturbações circulatorias (perturbações da hipertensão, velhice) dispepsias funcionais ou espasmódicas (dores de estômago) perturbações nervosas (dores de cabeça, insónias, vertigens, angustias, nervosidade exagerada, neurastenia).

Consultas todos os dias das 10 às 12 horas e das 15 às 19 horas no Consultório de Simpatoterapia, dr. Jorge Santos, 11 Praça do Rio de Janeiro — Telef. 2 6344 — Lisboa.

A questão colonial

A atitude da Rodésia do Sul

LONDRES, 20. — Informam de Salisbury (Rodésia do Sul) à Reuter: «O Parlamento da Rodésia do Sul aprovou por unanimidade uma moção em que pede ao governo requiera ao governo imperial que reuna os chefes de Estado dos Domínios e Colonias, a fim de se formular a política referente aos territórios sob mandato e decidir se convém conservá-los ou cedê-los ao Reich. O primeiro ministro declarou que não queria exprimir uma opinião definitiva sobre o assunto. Não desejava, porém, que a Alemanha se tornasse vizinha da Rodésia, antes desse país ter provado que se pode comportar como nação civilizada. No seu entender, todavia, esta condição é susceptível de se efectivar. — (Havas).

Inquietação em Dar-es-Salam entre os membros da comunidade indiana

LONDRES, 20. — De Dar-es-Salam informam à Reuter:

«Os membros da comunidade indiana local enviaram ao governo da Índia e ao Congresso Nacional indiano telegramas em que exprimem a maior inquietação por motivo da perspectiva da transferência de Tanganika para a Alemanha. Das mensagens ressalta que em Tanganika residem há muitos anos 25.000 hindus que ali investiram milhões de libras esterlinas em empresas industriais que perderiam completamente se aquela colónia voltasse para a posse da Alemanha. Os membros da comunidade de Ismailia dirigiram igualmente uma mensagem a Aga Khan em que lhe pedem que intervenha em seu nome. — (Havas).

Litígio entre o Equador e o Peru

RIO DE JANEIRO, 20. — O presidente Getúlio Vargas anunciou que está disposto a intervir na solução pacífica da pendência entre o Peru e o Equador, uma vez que a sua intervenção seja solicitada pelas duas partes em litígio. — (United Press).

As Universidades da América

refugio da cultura europeia?

NOVA YORK, 20. — O «New York Times», comentando a aceitação por parte do dr. Béné duma cadeira de professor contratado da Universidade de Chicago, diz que durante a Idade Média a cultura se refugiou em alguns mosteiros, pela Europa fora. Acrescenta que presentemente as Universidades da América se assemelham a esses mosteiros, pois que os artistas, os professores e os sábios estão a ser expulsos da Europa, perseguidos por uma nova barbarie.

O artigo termina dizendo que ninguém melhor que o dr. Béné poderá falar na América sobre as democracias. — (United Press).

Roosevelt convidou De Valera

a visitar os Estados Unidos

WASHINGTON, 20. — O Presidente Roosevelt convidou o Presidente da Irlanda, De Valera, a visitar a Exposição Internacional de 1939. Roosevelt diz, no seu convite, que terá grande honra em receber De Valera como seu hospede. — (United Press).



A qualidade é excelente
 O aroma é sem rival
 É o melhor WHISKY
 da Escócia



Galeria de Arte

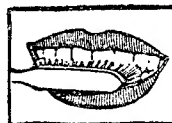
R. Nova da Trindade, 25

TELEF. 2 9680

**DECORADORES
ESTOFADORES**

Venda a metro de Voile de seda, chintz, cretones, tecidos de seda para reposteiros, tecidos de seda e algodão para estofos.

Moveis: Lindo jogo, 3 peças
 ao preço reclama 1.500\$00.



PEBECO

é de sabor agradável
 e deixa o hálito puro,
 os dentes brancos
 e a boca fresca.

**PASTA
DENTÍFRICA**

FA379

A venda em toda a parte

Deposito: Pestana Branco & Fernandes Lda. — Lisboa.



*As dores de dentes
 desaparecem rapidamente
 tomando VERAMON.*

É o calmante que em poucos minutos faz
 passar estas dores, graças à sua acção poderosa sobre os nervos da região bucal.

E porquê o Veramon?

Porque o Veramon, graças à sua composição química especial, produz o máximo efeito calmante sem prejudicar seja no que fôr. O Veramon não provoca sono, não produz ardores no estômago nem ataca o coração.

VERAMON

Embalagens originais:
 Tubos com 10 e 20 compr.

Alcalma sempre sem nunca prejudicar

PAPEIS PINTADOS
Oleados — Passadel-
ras, etc.
Lopes dos Santos, L.^{da}
Rua Augusta, n.ºs 82 e 84
Telef. 2 3637

ULTIMAS NOTICIAS

Supersom Rádio

oiçam / examinem / confrontem
o rádio mais belo do mundo

Agentes Gerais
COSTA & BRITO LDA.
Rua da Conceição, 35-1.º

O MOMENTO INTERNACIONAL

Afirma-se que vão entrar em vigor os acordos concluídos entre Chamberlain e Mussolini

LONDRES, 20.—O «Daily Herald» declara que Chamberlain e Halifax decidiram pôr em vigor, muito proximamente, o acordo anglo-italiano. «Todos os esforços—declara—para se conseguir de Mussolini mais importantes retiradas de voluntários não tiveram êxito algum. Por isso, o Primeiro ministro e Halifax decidiram que a retirada de 10.000 voluntários representava «solução da questão espanhola». Para isso há duas razões—opina. A gravidade da situação na Palestina e o desejo de Chamberlain de continuar a política esboçada em Munich. Para isso parece-lhe essencial a colaboração cordial do Duce».—(Havas)

As conversações hungaro-polacas
BUDAPESTE, 20.—As conversações hungaro-polacas, relativas a uma fronteira comum, prosseguem activamente em Budapeste, onde chegou Denbiczky, ministro da Polónia em Belgrado. —(Havas)

As reivindicações dos eslovacos
PRAGA, 20.—O «Nastup», jornal da juventude autonomista eslovaca, publicou hoje as reivindicações dos autonomistas eslovacos. Este artigo destaca que a Eslováquia deve ser reorganizada a fundo. Com este fim o governo é convidado a realizar as seguintes estipulações: Os empregados e funcionários checos que trabalham na Eslováquia devem pedir a confirmação dos seus compromissos junto dos competentes ministerios eslovacos, mas os compromissos existentes devem ser anulados em primeiro lugar. Judeus não poderão ser empregados senão em relação à sua percentagem. Isto diz apenas respeito aos judeus que vieram para a Eslováquia em 1918, pois todos os outros devem deixar o país o mais depressa possível. Antes de emigrar, devem no entanto entregar ao Estado uma parte da sua fortuna ganha na Eslováquia. O governo terá finalmente, de dividir o mais depressa possível as grandes propriedades e em primeiro lugar as propriedades existentes depois da reforma agrária checa, para que o solo eslovaco passe das mãos dos checos para as mãos do povo eslovaco. —(D. N. B.)

Goering, pacifista
LONDRES, 20.—De Berlim informam à Reuter: O coronel P. T. Etherton, organizador da expedição aérea que sobreviou o monte Everest, declarou a um representante da Reuter que depois de ter visitado Goering este o convencerá de que o objectivo da Alemanha era procurar uma colaboração o mais estreita possível e relações cordiais com a Grã-Bretanha. Disse-me que actualmente ninguém no mundo quer a guerra e sublinhou que a Alemanha não tem mais nenhuma ambição territorial na Europa. Contudo acrescentou Etherton—não aludi à questão colonial. No fim da nossa conversa—concluiu—Goering levantou-se e disse-me com ar muito sério: «Desejamos ser vossos amigos e temos a impressão de que podemos entender-nos com os ingleses». —(Havas)

Hitler partiu para a Moldavia
LINZ, 20.—O Führer-Chanceler, acompanhado por Konrad Henlein, Seyss-Inquart, general von Leeb, dr. Dietrich, chefe da Imprensa alemã, e Brueckner, partiu daqui esta manhã, às nove horas, para uma viagem através da região libertada da alta Moldavia. —(D. N. B.)

O ministro da Justiça do Reich chegou hoje a Budapeste
BUDAPESTE, 20.—O dr. Franck, ministro da Justiça do Reich, chegou a Budapeste, onde permanecerá três

dias. Fará uma conferência sobre o direito alemão e será recebido por Horthy. O dr. Franck será alvo de várias manifestações de simpatia e deve conferenciar com várias personalidades políticas húngaras. —(Havas)

Declínio da social-democracia
PRAGA, 20.—O «Prager Mittag», órgão dos alemães-democráticos suspendeu a sua publicação. —(Havas)

Opiniões inglesas sobre os problemas da actualidade internacional

LONDRES, 20.—Geoffrey Shakespear, secretário parlamentar e financeiro do Almirantado, discursou a noite passada em Great Yarmouth, e afirmou, a propósito de política externa, que a França, a Grã-Bretanha e a Rússia não teriam podido salvar a Checo-Eslováquia duma destruição total, se tivessem intervindo a seu favor. «Não creio que possamos nem devamos esmagar a nação alemã. Estou convencido de que não conseguiremos a paz na Europa, se não encontrarmos meio de colaborar com a Alemanha para a solução dos problemas europeus». Declarou, finalmente, que a melhor razão para esperar que isso suceda era a vontade de paz demonstrada pelo povo alemão na recente crise.

Por outro lado, em Killyth, condado de Stríng, Johnston, ex-Lord do Selo trabalhista, falou da questão colonial. Sugeriu a constituição duma repartição internacional de mandatos a qual se entregaria a soberania sobre todas as colónias, assim como a solução do problema das reivindicações coloniais alemãs. Afirmou que o problema só tem três soluções possíveis: «Entregar as colónias, organizar a transferência para a soberania duma repartição internacional ou mandar Hitler para o diabo». Quanto a ele, orador não tinha vontade nenhuma de se bater pelo Togo ou pelos Camarões.

Sobre o mesmo assunto, sir Stafford Cripps, trabalhista da extrema esquerda, opinou num discurso também pronunciado ontem à noite, que a redistribuição das colónias não serve para nada. Quanto a ele é preciso colocar os recursos mundiais sob uma fiscalização internacional. —(Havas)

A opinião do «Times» sobre o bloco formado pela Polónia, Romenia e Hungria

LONDRES, 20.—Sobre a situação internacional o «Times» espera que as negociações checo-húngaras desfecharão em acordo aceitável. O mesmo jornal, referindo-se à ideia polaca dum bloco formado pela Polónia-Romenia-Hungria, diz que parece que as ambições polacas têm o apoio da Itália. «Sabe-se—acrescenta—de origem muito autorizada que o governo alemão não é partidário dessa política por motivos económicos e estratégicos, e que preferiria que a Rússia cis-carpatia se conservasse autónoma, a fim de o Reich poder estender a sua influência a leste o mais longe possível sobre o novo Estado checo-eslovaco». —(Havas)

ARCADIA

20 — Executantes — 20

Todos os DOMINGOS e FERIADOS CHAS DANSANTES Com as duas Orquestras e Variedades

IMPERIUM ALMOÇOS JANTARES
CHAS-LANCHES-BANQUETES

co. As divergências entre as duas políticas nos extremos do eixo permitem que se faça uma ideia bastante justa das relações germano-italianas na Europa Central. Todavia, os observadores mais avisados não prevêem o enfraquecimento do eixo. —(Havas)

Comentarios dos jornais franceses à nova política da Europa Central

PARIS, 20.—A «Epoque» escreve: «A Polónia reconquistou a Silesia de Teschen, mas verifica hoje que se trata dum êxito à Pirro. Está posto o problema da Ucrânia. A Itália apoia o melhor que pode a tese polaca, dizendo que o bolchevismo ganha terreno na Rússia cis-carpatia. Mas a Alemanha não perde também o seu tempo, visto que o governo autonomo carpatiano decidiu autorizar a constituição no seu território dum partido alemão e a venda de certos jornais do Reich, bem como a difusão do «Mein Kampf». O eixo continua, sem dúvida, muito firme, mas certos factos falam por si.

Em diversas capitais europeias pensava-se ontem se Hitler não iria dar ouvidos aos conselhos dos que o rodeiam no sentido de se erigir em protector do bloco hungaro-polaco-romeno, pois adquiria uma popularidade sem precedentes na Hungria e nova popularidade na Polónia e conseguiria que a Romenia se afastasse da França, da Inglaterra e da Rússia. Não será, portanto, impossível que o Führer se preocupe por fim em dar satisfação às reivindicações polaco-húngaras e talvez mesmo às romenas, se estas se vierem a manifestar.

A «Ordre» diz que a Alemanha, caso a Polónia quisesse renunciar à sua actual política na Rússia cis-carpatia, deixaria possivelmente que este país encontrasse compensação, por exemplo do lado da Lituânia. A eventualidade—diz—da anexação da Lituânia à Polónia apresentaria grandes vantagens para os alemães. Os polacos ficavam com acesso ao mar e não poderiam, consequentemente, continuar a considerar vital o famoso corredor que separa a Prússia Oriental da grande Alemanha. A «Ordre» põe em foco as amabilidades de Hitler com Poncet e as visitas feitas ontem, uma atrás da outra, a Daladier e a Bonnet, pelo embaixador do Reich em Paris. A «Imprensa americana» diz a propósito—espalha sobre a tática de Berlim informações preciosíssimas. Delas ressalta que a pesar de tudo, o poder hitleriano acha oportuno praticar alguns artificios para induzir franceses e ingleses a não acelerarem o ritmo dos armamentos e convencê-los a, duma vez para sempre, riscarem dos seus papeis a Europa Central. O «Petit Parisien» diz: «Uma nova minoria não deixará, em breve, de pedir justiça. São os 850.000 checos dos Sudetas e os 150.000 do Cieszin. Os acordos de Munich desencadearam um movimento de ajustes e reajustes, cujo termo está ainda longe». —(H.)

HOJE — No mais divertido e mais frequentado Dancing de Lisboa

As duas Melhores Orquestras Portuguesas **ALMEIDA CRUZ e TOSELLI**

As Melhores Atracções Internacionais

Todos os DOMINGOS e FERIADOS CHAS DANSANTES Com as duas Orquestras e Variedades

Os saltos de borracha «Enfim» são quasi sem fim. A prova está feita.

Desconfiem das imitações

A AGITAÇÃO NA PALESTINA

Os arabes resistem

em varios pontos

do bairro velho de Jerusalem

JERUSALEM, 20.—Logo ao alvorecer recommencaram as operações militares na cidade velha de Jerusalem. As tropas fazem um cerco apertado ao recinto fortificado da cidade antiga para impedir a fuga dos rebeldes. Destacamentos de forças militares exploram os subterrâneos das pedreiras do templo de Salomão e as passagens subterrâneas que ligam a mesquita Haram-es-Charif às construções antigas situadas a varios quilómetros no campo, nomeadamente na estrada que conduz ao Mar Morto. Por outro lado, as forças inglesas esforçam-se por impedir que os insurrectos comuniquem com os refugiados da mesquita de Omar. Assinala-se que durante a noite os arabes atacaram varios bairros judeus ao norte de Jerusalem. A Policia ripostou causando baixas nos agressores. —(Havas)

A situação em Jerusalem

JERUSALEM, 20.—A acção militar desenvolvida pelas tropas britânicas contra os agitadores arabes dirige-se actualmente, em primeiro lugar, contra o bairro arabe da cidade velha, onde se encontram os centros de resistência dos rebeldes. O centro principal desta resistencia é a mesquita Omar, que está na posse dos franco-atiradores. Os soldados ingleses formaram um cordão impenetravel em volta da mesquita. Em todas estas operações os ingleses não têm avançado nas ruas, mas passam pelos telhados com uma série de destacamentos de assalto. Avião de combate e observadores estacionados no Monte das Oliveiras focam os centros de resistencia arabes contra os quais são assestadas metralhadoras.

Os três maiores bancos de Jerusalem tiveram de fechar as suas portas. Em todo o país continua a guerra de guerrilhas dos arabes contra as tropas britânicas. Nos arredores de Beisan os condutores de oleo sofreram novos ataques e o oleo incendiou-se. Trouxe-se um combate durante o qual morreram dois terroristas arabes.

Perto de Lydda uma coluna de automoveis judeus acompanhada por soldados ingleses, foi atacada pelos arabes. Do lado arabe assinalam-se três mortos e varios feridos. —(D. N. B.)

Os terroristas não desarmam

LONDRES, 20.—De Haifa comunicam à Reuter: Houve uma escaramuça entre um bando de terroristas que lançaram fogo ao «pipe line» do Irak e um destacamento de soldados. Foram mortos dois terroristas e outros feridos. Bandidos armados atacaram o guarda da piscina inglesa de Jafa e deitaram fogo a um automovel inglês naquela cidade. Por outro lado, um camião judeu caiu numa emboscada perto de Lida. As escoltas do camião fez fogo e matou três bandidos. Subsequentemente descobriu que a estrada fora minada pelos bandidos. —(Havas)

Novos tumultos em Jafa

Jafa, 20.—Deram-se novos tumultos no bairro de Adjemi (bairro persa). Um armeno suspeito de agente provocador foi morto por um emissario revoltoso. O Hotel judeu de Haifa foi incendiado. —(Havas)

As decisões do Governo britânico

LONDRES, 20.—A propósito da Palestina, o «Times» diz ser inexacto que o gabinete decidira adoptar uma nova politica e abandonar o projecto de partilha. «Julga-se que se constituiu—diz—uma comissão ministerial para seguir a evolução da situação, mas não se pode decidir duma politica ou entabular negociações enquanto não estiver a ordem restabelecida». —(Havas)

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS

Fausto Guedes Teixeira, «um poeta do amor»

pelo dr. Cassiano Neves

Completo ha dias 66 anos, segundo julgamos—o poeta Fausto Guedes Teixeira.

Vive recolhido na sua casa de Lamego, longe das cidades formosas e traquinas por onde passou parte da sua mocidade. Compõe versos, por amor, e numa imperiosa satisfação da sua sensibilidade.

Coimbra e Lisboa irão esquecer-se do Poeta da «Mocidade Perdida»?

Não se julgue isso: viverá em perfeita saúde daqueles que foram seus pares no curso coimbrão, na república das letras, na agitada vida fraterna da capital—artistas, escritores, outros poetas, boêmios de espírito na descuidosa idade dos trinta anos, homens da política—que por ele nunca roçou, irmãos pelo coração e pelas afinidades que Coimbra criara.

Fausto Guedes—que não vai olvidado da gente querida do seu tempo—recebeu pelo seu aniversário uma romagem de amigos.

E um jornal, «Beira Douro», publicou um número especial dedicado amorosamente ao Poeta, e colaborado por duas dezenas de companheiros do bom tempo, de espíritos fraternos das letras, ou das tertulias, condiscípulos, admiradores.

Desta colaboração—toda ela sincera, evocadora, memorialista—destacava-se um formoso artigo do sr. dr. Cassiano Neves, tocado de gracilidade literária, numa moça limpidez intelectual, correndo sugestivo em períodos onde a lembrança das cousas que foram e o sentimento vivo que delas transparece se convertem em beleza. E' o retrato de Fausto Guedes, saindo de um fundo animado de outras figuras. E' o desenho de uma alma rodeada de outras almas. Ao cabo é o pequenino quadro de uma época—romântica pelo coração, altaneira pelo seu espírito.

Desse artigo «Fragmentos de memórias—Um poeta de Amor», transcrevemos uma parte, lamentando não o poderemos recortar na íntegra.

Conheço desde menino e moço Fausto Guedes Teixeira. Recordo-me da sua mocidade. Tenho presente o retrato dos seus primeiros tempos de Coimbra; capa traçada, olhos faiscantes, baixo, erecto, altivo, desempenado, nutrido, jovial, fisicamente um picnico.

Desta sua constituição de então nasceu contemporaneamente a sua vida de sentimento e exterior, podendo dizer-se, dele, o que Lanson dizia de seu irmão Musset: «uma criança amimada, sensível, prestes a amar e principalmente avido de ser amado, superficial e fogoso, com a alegria de viver e insaciável de prazer, em breve desiludido, nunca cansado, recomendando sempre a corrida para a felicidade, sem duvidar que se enganava, não de objecto, mas de método. Inteligente, espiritual, finamente sensato, apanhando melhor do que ninguém a graça especial ou o sabor da vida de salão; cheio de encanto por uma emoção exuberante e por uma ironia singular e, principalmente, por uma mocidade irradiante».

A sua decisão é tanta nesta altura da vida que até embarca para o Brasil à cata da fortuna, como qualquer «outro». Ele que não é, nem era como os «outros»! Fausto Guedes—«brasileiro»! Podia lá ser! Volta mais uma vez desiludido—o poeta do «Livro de Amor», em que a riqueza de expansão de vida interior já é magnífica.

Depois, modifica-se, passando a apresentar uma constituição de astenico. O homem fisicamente forte, tendo vivido precocemente, muitos anos à pressa, transforma a sua «silhouette»: agora franzina, delicada, doente, mais sensível ainda, sem grandes vãos externos, mas voando mais alto ainda na sua vida interior do que dantes. E' a «Mocidade Perdida», que ele vem traduzir nos seus versos.

Comparando o retrato de Columbano com o seu retrato dos tempos aureos e exuberante de Lamego e Coimbra, é que se vê quanto ha de verdade na transformação física do Poeta, e que

correspondeu a uma nova mentalidade ou antes a uma projecção maior da sua mentalidade anterior, sempre toda reclinada sobre si proprio.

O Poeta fez instintivamente a sua confissão:

—Eu não quis fazer arte. O que me importa a Arte?

«Debrucei-me para mim e vi dentro de mim, o Deus que eu procurava em vão, por toda a parte.

* * *

Foi assim, já fisicamente transformado, que eu tive, em Lisboa, com Fausto Guedes a mais íntima convivência durante anos. Uma grave doença, em Lisboa, tornara-o ainda mais fragil de corpo.

Quasi todos os dias nos encontrávamos bastantes vezes, jantávamos juntos, no Leão, com Alexandre Braga, Augusto Gil, João Barreira, Edmundo d'Artayete, quando este vinha do Porto e outros. Se não jantávamos juntos, raras vezes deixávamos de nos encontrar no «Suíço».

Recordo-me das intermináveis conversas que à roda das iguarias, ou à roda de umas chavenas de café havia neste grupo de elite, em que era pouco mais do que um mero ouvinte.

Alexandre Braga, ora concentrado, ora eloquente, inclinava-se com infinita piedade sobre as misérias dos tribunais. Falando de mulheres, tratava-as como se fossem todas senhoras. De uma educação primorosa, aliada à maior distinção como uma figura grega, contemporânea de Cícero, seu mestre, era de uma generosidade sem par, para os desherdados, tratando o dinheiro como as pontas dos cigarros. Com qualidades de bondade excepcionais, como se fossem as mais finas pétalas de rosas, uma vez ou outra desfolhadas no chão, foi um homem, para muitos ignorado na sua

grandeza e só julgado pelos seus feitos.

Augusto Gil, grandissimo poeta, como Fausto Guedes, era a alegria do rancho, com a sua graça esfusante, com a sua poesia tocada de ironia. Os dois poetas, como estavam em pólos opostos, adoravam-se como irmãos.

João Barreira, fino como um coral, com o facies de um retrato flamengo da Renascença, dava a nota do bom senso.

Eduardo d'Artayete, alto, esguio, como uma escultura dum Cristo de um imaginário fora do gremio catolico, trazia do Porto as mais causticas blagues, com que caricaturava os homens e os factos do seu tempo.

Eu, era o medico dos dois poetas e de Alexandre Braga e, como os medicos arebataram aos padres algumas das suas funções, andava na roda da sua intimidade e, ás vezes, ouvia-os de confissão.

Fausto Guedes era tido como o «santo» do grupo.

«In illo tempore», ter-se-ia feito eremita. Era de todos, posto o seu talento imenso, quem menos falava. Um pouco dobrado pelos anos, vividos a dobrar, recolhia-se, como num casulo, no interior da sua alma, o retrato mais livre e mais repousado para a sua inquietação de fogo lento.

* * *

Depois, nesta pequena babilonia que é Lisboa, cheia de traumatismos dos homens e das coisas, mortos os seus amigos mais queridos, seu fraterno cunhado Alexandre Braga, Columbano, o conde de Arnoso, Vicente Pindella, dispersos uns, como Augusto Soares, Baptista de Sousa, Americo Leme, acorrentados outros à vida à pressa, que é a vida de hoje, o Poeta sente-se um exilado na «cidade».

Por um fenómeno de evolução vulgar, regressa, refugia-se na terra na-



FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

retrato de Columbano

tal, em Lamego, onde passara a sua meninice, acolhendo-se à sombra dos ciprestes que abrigam seus pais, realizando só então o sonho esboçado na «Esperança Nossa».

As duas tentativas românticas de ressurgimento do país, traduzidas na agitação «post» o ultimatum e na revolução de 31 de Janeiro, a inquietação europeia dos humildes, a pintura das doces paisagens da nossa terra e, mesmo, no campo poetico, a expansão revolucionaria dos simbolistas que floresceu no seu tempo de Coimbra, e que, como diz Paul Valery, era uma tentativa de expressão musical, se o interessaram e as sentiu como a todo o espirito aberto, como o seu, não lhe deram margem para comentário ou expressão poetica absorvente e só raras vezes o fizeram sangrar.

Crente, contudo, quando fala em Deus é para o interessar ou o acorrentar no seu amor.

Fausto Guedes sofre infinitas dores, umas reais, outras imaginarias. Não sente a palavra como um som, geme, como as crianças, porque, instintivamente, como elas, «sabe» que os gemidos e os gritos clamam socorro e muitas vezes precedem alguma coisa de agradável. Então, quasi instintivamente, enfeita-se, à flor da pele, como as aves, com a plumagem dos seus versos, para enfeitamento da mulher amada.

* * *

Este poeta, não exprime as reacções das multidões, nem sabe nos seus versos lisonjejar musicalmente os ouvidos. Grita toda a sua verdade interior e quando o lemos ou o rezamos, agita dentro de nós toda a fluidez dos grandes amores.

Antero debruçou-se sobre a dor humana, universal. Fausto Guedes debruçou-se sobre as suas proprias dores e sobretudo sobre aquela que dá o amor.

«O Livro d'Amor», a «Mocidade perdida», as «Saudações do coração», a «Esperança nossa», a «Carta a um poeta», a «Alma triste», os «Sonetos d'amor», podiam—todos—ter o titulo do seu primeiro livro, epigrafados com aqueles sub-titulos, não porque o autor se não renove ou não se erga mais alto em cada novo verso, mas simplesmente porque todos são—livros de Amor, com «A» grande.

Poeta singular como diz Gualdino Gomes; de um lirismo camoneano, eterno; raras vezes atingido nas letras portuguesas.

CASSIANO NEVES

Folia de água em Vila do Conde

VILA DO CONDE, 19. — As chuvas que caíram no principio do outono foram de curta duração, embora beneficiassem um pouco as terras ressequidas por uma longa estiagem. De então para cá caíram uns leves chuviscos, pelo que as varias nascentes de agua continuam a secar.

Como nesta villa só certos predios de determinado valor locatário é que podem ter agua encanada do rio Ave, as classes pobres, que não têm em sua casa tal beneficio, vêem-se afiladas para conseguirem o precioso liquido, por terem secado inumeros poços de que se abasteciam e a Camara Municipal não poder ainda construir fontanários publicos.

Na parte norte da villa a crise da agua está em parte resolvida, pois o conselheiro Figueiredo de Faria autorizou que o publico se abastecesse de agua de uma mina que tem no quintal do seu solar. A Camara mandou para ali um empregado a fiscalizar a sua distribuição.

Inauguração duma escola oficial

AMADORA, 19. — A Junta de Freguesia e a comissão da União Nacional desta villa, agindo em comum no desenvolvimento da cultura popular, com o fim de combater o analfabetismo, conseguiram do Governo a criação de uma escola na sua sede, para ensino gratuito ás crianças em idade escolar.

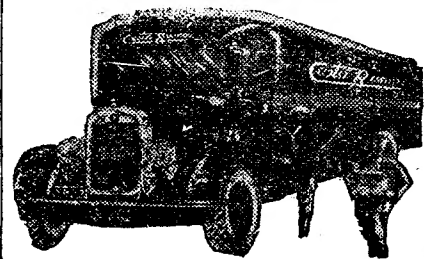
A inauguração deste melhoramento deve efectuar-se no proximo domingo, 23, e a ella devem assistir as autoridades superiores do concelho, forças vivas, União Nacional e Junta de Freguesia.

Consulado português, em Addis-Abeba

Foi criado um consulado de 4.ª classe em Addis-Abeba, dependente do consulado geral de Portugal em Genova. A nomeação recaiu no sr. Fausto Ravasio.

Explosão fatal

No hospital dos Capuchos faleceu Conceição Verissimo, de 53 anos, residente em Dois Portos, que na ultima terça-feira ficou queimada, na sua residencia, devido a uma explosão de gasolina que ella propria provocou.



DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 21. — S. Hilario, abade. Lausperene, sai da capela de Santo Antonio, á rua de Entre Campos para a igreja de S. Romão, em Carnide.

Capela de Santo Antonio, ás 11 e 30, missa da reposição do Santissimo.

S. Romão, em Carnide, ás 11, missa da exposição do Santissimo; ás 18, terço de benditos.

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos, e exposição da referida imagem nas igrejas do costume.

Propaganda eleitoral

AMADORA, 19. — No proximo dia 23, pelas 15 horas, realiza-se nesta villa, no salão dos Recreios Desportivos da Amadora, uma sessão de propaganda eleitoral, que será presidida pelo sr. presidente da Camara deste concelho.

Pela União Nacional e Junta de Freguesia, foram dirigidos convites ao povo desta villa para que concorra à sessão, manifestando, assim, o seu apoio e solidariedade aos dirigentes do Estado Novo.

Festa jooista

Realiza-se no proximo domingo, ás 15 horas, no Liceu de Pedro Nunes (avenida Alvares Cabral), uma festa jooista promovida pela direcção diocesana de Lisboa, da J. O. C.

Os bilhetes podem ser adquiridos, durante a semana, na rua de S. Tiago, 18—Tel. 2 4593; no Campo dos Martires da Patria, 43—Tel. 4 6772; ou no domingo, desde ás 14 horas, a entrada do liceu.

Fogo posto?

FERREIRA DO ZEZE, 20.—Esta noite, no lugar de Gontijas, manifestou-se incendio na residencia do administrador do concelho sr. Luciano Godinho Cabral, que se encontra ausente em Lisboa com sua familia. Os estragos são consideraveis. Há fortes indicios de que se trata duma vingança pessoal.

TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

PORTO

LISBOA

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Julião, 34, 36
Telef. 15061-15062 Telef. 27200

A prestações

Candieiros de electricidade, ferros de engomar, ventoinhas, cafeteiras, etc. Reparções em todas as marcas de receptores de Radio.

Grande existencia de peças sobrecorrentes para receptores R. C. A.

Valvulas R. C. A.

ELECTRO LISBOA, L. DA

Rua Augusta, 246-248

Telef. 20568

AS MEMÓRIAS DUM GRANDE ACTOR

Alguns episódios interessantes da mocidade de Chaby

Noticiámos ontem o aparecimento das «Memórias de Chaby», numa edição que honra a nossa industria grafica e o bom gosto da pessoa que dirigiu a sua confecção. Vamos transcrever hoje parte dum capitulo, a-fim-de que os nossos leitores possam avaliar do interesse da obra e do valor literario do grande artista que o Teatro português chora ainda hoje e todos nós recordamos com saudade.

«As minhas garotices tinham sido sempre toleradas com bonhomia pelos outros chefes, e até pelo sub-chefe, o terrível Antonio da Cunha Lamas—tipo brusco, mas uma bela alma, incapaz de prejudicar quem quer que fosse—pois para Pinheiro e Silva, justificavam as mais implacáveis perseguições. Meteu-se-lhe na cabeça que havia de conseguir que me transferissem para os Açores, que eram para o caso a «costa de Africa» dos incorrigíveis reincidentes em faltas graves.

Nunca o conseguí, porque os meus tios, valendo-se dos seus amigos, cortaram sempre as asas a essa injustiça, que era, em verdade, uma injustiça. O homem só podia queixar-se de algumas pirraças inocentes que eu lhe pregava; mas essas pirraças levaram-no tanto ao rubro que me apontava às instancias superiores como elemento terrível.

E mais de uma vez lhe preguei pirraças... sem querer!

Em certa ocasião meu tio Claudio comandava a divisão militar, no Porto, e veio a Lisboa tratar, com o Governo, de assuntos relativos ao centenário Henriquinho, que ia celebrar-se poucos dias depois.

Estava eu de serviço na Central quando um colega veio dizer-me: «o teu tio está ali na Arcada».

Corri, e lá o encontrei. Abraçamo-nos, conversámos um momento, e eu perguntei-lhe quando voltava para o Porto.

Estou a ouvir-lhe a resposta amigável:

—Depois de amanhã. Queres vir de aí ver as festas?

Estremeci de alegria. Eu nunca tinha viajado! A perspectiva de ir ver o Porto em festa seduzia-me como um sonho das mil e uma noites. Respondi-lhe:

—Ora se queria! Mas era preciso uma licença...—(E pensava no meu feroz guardião).

—Quem é o ministro das Obras Publicas?

—E' Fulano.

—Bem. Vai fazer já o requerimento, que eu espero aqui.

Voei á Rua do Ouro. Comprei por um tostão,—oh tempos!—meia folha de papel selado, que enchi de linda prosa caligrafada. E tornei a voar para a Arcada, onde o meu tio esperava pacientemente. Entreguei-lhe a maravilhosa folhinha, e pedi-lhe:

—Quando descer, passe pela repartição para me dizer o que ha!

—Vai descansado.

Fui. Mas não ia descansado. Ia em brasa. Meia hora depois, se tanto, embora me parecesse que o relógio marcava séculos, um continuo veio dizer-me, com certo respeito, e certa surpresa:

—Está ali um general á sua procura.

Era o meu tio, que me disse, assim que viu:

—Tudo arranjado. Tens a licença. Vais comigo depois de amanhã, de manhã.

Voltei para o meu lugar; mas parecia-me aquilo tudo bom demais para acontecer. Dali por uma hora entrou o continuo da Direcção Geral, com um papel, e dirigiu-se para a secretaria do meu alhoz. O homem leu, procurou-me com os olhos chamejantes, e, para me servir de uma imagem á Montepín, levantou-se qual se mola oculta o impellisse. Saiu como um furacão... E se, por um lado, via em terra o meu castelo de sonhos—por outro me regalava de ver a fera enfurecida. E houve tragedia! por cima, segundo depois me contaram. O homem barafustava:—«oito dias de licença áquele patife! E com vencimento! E já se concedem licenças não pedidas pelas vias competentes, sem ouvir a informação de quem de direito! E numa altura destas, em que o serviço aperta! Que papel faço eu aqui?» etc.

Contaram-lhe como tudo se tinha passado; falaram-lhe do tio, do ministro, do centenário.

—Qual centenário nem meio centenário! O centenário é na Repartição, a receber os telegramas dos festejados. Não vai ou deixo eu de ser quem sou!

Mas fui.—Embaraçaram a licença umas quarenta e oito horas mas o ministro manteve a sua palavra. Três dias depois segui para o Porto, no primeiro comboio de forasteiros. Saímos de Lisboa pela manhã. Chegámos a Campanhã ás nove da noite. Havia lá um movi-

mento espantoso; multidão que chegava, multidão que esperava a que ia chegar.

De repente, oiço chamar pelo meu nome. E dirige-se para mim um sargento de ares arrogantes.

—E' o sobrinho do senhor General Comandante da Divisão?

—Sou eu mesmo.

—Tenho ordem de o acompanhar ao Quartel General.

—Preso?!—exclamei eu assustado, pensando nalguma negra partida do meu cabrion.

O sargento perdeu um pouco a compostura, visto que desatou a rir. Explicou:—Seu tio foi hoje de manhã para Lisboa. V. Ex.ª vai instalar-se no Quartel General, no quarto do ajudante de ordens. O meu General deixou lá uma carta para V. Ex.ª.

Aquilo parecia-me uma recepção triunfal. E acompanhei, altivamente, o sargento. Pelo caminho, fui apurando que meu tio tivera qualquer desinteligência com a comissão promotora dos festejos, entregára-o comando, e partira para Lisboa. A noticia desanimava-me bastante, por todas as razões, e principalmente porque gostava muito do meu tio.

Mas no Quartel General reanimei-me logo; a carta dele dizia que fôra obrigado a partir; que, não estando ele em casa, era melhor eu ficar no Quartel, nos aposentos dos ajudantes; que fôsse beijar a mão á minha tia e comesse no Restaurante Lisbonense, onde deixara «recomendação» para me tratarem bem.

Havia além disso no sobrescrito varios convites para diversos festejos,—e uma nota de cinquenta mil reis que foi o que decididamente me reanimou; levava de Lisboa outro tanto, e sentia-me milionário. (Naquele tempo jantava-se lautamente e maravilhosamente, por seis tostões: uma corrida de tipoia custava uma corôa).

Despedi o bom do sargento, dei uma escovalada ao fato e saí para a praça da Batalha, onde os «cafés» pareciam formigueiros; lá dentro, imensos fregueses a jogarem agressivamente o dominó, batendo com as pedras no tampo da mesa, como quem quisesse esmigalhar o mármore.

Desci a rua de Santo Antonio e ao passar em frente do Camanho vi o Julio Guerra Dally abacando com uns poucos de janotas desconhecidos.

—Olha o Chaby!...

(Desde a escola que todos me tratam pelo apelido da minha mãe; cuido que seria por haver varios Pinheiros, e ser mais facil distinguir-me assim).

—Olha o Chaby cá pelo Porto! Entra. Tu por cá, etc.

Apresentações, logo seguidas de libações e discussões.

A primeira noite no Porto... que saudades da sua alegria!

A's três da manhã encaminhei-me para o Quartel General, que não sei se seria, naquela altura, o ponto onde mais adequadamente me devia dirigir.

Quando cheguei a poucos passos da porta, a sentinela, carrancuda, bradou-me:

—Faça alto!

Creio que sorri, na fresca penumbra que nos cercava. E comeci uma explicação em tom maior:

—Oh camarada, eu...

—Faça alto, já lhe disse!

Para o desarmar, volvi-lhe majestosamente:

—Eu?! Mas eu moro aí!

O homem lançou ao atrevido um olhar que chispava. E disparou-me:

—Siga lá o seu caminho, criatura! Ou se não brado ás armas, e saí-lhe cara a brincadeira.

Compreendi que era preciso explicar tudo; atirei o chapéu jovialmente, um pouco para a nuca, dei um passo em frente, e comeci, com certa ternura:

—Mas ó camarada...

—A's aaaaaaaah!...

Vi-me perdido, fuzilado. Ouvi logo, lá dentro, um tropel estranhado. Veio a guarda toda, de armas aperradas, aos corrilórios.

—Que ha?!—perguntou o cabo, com voz de combate.

—E' este melro que não se quer afastar do quartel.

Fui olhado por muitos sobrecorhos carregados de ira e carregados de sono. E nem Buffon, com os seus punhos de renda, se sentia mais delicado do que eu ao explicar:

—O senhor cabo fará o favor de desculpar, mas eu sou sobrinho do senhor General Comandante da Divisão. Cheguei esta noite de Lisboa, e estou instalado nos quartos do senhor Capitão Ferreira. Olhe; para prova da verdade, tenho aqui a chave.

O cabo olhava-me perplexo. Mirou me de alto

a baixo, tratando eu de suportar estoicamente o exame. Convenceu-se de que eu não era conspirador.

—Por que foi que o senhor não disse isso mesmo á sentinela?

—Saiba o senhor cabo que foi porque a sentinela não me deu tempo.

—Bem. Vou acompanhá-lo lá acima; mas para o futuro não se esqueça de perguntar o santo e a senha.

Era o triunfo; outra vez o triunfo.

Esmaguei a sentinela sob um olhar de Cesar, —e lá subi, com honras militares, as escadarias do velho casarão.

Esses oito dias das festas Henriquinas viveram para sempre na minha recordação.

Os meus fieis companheiros foram o Julio Dally, que nunca mais me largou, e o Alvaro Pinheiro Chagas.

Que alegria nas nossas três almas! que vivacidade nos nossos três corpos! Devo dizer que naquele tempo eu valsava noites inteiras, e noites consecutivas;—as senhoras juravam todas que eu era leve como uma pena.

De uma resistencia a toda a prova, não perdemos pitada das festas. Cortejos, cerimoniaes, sessões solenes, espectaculos,—tudo o que viesse, morria.

Recolhíamos sempre altas horas.

Uma noite,—e foi, já jurá-lo, depois do grande baile a que assistiram suas majestades no Club Portuense—fomos nós parar á porta do Camanho, na Praça Nova. O Camanho era a ultima instancia, porque estava aberto até tardissimo; mas naquela noite, ou porque fôsse tarde demais, ou porque não contassem com a clientela do costume, que estava em péso no baile, o «café» estava fechado como uma sepultura.

Nós é que não nos conformámos com isso, e deliberámos ressuscitá-lo. Batemos com força. Primeiro com os punhos cerrados, depois com as bengalas. E dispuhamo-nos a iniciar a fase, mais contundente, dos pedregulhos, quando do lado dos Congregados surgiu uma ronda da policia.

Esvaiu-se como por encanto a sede de ressuscitar o Camanho. Os policiaes, porém, invectivaram-nos; o nosso pundonor reacendeu-se, e retorquimos-lhes; ás duas por três, estavam presos, e a caminho da esquadra, que felizmente não era longe.

Rompeu o interrogatorio:

—O seu nome?

—Chaby Pinheiro, sobrinho do General Comandante da Divisão.

—E o senhor?

—Pinheiro Chagas, filho do ministro do reino.

O cabo, engulindo em seco, interrogou ainda o Guerra Dally.

—E o senhor?

Guerra Dally, elegantissimo, magro, agil, o mais arrogante de nós três, e com razão,—não quis ficar atrás. Cravou o monoculo, e disse com muita doçura, mas muita ativez:

—Eu? Então o senhor não me conhece? Sou o Infante D. Henrique!

E certo é que o bom do homem nos mandou em paz.

Terminadas as festas officiaes, ficámos uns dias no Porto. Lembro-me muito bem de assistir no *Príncipe Real* a uma representação dos *28 dias de Clarinha*, com Taveira, Santinhos, Gaspar, Santos Melo, Teresa Taveira, Carmen Cardoso e a minha querida Angela na protagonista.

Que magnifico conjunto!

No Porto houve por muito tempo, sob a direcção de Alves Rente, Ciriaco Cardoso e Taveira, optimas companhias de opereta, que vinham fazer temporadas a Lisboa. Pela minha vida fora, tenho visto no estrangeiro muitos *vaudevilles* militares; nenhum me fez esquecer os *28 dias de Clarinha*, no Porto, com a Angela e a *Mademoiselle Nitouche*, em Lisboa, com essa encantadora actriz que se chamou Lucinda do Carmo. (Tive como companheiros Joaquim de Almeida, Augusto de Melo, Ernesto Vale, Carlos Lima e meu pai!).

Falta de policiamento

Os moradores da rua Lopes e imediações, ao Alto de S. João, queixam-se da falta de policiamento no sitio, o que tem dado origem a abusos por parte da gatuagem e até a casos graves que a presença da Policia teria conseguido evitar.

Há dias, um individuo morador na rua B foi agredido á paulada por um desconhecido. Valeram-lhe os socorros prestados por alguns moradores daquela area, pois não houve autoridade policial que desse conta da occorrença.

Para este caso pedem-nos que chamemos a atenção do sr. comandante da Policia de Segurança.

VIDA DE

INICIATIVAS DO «SECULO»

O 1.º Congresso Nacional de football realiza-se no proximo domingo

As comemorações das «Bodas de ouro» de «football» nacional que o «Seculo» promove com o aplauso e apoio de todos os sectores desportivos, começam no proximo domingo, com o 1.º Congresso Nacional de Football. Nele colaboram os melhores nomes do «football» português, os mais conhecidos, os mais autorizados, aqueles que têm contribuido para que a modalidade disfrute o prestigio que hoje conta. Melhor do que ninguém essas entidades conhecem o estado actual do «football», e, portanto o que é necessario inutilizar, corrigir e criar para uma melhor perfeição.

O congresso será presidido pelo sr. professor Cruz Filipe — uma grande figura do desporto — e as theses apresentadas são do mais alto valor e revelam estudo e competencia. Ha, assim, a certeza de que o 1.º Congresso de Football fará obra util, e decerto os organismos directes não deixarão de aproveitar os seus ensinamentos — provocados pelo «Seculo», nesta iniciativa felicissima.

FOOTBALL

Cada vez se torna mais necessario que o jogador tenha respeito pelo jogador adversario

Cada vez se torna mais necessario que o jogador tenha respeito pelo jogador adversario — escrevemos nós na passada segunda-feira. Defendemos ontem esse criterio. Defendemo-lo hoje. Defendê-lo-emos amanhã. Connosco estão, certamente, todos os verdadeiros desportistas, porque se trata dum principio inatacavel. Não é, pois, de estranhar que «Os Sports» — jornal que muito tem feito pela causa desportiva — pela pena dum dos seus mais distintos redactores defenda o mesmo criterio.

Tedavia, o jornalista de «Os Sports», glossando um periodo que assevera ter transcrito do «Diário de Lisboa», escreve:

«Mas se defendemos sempre esse criterio não vamos até ao ponto de aproveitar accidente, absolutamente fortuitos para forçar a nota...»

Ora, o periodo citado havia-o o «Diário de Lisboa» — como o jornalista poderá verificar lendo com mais attenção o nosso artigo de segunda-feira — transcrito do «Diário de Noticias». Portanto, o seu a seu dono.

Não assistimos a qualquer dos casos citados. Foram puros accidentes. Seja assim. Nada dissemos sobre esses casos. Mas nós vimos no passado domingo o suficiente para justificar a nossa attitud, lembrando a necessidade do jogador respeitar o adversario...

A proposito deste assunto, recebemos dum socio do Carcavelinhos, o sr. Mario Pires de Andrade, a carta que a seguir publicamos:

Lisboa.—Em «Os Sports» do passado dia 19 Lisboa.—Em «Os Sports» do passado dia 19, lê-se uma local que comenta uma afirmação feita no *Diário de Lisboa* por v. De facto, em face da coincidência, facil seria concluir que os jogadores Mourão, do Sporting Club de Portugal, e Gaspar Pinto, do Sport Lisboa e Benfica, teriam sido alvo das «caricias» costumadas nos campos de futebol. Felizmente, e por muito estranho que tal pareça, assim não succedeu.

Assisti ao jogo do Estadio e á queda do internacional Mourão, que o vai possivelmente impedir de dar a sua colaboração á equipa nacional no seu proximo jogo contra a Suíça. Posso, portanto, em relação a este jogador, confirmar que o «keeper» casapiano em nada contribuiu para a sua inutilização, pois a jogada que tal determinou foi o mais regular possível.

Mas... e é este o motivo de minha carta insiste-se em «Os Sports», nos seus dois ultimos numeros, em dois factos curiosos, um dos quais, com a lealdade que costume sempre usar, posso garantir a v. ser absolutamente desituido de veracidade e o outro representa uma questão psicologica que eu não descortinei, di rei mesmo que ninguém observou, salvo a f.

UM LIVRO SENSACIO

Herois Desconhecido

por D. MARIA

Muito se tem escrito sobre a epopeia do está ainda por fazer a historia dos heroismos mais emocionantes, os mais inconcebíveis, os

A autora, tendo percorrido a Espanha e reconstituido belas paginas de heroismo e de

1 vol. br. 8\$00; pelo correio mais 1\$00;

Em todas as livrarias e na

PARCERIA ANTONIO MARIA

SPORTIVA

UM DEPOIMENTO SENSACIONAL

A morte do primeiro soldado português em França

cidade como o Sporting obteve as suas dez bolas (facto que ninguém quer apontar).

Diz-se que uma parte da assistência, no intervalo, investiu o jogador Armando Jorge como causador do desastre referido. Garanto a v., se acaso não assistiu ao jogo, que essa afirmação é absolutamente falsa de verdade. Onde se comenta gratuitamente uma atitude inexistente devia-se antes assinalar a maneira correcta e desportiva como toda a assistência, lamentando intimamente o facto, se manteve «muda e quèda» ante o facto desagradável, sem que se desenhasse mesmo o mais leve protesto contra a acção regular de Armando Jorge. Se algum «furioso» em quem a assistência não delegou a sua representação—sentiu mais profundamente o caso e, como reacção natural, traduziu extemporaneamente, junto do jornalista de «Os Sports», a sua pessoalíssima opinião, que não era de forma alguma a da assistência, isso não deveria servir para justificar tão acentuada e desagradável insistência de «Os Sports» sobre a invecção aos simpáticos jogadores caspianos.

Teima-se por outro lado na desmoralização do «keeper», no seu desanimo, na sua desacertada acção, como consequência lógica do sucedido. Não se compreende, ou por outra, não compreendo—isto digo-o sob reservas, por não conhecer o grau de sensibilidade de Armando Jorge—como se pode aceitar o desalento ou quebra de moral num jogador que, de forma alguma, foi o causador da inutilização dum adversário, ainda quando esse adversário é da categoria de Adolfo Mourão, jogador correcto e uma das melhores criações do futebol português.

Envio este desabafo a v., não como pretenso despiques a local de «Os Sports», a que acima me refiro e em que v. é atingido, nem v. necessitaria dum arrimo tão fragil, como a minha argumentação, para se defender—mas apenas como uma apreciação imparcial e serena das duas atitudes jornalísticas que convém focar.—Mario Pires de Andrade.

CONFERENCIAS

«Educação física e saúde»

Hoje, pelas 21 e 30, realiza o sr. dr. Amílcar de Sousa, no salão do Cinema «Stadium», do Sport Algés e Dafundo, uma conferência, intitulada «Educação física e saúde».

CARTÕES DE CLUBES

Recebemos e agradecemos cartões de livro ingresso na sede e campo de jogos do Marvilense e do Clube Football Benfisa.

NO ESTRANGEIRO

Os grandes «volantes» da Suíça

Nem só a Alemanha, Itália, Inglaterra e França têm grandes corredores de automóveis. A Suíça também possui um lote apreciável de «volantes» de categoria: Hug, Christen, Blancpain e Birker.

O primeiro destes homens, Armand F. Hug, em vista da brilhante época que conseguiu, com vitórias no Grande Premio de la Baie, d'Albi e de Berne, já foi contratado para correr em «Maserati», durante 1939, fazendo parte da «équipe» oficial daquela marca.

Holanda e Alemanha ganharam o torneio de Amsterdão de «hockey»

No torneio internacional de «hockey», na Holanda, em que tomaram parte os melhores grupos da Europa, a Holanda e a Alemanha, jogando a final, empataram 2-2. Foi decidido não haver prolongamento, e declarar os dois países vencedores do torneio.

Em 3.º lugar, classificou-se a Bélgica, que bateu a França por 3 a 1.

O novo «record» mundial do dardo

O finlandês Nikkanen numa reunião de atletismo conseguiu um lançamento de dardo de 78 metros e 70 — novo «record» da Europa e do mundo.

O anterior «record» pertencia-lhe — 77 metros e 23, e um dos seus lançamentos, 77 metros e 87, estava em vias de homologação.

AL!

da Espanha Mártir

DE FIGUEIREDO

campos de batalha na Guerra de Espanha, mas morados da retaguarda, onde têm decorrido os heroicos e trágicos episódios.

guerra, presenciou e colheu elementos com que podia que ficariam pertencendo á História.

via-se á cobrança.

EREIRA—R. Augusta. 44 a 54

Já passaram vinte e um anos sobre a data que marcou o início da nossa contribuição de sangue em França, com a morte do primeiro soldado português do C. E. P.

Mas nem por ter decorrido já tão largo espaço de tempo deixa de ser oportuno restabelecer os factos na sua verdade histórica, para evitar que subsista o erro e continue a prevalecer como boa informação o que não passa, afinal, duma fantástica história.

Publicou o sr. dr. Julio Dantas, em 1917, um livro intitulado «Espadas e Rosas», onde se encontra o capítulo «Dois Capacetes».

É uma esplendida página literária, como todas as que saem da pena do ilustre escritor. Pena é que do que ali se lê apenas se aproveite o lirismo, a excelente forma literária.

Porque, valha a verdade, daquilo nada mais vale, visto que, do princípio ao fim, está tudo errado. Os factos passaram-se de maneira bem diversa e a memória dos dois heróis anónimos, cujo valor se pretende exaltar, fica diminuída, pois não era necessário fantasiar para que a história lhes fizesse a justiça de os colocar entre os mais valerosos portugueses.

Não tem o sr. dr. Julio Dantas culpas no erro cometido? Assim o julgamos, visto declarar que um oficial permissionário do 28 o havia informado da forma como os factos se haviam passado.

Foi o ilustre escritor vítima duma informação fantasiosa. Porém, o capítulo «Dois Capacetes» ficará como documento para a história, e, se não for rectificado, a história continuará a ser... uma história da Carochinha.

Foi para evitarmos que isso se dê que nos abalancámos a vir a publico, descrevendo a morte dos dois valerosos portugueses a que o sr. dr. Julio Dantas se refere, como testemunha que somos dos factos, visto termos servido como alferes na 4.ª companhia de Infantaria 28, a que os mesmos pertenciam.

Esse facto dá-nos autoridade para falarmos, restabelecendo a verdade, e esse será o único mérito deste desprezível escrito.

Varios erros

No capítulo a que nos referimos descreve o sr. dr. Julio Dantas os capacetes de modelos inglês e português, o primeiro dos quais—segundo diz—era cancelado e o segundo liso. Primeiro erro, porque se dava perfeitamente o contrario: o inglês, liso, forte; o português cancelado e fragil, de delgada folha de ferro.

O soldado não se chamava Armando Correia, mas sim António Gonçalves Curado e era dos arredores da Figueira da Foz. O 1.º sargento Ernesto Augusto dos Reis era natural de Almeida.

Segundo erro, visto o referido escritor os considerar com a mesma naturalidade.

Descrevendo a forma como os dois valerosos portugueses morreram em França, diz:

«Uma bela manhã, no fundo de uma trincheira onde mal se adivinhava a luz, os soldados perceberam que lá fora,—finalmente se desfizera a bruma e rompera o sol.

Não houve mais contê-los, que não saíssem dos fojos, como os lobachos pequenos das serras beiróas depois da tempestade, a aquecer-se, a saltar, a uivar, a cantar, doirados pelo sol pardo da Flandres francesa, bebados de alegria selvagem da luz, indiferentes á ameaça da morte que lhes passava a cada instante sobre a cabeça. Foi então que um deles, para sentir melhor nos olhos e na pele aquele clarão bendito que tanto lhe lembrava a ecloga cristã da sua terra, galgou a escarpa, alcançou o parapeito sem que pudessem detê-lo os camaradas—e enrrme, tranqüilo, deslumbrado, o capacete na cabeça, o capote flutuando ao vento, avançou nas «terras de ninguém» até á rede de arame farpado. Logo as metralhadoras alemãs crepitaram; estoi-raram os morteiros de trincheira; pe-los periscópios viu-se o vulto cinzento

do soldado estremecer, vacilar, cair como um farrapo sobre as defesas de fio de ferro, ficar de bruços, os braços estendidos baloiçando. Estava morto? Estava ferido, apenas? A fuzilaria continuava, estalavam os troncos de arvore; o ar tremia; nomeados para ir levantar o corpo dois maqueiros, entreolhavam-se, pálidos, imóveis. Era preciso que alguém se sacrificasse ao piedoso dever de salvar a vida a um irmão de armas.—«Quem se oferece?»—inquiriu o oficial. Um sargento avançou, vivo, trigueiro, franzino:—«Pronto, meu alferes».—Num relampago, enquanto um morteiro, explodindo, levantava uma nuvem de terra, subiu o talude, ganhou a esplanada, correu—subitamente estacou, redoppiou e caiu fulminado».

Terceiro e grande erro ou muitos erros á mistura.

Aqueles que viveram a guerra sabem bem que nunca, contra um homem isolado se empregaram rajadas de metralhadora e muito menos tiros de morteiro.

Este erro, conquanto grande, poderia passar sem reparo. Mas onde a verdade sofre os piores tratamentos é na descrição da morte dos dois militares.

Segundo o sr. dr. Julio Dantas o soldado Curado e o 1.º sargento Reis teriam morrido no mesmo dia e quasi á mesma hora. Um porque, embebido pela luz doirada do sol pardo da Flandres, saltou o parapeito em procura dessa luz bendita—como se de dentro das trincheiras se não visse o sol e ele lá não entrasse—sendo vítima da sua imprudência. O outro porque num gesto heróico, fraternal e humano, pretendeu salvar a vida de um seu camarada...

Tudo lirismo!

Não tiveram qualquer relação entre si as mortes dos soldados Curado e do 1.º sargento Reis. O primeiro morreu no sector de Laventie, no dia 4 de abril de 1917. O segundo no sector do Ferme du Bois, no dia 15 de julho do mesmo ano.

O soldado Curado era um belo militar: Disciplinado e correcto, possuindo alguma instrução. O 1.º sargento Reis—alto, trigueiro, de olhar vivo e inteligente, querido e respeitado por todos, superiores e inferiores—possuía os mais preclaros dotes de caracter.

Quantas vezes ele me falou, com os olhos marejados de lagrimas, de sua mãe, uma boa velhinha que o esperava ansiosamente, na sua terra, perdida nas serranias da Beira. Tinha uma noiva e ansiava pelo termo da guerra para tornar em realidade o seu sonho de amor.

Esse sonho desfez-se pouco tempo depois, porque a morte, traçoira, numa dessas noites lugubres e fantasmagóricas das trincheiras, envolveu-o no seu manto gelado e para sempre o levou.

Paz á alma desses dois heróis anónimos!

Como morreu o soldado Curado

A 4.ª companhia do regimento de infantaria 28 entrou nas trincheiras, em Laventie, onde foi em visita por três dias, a-fim-de, juntamente com os ingleses—que ocupavam o sector—praticar a guerra, cuja tática era para nós, portugueses—nessa altura, quasi que completamente desconhecida, no dia 3 de abril de 1917.

No dia 4, ás 13 horas, encontravam-se sentados no chão, dentro de um abrigo, três soldados portugueses, entre os quais o Curado, que se entretinha a escrever as suas impressões num livrinho de apontamentos.

Os alemães começaram a bombardear as trincheiras com morteiros e um deles caiu sobre o abrigo onde se encontravam os três soldados, abatendo-o, ficando todos soterrados, num amálgama de terra, zinco e madeira.

Prestados os necessarios socorros, verificou-se que o Curado estava muito ferido—morrendo pouco depois—e que os dois restantes tinham recebido ligeiras contusões e ferimentos leves.

Na sua tragica simplicidade é assim a verdadeira historia da morte do primeiro soldado português em França.

Fiz parte da comissão que teve o encargo de arrolar o espolio do Curado e sou, por isso, testemunha de um facto que demonstra bem a coragem, o sangue frio, a nobreza de animo do valeroso soldado.

O livrinho de apontamentos em que ele escrevia as suas impressões, na ocasião em que a morte o surpreendeu tive-o nas mãos. E mantenho ainda hoje, gravadas na retina, as frases que, com mão firme—a-pesar de a morte lhe andar em volta, na sua ronda sinistra—ele escreveu: «Estou nas trincheiras da 1.ª linha a 100 metros dos boches. Caem granadas por todos os lados. Já tenho visto hoje a morte muitas vezes á roda de mim...».

O mim ficou incompleto. Surpreendido pela morte não pôde concluir a palavra. Em vez do ultimo m, um risco fundo.

A serenidade com que Curado encarava o perigo demonstra bem as suas excelentes qualidades de militar. Como se vê, a sua figura em nada fica diminuída. Pelo contrario, nos parece que, se de além-túmulo se observa o que se faz e diz na Terra, o espirito do valente soldado ha-de sentir-se satisfeito, vendo restabelecida a verdade.

Como morreu o 1.º sargento Reis

O 1.º sargento Ernesto Augusto dos Reis encontrava-se no posto Bors-Head, do sub-sector direito do Ferme du Bois, na noite de 15 de julho de 1917. Não tinha responsabilidades de comando, mas incidindo sobre o sub-sector um violento bombardeamento, foi junto dos foguetões que estavam sempre prontos para pedir o socorro da nossa artilharia e lançou um S. O. S.

Quando se encontrava procedendo a esta operação rebentou-lhe por cima uma Schrapnel, crivando-o de balas. Uma atravessou-lhe a cabeça e duas furaram-lhe o estomago e intestinos.

O exercito português perdeu assim mais um dos seus valerosos soldados, que morreu no seu posto, valorosamente, regando com o seu sangue as terras lamacentas da Flandres, sangue que foi juntar-se ao de tantos outros soldados, que a morte sinistra, envolto no estilhado duma granada ou numa bala, havia já lançado á vala comum dos heróis.

Julgava-se, então, que o sacrificio de tantos, o sangue generoso derramado em tanta abundancia, faria germinar e florir a arvore da paz, que espargeria por toda a terra o seu perfume de amor, dando ás gerações futuras a certeza de que, jámais, os homens teriam odios, lutas cruéis, desavenças profundas e tragicas.

O grande sacrificio considerava-se bendito e necessario porque dele nasceria a eterna paz...

Como se enganaram os que assim pensavam!

* * *

Para evitarmos mal entendidos, esclarecemos que ao virmos a publico com este testemunho, apenas temos em vista contribuir para que a verdade triunfe e não continue um erro a ser tomado como verdade historica.

Esse intuito, apenas, nos guiou ao traçarmos estas linhas, pois entendemos ser dever de quem conhece os factos relatá-los tal qual eles se deram, para que a história possa ser feita com verdade.

M. PALMA MESTRE
capitão

Tapetes Portugueses

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais — Arte e Ménage — Alecrim, 71, 1.º — Telefone 20711.

Dr. Miguel de Magalhães

Monitor da clinica de Neeck — Paris
RINS, vias urinarias — Venero — Sifilis

T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 2 906

CASINO ESTORIL

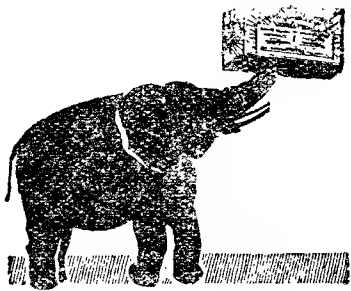
Aos sábados: Jantar à Americana
Preço: Esc. 20\$00
Nos restantes dias: Jantar dançante
Preço: 12\$50
Bilhetes especiais:

Todos os dias, excepto sábados e domingos
Comboio, (2.ª cl. ida e volta) e Jantar ou Ceia, Esc. 16\$, incluindo Taxas, serviço, autocarro da Estação ao Casino e entrada
TODOS OS DIAS: Comboio, (2.ª cl. ida e volta) autocarro da Estação ao Casino, entrada e um vale de Esc. 2\$50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino Esc. 12\$50

A' venda nas bilheteiras do
Cais do Sodrê

Todos os dias: De Tarde—chá dançante e à Noite—Baile Cinema
Orquestra Portugal

CHA' CELESTE



Paladar excelente
Experimente uma vez
Compare o preço
e veja o Brinde no
seu fornecedor

Pensão Aviz

R. Antero Quental, 10—Telef. 4 3970
A melhor de Lisboa, bons quartos, diárias para casal desde 27\$00. Domicílio a 5\$00.

Empresa Insulana de Navegação



O pacote "CARVALHO ARAUJO"

Para a Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Caes do Pico, Fayal, Corvo e Flores (Lajes e Santa Cruz) sai no dia 23 de Outubro às 15 horas.

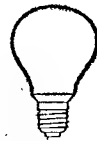
AVISO. Os líquidos, cargas de estiva e as que possam causar avarias às outras mercadorias devem estar à borda até às 17 horas do dia 20 e todas as outras cargas até à mesma hora do dia 21. Quando por motivo justificado tenha de ser recebida fora daqueles prazos, pagará a sobretaxa de 20 %.

Trata-se com os agentes
GERMÃO SERRÃO ARNAUD
Telefone 20214 - Avenida 24 de Julho, 2, 2.º

Quere a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua da Misericórdia, 115



SE EU TIVESSE QUATRO OLHOS,
PODERIA ESTRAGAR DOIS QUE NÃO
ME FARIAM FALTA. MAS, COMO
SÓ TENHO DOIS, PRECISO POU-
PA-LOS USANDO, PARA ISSO, LAM-
PADAS PHILIPS "D".
ESTAS LAMPADAS SÃO
AS MAIS ECONOMICAS
E TÊM DURAÇÃO NOR-
MAL.



TORROAES

RELOJOEIRO DE CONFIANÇA
119 - RUA DA PRATA - 123 Tel. 2 4210
OS SEUS RELOGIOS
DE PAREDE E DESPERTADORES SATISFAZEM
AS EXIGENCIAS MAIS MODERNAS
VEJA A SUA EXPOSIÇÃO



POLICLINICA DO INTENDENTE

Avenida Almirante Reis, 27, 2.º, LISBOA—Telefone 4 5587

DR. ABEL ALVES—Ouvidos, nariz e garganta.	A's 14 h.
DR. ADELINO COSTA—Cirurgia geral. Operações.	A's 17 h.
DR. ALMEIDA DIAS—Doenças nervosas. Electroterapia.	A's 14 h.
DR. ANASTACIO GONÇALVES—Doenças dos olhos.	A's 17 h.
DR. ARMANDO LUIZ—Rins e vias urinárias.	A's 13 h.
DR. ARMANDO LUIZ—Rins e vias urinárias.	A's 11 h.
DR. ARTUR PACHECO—Doenças da pele e sífilis.	A's 17 h.
DR. BENARD GUEDES—Raios X.	A's 16 h.
DR. CARLOS FRADIQUE—Assistente livre da Faculdade de Medicina e interno dos Hospitais—Doenças das crianças.	A's 17 h.
DR. FERNANDO DE CASTRO AMARAL—Medicina Geral.	A's 15 h.
DR. FORMIGAL LUIZ—Ondas Curtas, V. violetas, Electro Terapia, Macagens.	A's 13 h.
DR. MARCELINO MARTINS—Doenças da boca e dentes.	A's 10 h.
DR. MARIO ROSA—Clínica geral, estômago e intestinos.	A's 15 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA—Partos, Doenças das Senhoras.	A's 15 h.
DR. VASCO DE LACERDA—Clínica medica, coração pulmões.	A's 16 h.

NAO CONFUNDIR



A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr. Victor Chaskelmann & C.
Rua da Palma, 263—Lisboa

POR 5\$00

Semanais, todos podem adquirir Relegios de todas as marcas, joias e objectos em prata, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas, podendo o objecto ser adquirido a primeira prestação somente por 5\$00. P. de Sousa Torroaes, Rua de S. Paulo, 106. Telef. 26508.

TAMARIZ ESTORIL

SERVIÇO DE BAR
nas Esplanadas e Balneario
Frios—Mariscos—Aperitivos—Chás

Excursão ao Alto Alentejo, em carruagem especial, organizada pela C. P.

Para o «Fim de Semana» 22 e 23 do corrente organizou a C. P. uma magnífica excursão que permite visitar os mais interessantes pontos do Alto Alentejo com economia e comodidade, sendo o programa o seguinte:

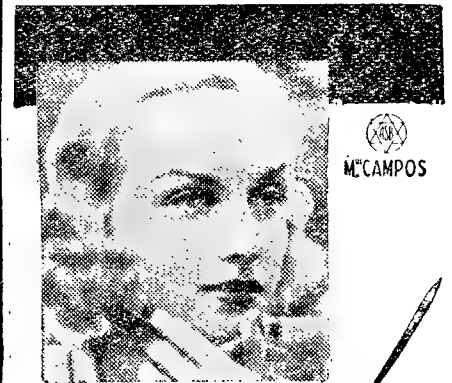
Dia 22—Partida da estação do Rossio no C. 51 às 8 e 40, em carruagem especial. Desembarque em Vila Velha de Rodam onde existe a famosa garganta do Tejo conhecida por «Portas de Rodam» e almoço. Partida para Niza. Visita à barragem da Ribeira de Niza e às modelares instalações da Hidro-Electrica Alto Alentejo que fornece energia a varios pontos do País. Continuação para Castelo de Vide, a Sintra do Alentejo. Instalação nos Hoteis, jantar e dormida.

Dia, 23—Pequeno almoço. Partida em autocarro para Marvão e visita ao Castelo de cujas alturas se avista uma vasta e formosa paisagem. Seguimento para Portalegre com paragem no aprazível lugar denominado «Olhos de Agua». Almoço em Portalegre. Visita à Cidade e passeio à Serra, encantadora estância de cura e repouso, de onde se observa um panorama surpreendente. Transporte para a estação e partida no Comboio 124, às 19 e 30 para Lisboa. Jantar em «panier» fornecido no comboio. Preços «Tudo compreendido»:—1.ª classe 17\$500; 2.ª classe 15\$000.

Os passageiros de 1.ª classe têm preferência nos Hoteis.

Inscrição nas Informações da Estação do Rossio. Lotação limitada.

A's pessoas da provincia que queiram utilizar esta excursão, é concedida a redução de 45 % entre qualquer estação da C. P. e o ponto em que possam encorporar-se na excursão. Dirigir-se ao Serviço de Turismo da C. P.—Estação do Rossio, 1.º andar—Lisboa (Telefone 2 4146).



perfumes!

Para se produzirem bons perfumes, essencias que se adaptem ao temperamento e tendencias estéticas de cada mulher, o perfumista teve que conjugar os seus esforços de molde a obter para cada perfume uma característica especial.

O valor de um bom perfume está na sua maneira de ser quente, penetrante, delicado, ou de uma frescura graciosa e florida.

Dos nossos perfumes cuidadosamente estudados, uns mais tenazes como o MYSTIK, outros mais doces como o MONBIJOU, mais profundos ou mais suaves como esse encantador BRISE D'AMOUR, foram banidos os aromas frios, secos ou amargos, que tornam alguns perfumes insuportáveis. Não. Cada um dos nossos perfumes tem aquela subtileza precisa onde se adivinham emanações de estranhas flores, como no perfume MYLA, aromas por vezes indefiníveis como que envolvendo os corpos de sedas raras e invisíveis, «um qualquer coisa que anda no ar», um nada feito de mil nadas que, como no perfume MISTERIOSO, se exala sem se saber de onde, que atrai sem se saber porquê.

V. Ex.ª já experimentou os perfumes da Academia Scientifica de Beleza?

Avenida da Liberdade, 35 Lisboa
Telefone 2 1886

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

PARTEIRA ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

DO «DIÁRIO DE JOSE' MARIA»

O espirito das linguas

pelo dr. Ramada Curto

O meu velho amigo Evaristo Godinho, professor de latim e «humanidades», deu-lhe agora, já passado o cabo dos cinquenta, para estudar o inglês. Há dois anos, por este tempo, fui surpreendê-lo, no seu rez-do-chão da rua da Quintinha, com um grande Dicionário inglês-português, e um grosso volume do Metodo Olendorff, a fazer «o seu tema»—como qualquer rapazinho do Liceu. Ri-me, fiz troça, repeti-lhe,—gracejo de mau gosto—o antigo aforismo de que «burro velho não aprende linguas», mas não consegui abalar a sua decisão de saber inglês. Por sinal que me passou para a mão um caderno de escola onde, na sua letra de finos e grossos, estavam escritas numa coluna as frases portuguesas e na outra a versão inglesa, havendo uma terceira para a pronúncia figurada. Durante mais de meia hora obrigou-me a perguntar-lhe, pelo caderno, se ele tinha o sacarrólhas do meu irmão ou o lapis do meu pai e outras coisas identicas. E, inabalavelmente sério, ia dizendo: *have you the corkscrew of my brother? ou have you the pensil of my father?*—com uma convicção que me enternecia num velho professor de latim. Como o Evaristo é muito meu amigo, durante este ano que passou, tem-me posto a par dos seus progressos. O ano passado participou-me que já lia os classicos ingleses, com a mesma facilidade com que lia o seu Publius Vergilius Maronis ou o velho Horacio. Mais tarde confessou-me que «já penetrara o espirito da lingua», especialmente que achava um estranho sabor aos contistas americanos e que eu com a minha ignorancia do inglês, me privava dum prazer inedito e muito agradável, conhecendo-os. Chegou mesmo a oferecer-se para me dar lições o que eu recusei. Para o contrair—que nós temos o velho habito de amigos de nos contrariarmos um ao outro—decretei que achava todos esses contistas americanos uns sensaborões, que nunca conseguira rir com o Mark Twain e que a graça clownesca de certas coisas que tinha lido ou o ar a que os franceses chamam de *pince-sans rire* dos humoristas, me deixavam perfeitamente indifferente. E' claro que eu dizia isto, como já disse, exagerando. Mas no fundo, o certo é, que, naturalmente porque não entendo, não estou a par com «o espirito da lingua», que o Godinho diz já ter penetrado em dois anos, há um bocado de verdade no que eu dizia. Hoje recebi o conto que transcrevo e que o Godinho me mandou, pedindo-me a sua publicação no jornal da minha terra, o «Noticias de Cascais», de que eu sou correspondente aqui, na rua da Palmeira, em Lisboa. Mas eu hesito. O Godinho traduziu o conto e parece que lhe encontra qualquer coisa de especial. Eu francamente não acho «ponta por onde lhe pegue». Hoje, depois de jantar, li-o a Angelica, a minha velha criada, que é uma pessoa de gosto seguro e a Angelica, ouviu, ouviu e no fim disse:

—O sr. Godinho não está bom de cabeça! Havendo historias tão bonitas a contar... Com certeza que, essa gente lá dessas terras, tem contos como nós temos, que até dá gosto ouvi-

los. E logo o sr. Godinho foi pôr esse em português!

E levantando a mesa, retirando-se com a bandeja para a cozinha a Angelica, que tem modos de expressão pitorescos e um recorte proprio de calão, que eu julgo regional, sentenciou definitivamente:

—Isso não quiere dizer nada! E' uma chaladice!

Todavia aí vai o conto, tal como o Godinho me o enviou:

Os Bombeiros Voluntarios de Pinkertown
(conto americano de W. H. Eliot)

traduzido por Evaristo Godinho

Foi um dia de festa em Pinkertown, no Ohio, quando se inaugurou o Corpo dos Bombeiros Voluntarios. A fachada da sede em S. Elisabeth Street estava toda embandeirada com grandes bandeiras da União e o Reverendo Thomas Haig, da igreja metodista, fez na sessão solene da inauguração, um speech que comoveu toda a gente. Falou da dedicação humanitaria dos bombeiros que arriscam a sua vida para salvar a vida e a fazenda do seu semelhante e disse que isso é um dever ensinado pela Evangelho que nos manda amar a Divindade sobre tudo no mundo e o proximo como a nós mesmos. Foi nesta altura que o velho e honrado Simpson, comandante honrario dos Bombeiros de Pinkertown, deu mostras duma intensa co-

moção. Essa comoção foi notada pela assembleia e impressionou todos favoravelmente em relação á sensibilidade de Simpson, que tinha sido negociante de porcos em grosso até á idade de cinquenta anos e que, durante o exercicio da sua lucrativa profissão, não tinha tido ensejo de manifestar os tesouros da sua sensibilidade.

Depois do speech do Reverendo Haig a banda dos bombeiros tocou «este doido do yankee» e a marcha «star and stripes» e da multidão partiram vozes exigindo que o honrado Simpson fizesse tambem o seu speech. Este levantou-se e toda a gente admirou o bem que lhe ficava, a-pesar-de ele ser muito velho, a farda azul dos bombeiros voluntarios de Pinkertown, no Ohio. O entusiasmo, porém, redobrou quando Simpson disse apenas estas palavras: «os bombeiros de Pinkertown, de que eu sou comandante, nunca serão covardes e darão a vida pelo seu semelhante. De hoje em diante, ficam prohibidos os incendios em Pinkertown». Depois do que, evacuada a sala da sessão solene, começou pelas ruas o desfile dos bombeiros, com os seus fardamentos novos, os seus capacetes dourados e as suas bombas e escadas, do ultimo modelo. A multidão dava palmas e ouviavam-se comentarios como este, «em Pinkertown não ha que recear os fogos».

Ora, foi exactamente oito dias depois, que se deu o grande incendio da

2.^a avenida, na grande casa velha onde eram os armazens da Coal Incorporation Limited. O fogo, alimentado pelo alcatrão que se guardava nas lojas em grandes barricas, depressa tomou conta de todo o predio. E' justo que se diga que os bombeiros compareceram logo com Simpson á frente. Nas janelas das trapeiras apareceram o Harrison, a mulher e o filho pequeno, a gritar que os salvassem. Os bombeiros mais novos e inexperientes, preparavam-se para fazer funcionar as grandes escadas e salvar os Harrison, quando da multidão partiram gritos de terror, porque as chamas já rompiam pelo telhado. E como as escadas já estivessem armadas e encostadas ás paredes do predio, os inquietos e inexperientes bombeiros preparavam-se para subir por elas. E foi então que Simpson manifestou as suas grandes qualidades de comandante. Poz-se diante dos bombeiros inquietos e com voz firme gritou-lhes:—para trás, imprudentes!

Os bombeiros recuaram, na multidão fez-se um silencio e Simpson continuou:

—Os Harrison que estão a gritar na trapeira não são de Pinkertown e nem sequer do Ohio. Nasceram em New-York, ou em Chicago. Nunca contribuíram para a nossa nobre corporação. Não é justo que por causa de pessoas que mal conhecemos se arrisquem as vidas da mocidade de Pinkertown. E repare-se que são apenas três, enquanto que vós sois muitos. Cada um de vós tem pelo menos duas pessoas de familia. O tecto deste grande edificio está a desabar e se vós teimardes nessa loucura, ha muitas mortes, muitos feridos, sem contar os fardamentos novos estragados pelo fogo e pela agua e a deterioração do material. Lembrem-se das vossas mulheres, das vossas mães e dos vossos filhos—todos desta grande familia humanitaria dos bombeiros. E lembrem-se que os Harrison não são de cá e muito menos nós : socios.

As mulheres que assistiam nas filas compactas da multidão começaram a chorar e a gritar:

—Não vão, que o tecto desaba!
—Não vão, que os Harrison nem sequer são do Ohio!

Nesta altura o predio todo era uma grande fogueira e o tecto desabou com enorme fragor.

Já não era evidentemente preciso salvar os Harrison e a multidão deu largas ao seu entusiasmo e respirou como aliviada dum peso.

Simpson foi levado aos hombros por essa mesma multidão em delirio e nas eleições que se seguiram foi eleito presidente perpetuo dos Bombeiros Voluntarios de Pinkertown, no Ohio.

Nota do tradutor: — Ohio, pronuncia-se Ociu.

Isto é como diz a Angelica, uma «chaladice». A prosa é duma sensaboria bem americana.

Não mando isto para o jornal de Cascais. Succederia a toda a gente, não perceber como eu não percebo, e perdía a minha reputação de pessoa de bom gosto.

RAMADA CURTO



Cabeça de velho, de Van Der Weyden

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Bibliografia

Em busca do ouro, de Aurelio Pinheiro.

É um romance passado na bacia hidrográfica do Amazonas. Vê-se que o seu autor não trabalhou sobre a fantasia, mas sobre a realidade física e humana. Chegamos mesmo a supor tratar-se duma aventura vivida, de tal maneira nós acompanhamos dois dos personagens do livro, através das florestas gigantescas do grande rio, com a sua sombria claridade subterrânea, a sua fauna prodigiosa e os seus tesouros misteriosos. Os tipos são dum traço admirável, no seu desenho linear, caracteristicamente local. A novela empolga. O leitor como que acompanha os dois «mineiros», sofre com eles as inclemências da sua travessia audaz, e obedece á lei fatal da ilusão. Ilusão que é a sede do ouro. O final do livro é dum trazo amargo, mas real. O aurore mineiro não existe no local determinado. A expedição encontra, apenas, um metal pobre, insignificante, que não vale uma prospeção. Mas a natureza prodigiosa, orgiaca, está ali para dizer ao homem que a verdadeira riqueza é ela, exigindo o trabalho que industrializará as suas forças fecundas. Aurelio Pinheiro, que é um romancista vigoroso, tem uma novela que gostaríamos de ler: «Macau». Será, apenas, um título, ou um cenário da nossa exótica e longínqua possessão? *Em busca do ouro* é edição de S. A. Noite.

Ecos Mundiaes

Recebemos do Mexico, com bastante atraso, os dois primeiros números de *Ecos Mundiaes*, revista da Imprensa universal. Tem um sentido ecotico de assuntos e de opiniões revelando-se, profundamente, instrutiva. A economia da revista é modular, sendo numerosas as suas ilustrações. A ciência, a arte, a politica, a literatura de todos os sectores e escolas têm neste condensador de opiniões o seu reflexo, o seu comentário, ou a sua nota de registo.

Ha um artigo no vol. 2.º *El Ilanto de Filipe V*, com o qual de modo algum, nós, portugueses, podemos concordar. O caso historico já está definido, e para sempre, seja qual for o regime do outro lado da península. Esperamos continuar a receber este interessante mensario, de que é fundador e director o sr. dr. Gonzalo Martinez.

«A Mulher», pelo dr. Sousa Costa

Está publicado o II fasciculo desta obra, que será quando terminada, um monumento de beleza á mulher, tanto pelo texto que a ilustra, como pelos seus numerosos «becc-textes». Em pequenos capitulos, o dr. Sousa Costa fixa, na sua galeria, as grandes figuras femininas, que sobressaem na religião, na historia, na arte, na politica e nas letras. Neste, o autor fala-nos de Agar, Semiramis, Santa Isabel a rainha Cristina da Suecia.

Reproduções de quadros e estatuas, gravuras celebres, algumas a cores, dão a esta publicação das Edições Europa, um caracter excepcional de luxo.

«Gloria», de Alves Redol

A ideia do autor foi feliz. «Gloria» não é um nome de mulher, nem uma legenda belica de lirismo. É uma pequena aldeia do Ribatejo, cheia de caracter, de expressão, de lusitanismo tão tipica na sua arquitectura e costumes, como no doce falar das suas gentes. Alves Redol debruçou-se, carinhosamente, sobre ela para traçar este interessante e completo estudo etnografico. Nada lhe escapou nos dominios da ergografia e folclor. Primeiro fixou a terra e a sua população, para depois, enlertando no texto curiosos desenhos de Julio Gois, analisar, entre outras coisas, a arte manual, o teatro, o cancionero, a ceramica, os modos de lavoura, a habitação, as expressões linguisticas, etc. Estamos na presença duma obra excelente, que reflecte bem o tipo da aldeia portuguesa, na sua genuinidade mais luminosa e pitoresca. Alves Redol é tão sugestivo neste livro, que vai ser «devoado» pelos etnografos, que chegamos a lamentar não conhecer a sua linda aldeia. Pelo visto «Gloria» tem de ser inscrita no roteiro turístico nacional. Bem o merece.

Mãe e Filho, do dr. M. Ferreira Mira

Saiu agora a 2.ª edição deste modelar livro de puericultura, guia utilissimo de todas as mães para quem a maternidade não é, apenas, um caso fisico, mas uma devoção de todas as horas, de todos os momentos.

O sr. dr. Ferreira de Mira, com a sua conhecida proficiencia, ensina ás mulheres a arte de serem mães, dizendo como devem criar os filhos, conhecer as doenças, trata-los higienicamente, alimentá-los, etc. O livro, esplendido de clareza e de objectividade, reúne sobre puericultura toda a ciencia duma biblioteca do genero. Edição da Empresa Nacional de Publicidade,

Surpresa

por Eugenio Vieira

O meu amigo F. M. principiou assim a sua historia:

No Café, sempre a hora habitual, apparecia-me aquele estranho «gentleman» de sorriso calmo e olhar insinuante, com uma apumada elegancia á Brumel, e revestido duma superior dignidade que eu admirava.

Senhores!—pensava eu— que homem de fino trato, que pessoa educada e bondosa ele não deve ser! E vendo-o sempre tão lhano e solícito, tão acquiescente para quantos o rodeavam, eu concluía:

—Que belo coração ele deve possuir!

Muitas vezes tivera ideia de aproximar-me do individuo que tanto se destacava entre os outros, que me dava esta imagem: «a síntese do que mais perfeito pudesse existir, da especie humana.» Para mais (ainda que isto não devesse entrar na apreciação dum homem para com o sexo forte) ele era bel de rosto, um semblante atraente, de linhas finas, iluminado por um olhar de sonho, a vezes, e admiado por uma especie de quebra de poeta em «poses». Esbelto, de modos expeditos e os gestos contidos sem serem muito lentos; o ar sempre superior mas sempre agradável. Aquilo era um irresistível para as mulheres e um atraente á convivencia para com os homens. Um ser completo, pensava eu, certo de que não me iludia.

Um dia, em refôrço da minha opinião, veio um acontecimento. Logo que entrei e amesendei com um companheiro, notei que a perfeita criatura me fitava dum modo particular, sorrisonhamente e com olhar brilhante. Dir-se-lia querer penetrar-me a alma com o raonar duma infinita simpatia.

E foi assim, como aureolado de um encanto de bondade, que se levantou e se dirigiu á minha mesa:

—Ha de perdoar-me o atrevimento, sim?, mas, ha dias que andava para lhe falar. E' o sr. Feliciano Maia, não é assim?

—Para o servir—lhe respondi.

Ele continuou:

—Disseram-me que é funcionario do ministerio dos Estrangeiros...

—Exactamente.

—Logo que tal soube, deliberei interrogá-lo sobre um assunto, ou melhor: pedir á sua amabilidade um esclarecimento.

—Ao seu dispôr.

—Reconheço que não é cousa a que possa responder-me desde já. E' um caso que depende certamente de consulta, quem sabe se demorada? Mas, enfim... Conto com a sua proverbial amabilidade, e, quanto maior for a maçada que lhe dê, mais completa será a minha gratidão.

—Dirá...—disse eu, já impaciente por saber do que se tratava.

Ele teve um momento curto de concentração, e continuou, em tom sentimental:

—Vivo, de longa data, só com minha mãe, que extremoso. Meu pai, era eu muito criança, emigrou para o Brasil, onde foi feliz. Esteve primeiro em S. Paulo, mais tarde em Minas Gerais, e, como a vida lhe corresse sempre bem, estabeleceu-se, por ultimo, no Rio, onde se ligou a varios negocios e até á questão bancaria. Durante anos consecutivos tivemos sempre noticias suas com a mais perfeita regularidade.

Mas, a certa altura, a correspondencia tornou-se irregular, e, por fim—aquí ha uma pagina pungente para mim e minha santa mãe—por fim, a correspondencia cessou de todo.

Como, infelizmente, não temos relações em terra tão distante e como seja grande o nosso anseio em ter noticias do autor dos meus dias, lembrei-me de que estando v. ex.ª em contacto com varias entidades estrangeiras, pudesse apurar qualquer cousa em relação ao assunto.

—Nós temos, realmente, elementos por onde possamos chegar a saber alguma cousa—respondei. Bem vê: ha uns boletins, ha relatorios varios, documentação bastante completa relativa á colonia portuguesa no Brasil, e, como seu pai não era evidentemente um anonimo, mas uma pessoa de cotação social, talvez não seja difficil apurar-se o que houver. Dê-me o nome de seu pai.

O meu interlocutor tirou da carteira um finissimo, transparente bilhete de visita seu, onde escreveu, com lapiseira de ouro, o nome, que eu guardei.

—Deve ter morrido!—disse ele, tendo estampado no semblante uma nuvem de pura magua, de accentuada melancolia, e tendo os olhos razos de agua. Continuou: Compreendo... Era tão extremo, tão bom, tão nosso amigo, que, se vivesse, impossivel seria não dar sinal de si... E então correcto!... Nunca nos faltou com a sua mesada. Esta, felizmente, era de forma a fazer-nos viver com toda a «aisance». Fez-nos criar habitos de luz e elegancia, de conforto e, por minha parte, confesso, até de desperdício, e agora, não calcula como tudo mudou...

E o meu interlocutor ao falar daquele modo, estava bastante palido, visivelmente sensibilizado.

—Não vale desesperar—lhe disse. A vida tem, ás vezes, surpresas. Podem não ter-lhe corrido bem os seus negocios, e, para não dar o desgosto de o fazer saber aos seus... Já o caso de ter espagado, primeiro, a correspondencia...

—Na verdade... mas...—Disse ele indeciso, e sublinhou a frase com um fundo suspiro. Bem:—acrescentou. Não deva incomodá-lo mais... Do que houver, poderá comunicar-me aqui mesmo. Desde já os meus agradecimentos.

Três dias depois, ao entrar no Café, não vi o «gentleman» que me falara. Mas não tardou. Dirigi-se, da porta, directamente á minha mesa. O mesmo apurmo, a mesma gentileza fidalga, o mesmo poder de insinuação. Simplesmente me pareceu mais palido, o que era natural—reflecti—visto a ansia em que estaria, como bom filho que era, por saber a noticia.

—Então?—me perguntou, estendendo-me a mão e sentando-se.

—Tenho uma noticia completa. Seu pai não morreu.

Vi-o levantar-se num repente, os olhos esboghados, uma nuvem de sangue no rosto e no olhar, como apoplectico. Batera com a cadeira no mo-saico, com tal violencia, que provocou varios olhares.

Abismi da transformação tão rapida e insólita.

—Não morreu, o patife!—investivou. Não posso herdar! E é forçoso que renuncie a todos os prazeres e a todos os meus habitos de elegancia e bom tom! Irribus!...

TRISTEZA

Naquele tempo, havia pela terra
Um frémito vibrante de alegria.
Cantava o Amor, a Mocidade ria
E havia paz do mar até á serra.

Era o tempo em que a Fé, no que ela encerra
Do puro e de cristão, resplandecia
Como, depois da noite, a luz do dia
Ou urna de luar que se descerra.

Mas, depois, deu-se um rude cataclismo.
O que era amor e paz caiu no abismo
Da perversão e da ambição. E agora,

Perdida a Fé, despertadas as paixões,
Só ha inverno em nossos corações,
Só ha tristeza pelo mundo fora!

RUI DO VOUGA

(João Pedro da Silva Tavares)



Continua nos países totalitarios a campanha contra as palavras estrangeiras. Na Itália têm sido extirpados todos os vocabulos franceses e ingleses, mostrando-se as autoridades mais indulgentes para os de lingua alemã, que, de resto, são pouco numerosos. Na Austria esse trabalho é mais difficil. O commercio vienense está bastante contaminado de estrangeirismos. O chefe da policia de Viena publicou, recentemente, uma ordem proibindo todos os termos não alemães das tabuletas. Estabeleceu mesmo uma lista, na qual figuram: «antiquitäten», «atelier», «bandages», «bonbons», «café», «coiffeur», «delikatesen», «dessert», «diner», «en groks», «en detail», «etikette», «kosmetik», «lithographie», «manikure», «ondulieren», «pension», etc. Gravemente, o «Temps» pergunta se já pensou em substituir as palavras proscritas por termos genuinamente germanicos, e se ha equivalencia para todas.

Ha pouco tempo um gatuno introduziu-se no castello de sir Granville Croly, secretario da Camara dos Lords em Elton-Hall. Percorreu as galerias, não se interessando pelas centenas de maravilhas artisticas que ali se vêem.



Foi, directinho á biblioteca, e, como verdadeiro bibliografo, interessou-se por um livro raro: um exemplar da primeira edição do «Paradise Lost», de Milton, de 1688. Uma miniatura representando Granville Leveson, esposa do terceiro conde de Granville Leveson, que foi uma fervorosa admiradora do grande poeta cego também o tentou.

Antes de partir, o inteligente gatuno apoderou-se ainda do primeiro tomo do «Vigário de Wakefield», edição princeps, de 1786. Felizmente que o II volume da obra de Goldsmith, não se encontrava no seu lugar habitual, motivo por que não desapareceu.



Um caçador de autografos escreveu um dia uma carta impressionante de insistência a Tristan Bernard, pedindo-lhe algumas linhas do seu punho num album que enviou para esse fim. O grande humorista francês, na volta do correio, devolveu o album, com estas palavras dactilografadas:

«Chor monsieur: Depuis des années, je ne me sers plus que de la machine à écrire. Je veux cependant vous offrir un spécimen de mon écriture.»

O coleccionador deve ter sentido bater o coração de ansiedade. Mas—oh decepção!—Tristan Bernard limitárase a pôr no album uma fileira de riscos.



Os Estados Unidos vão ter o seu «Bae-deker». Compreenderá 40 volumes, vinte dos quais estão no prélo, e é redigido por seis mil publicistas desempregados. Este «retrato» yankee, começado em 1935, será uma obra completissima, com capitulos de puro caracter literario, firmados por nomes illustres. Nesta obra, há registo de numerosos factos da moderna historia americana. Um deles é o caso Sacco-Vanzetti.

O REGRESSO A' FRANÇA

Um exame de conscienciapor **Dutra Faria**

Aqui há uns tempos atrás eu de certo começaria esta crônica—dizendo com toda a ênfase e toda a pompa que Luiz Forjaz Trigueiros era um rapaz da minha geração. Talvez acrescentasse mesmo, com pueril vaidade e tola certeza, que a essa minha geração, geração irreverente, inconformista, cabia ou coubera o resgate da pratica portuguesa, o resgate da intelligencia nacional—e possivelmente ainda outros resgates preciosos. Mas hoje confesso—perdoem-me o ceticismo pela franqueza—que já não acredito muito em gerações. Os imbecis, os mediocres, os pretenciosos e os inúteis de cada geração parecem-se sempre, confrangidamente, com os inúteis, os pretenciosos, os mediocres e os imbecis da geração anterior; aos vinte anos, de resto, adquirem-se invariavelmente uma determinada visão e uma determinada ideia do mundo; é quando os velhos nunca têm razão, quando os velhos nunca servem para nada, quando os velhos são uns pobres diabos... Isso, depois, passa—como tudo passa; passa como a época dos primeiros entusiasmos amorosos, das primeiras descobertas literarias, das primeiras ambições politicas. Quanto áqueles que dentro duma geração escapam realmente á mediocridade e talham uma obra pessoal—escapam também, por mérito da sua obra, á lei das gerações; ficam—e se as academias não os seduzem com o venenoso perfume dos louros de bronze, até muitas vezes, por admirável fenomeno de simpatia, vão pertencendo, sucessivamente, a todas as gerações que chegam, interrogam, procuram...

Direi, pois, modestamente, que Luiz Forjaz Trigueiros é um rapaz do meu grupo. Significa isto que vivi com Forjaz Trigueiros e outros certa aventura espiritual que profundamente nos assinalou, indelevelmente nos marcou—embora logo em seguida cada um de nós, ao sabor das preferencias do seu espirito ou das solicitações do seu temperamento, tivesse enveredado pela sua estrada, pelo seu caminho ou pelo seu atalho. Da aventura que juntos vivemos apenas resta fermento, na cinza, a levedar em inquietação, quando não em angustia, em drama de alma, uma ansia irrequieta, uma ansia insofrida e quasi dolorosa de sinceridade, de independência—origem de muita attitude desassombrada, atrevida, singular. Origem, por exemplo, desse corajoso e quasi comovedor «Examen de conscience» que Forjaz Trigueiros publicou em separata do «Bulletin de l'Institut Français au Portugal»—e é, sendo o seu exame de consciencia igualmente o meu, o nosso, o exame de consciencia, dilacerante á força de escrupuloso e sincero, de todos quantos percorreram um dado itinerario, atravessaram uma dada crise...

Escreve Forjaz Trigueiros:

«Dum côté la séduction intellectuelle des doctrinaires portugais e français contre-révolutionnaires, d'autre part l'exemple fasciste qui a transmis tant de foi à notre jeunesse, de plus récemment encore la grande comotion hitlérienne—tout cela a contribué à nous faire oublier ce qui aurait du constituer notre première préoccupation: sauvegarder ce qui était éternel, et étant éternel, portugais; défendre la personnalité humaine et les libertés essentielles, affirmer les droits de l'Éprit et de l'Intelligence sur le domaine éphémère de la Force e da la Matière».

Je crois qu'est arrivé le moment de proclamer la primauté du spirituel, la dignité de la vocation humaine».

Aparte a crença em que estou de que não necessita salvaguarda humana o que é eterno—plenamente concordo que chegou a hora em que será indispensavel reafirmar a dignidade da vocação humana sobre aquelas noções terrivelmente simplificadoras que reduzem o homem a um mero servidor de instituições criadas para o servir.



LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS

Como, porém, se reafirmará a dignidade da vocação humana?

Diz Forjaz Trigueiros:

—Regressando.

O verbo é-me suspeito, tremendamente suspeito. Regressar é desistir de procurar, desistir de combater. Regressar é abdicar.

—Mas regressar a quê?

—Regressar á França—diz Forjaz Trigueiros.

Valha-nos Deus!...

Regressar á França—quando nunca a abandonámos; regressar á França—quando foi o seu Maurras o nosso primeiro mestre; regressar á França—quando foi através dos seus escritores que travámos conhecimento com o proprio fascismo, com o proprio hitleirismo!...

Regressar á França—quando tanto devemos ao seu Gide, ao seu Maritain, ao seu Malraux, ao seu Mauriac; regressar á França—quando foi em francês que lemos um Dostoiévsky, um Chesterton, um Papini, inclusivamente um Unamuno; regressar á França—quando foi e é em francês que nós ainda hoje pensamos!...

Regressar—não!...

Partir! Partir ao encontro do mundo, ao encontro da vida! Descobrir o que está por descobrir na terra e no homem!

Mas independentemente do regresso á França—Luiz Forjaz Trigueiros escreveu, com o seu «Examen de conscience», algumas paginas que iluminam fortemente a tragedia daqueles que o tumulto da nossa época colocou na encruzilhada de todas as seduções—desde aquelas que diminuem o homem áquelas que o engrandecem, desde aquelas que escravizam a pessoa humana áquelas que a libertam, a redimem, a aproximam de Deus.

DUTRA FARIA

INTELECTUAIS DO BRASIL

Letras mineiraspor **Marques Rebelo**

A turma mineira, dizia-me outro dia Graciliano Ramos, esse magnífico Graciliano Ramos, é a maior e a mais solida de todas. Realmente o que caracteriza as figuras literarias mineiras é uma força e um equilibrio que nenhuma outra fren te possui. Já mais fizeram regionalismo ou partidariismo literario. Donos duma velha tradição de cultura, continuam dentro do verdadeiro caminho da cultura e assim sua concepção é mais ampla, mais universal, tem o verdadeiro sentido da arte. Em Belo Horizonte ha um nucleo de intelligencias, da mais alta importancia, e ao qual está destinado um papel notavel no re-equilibrio da nossa literatura tão desceioçada nos ultimos tempos pelo amor do modismo, que é sempre o amor da gloria facil.

Ciro dos Anjos dispõe de uma das mais verdadeiramente certas organizações de escritor. Seu romance «O Amanuense Belmiro», em 2.ª edição em menos de um ano, traz a boa marca de Machado, isto é, daquilo que não morre. Espargindo lirismo em todas as paginas, anotando as fraquezas e as grandes humanas, mostrando os mal percebidos dramas das vidas cotidianas através da vida dum pobre amanuense, e escrevendo muito bem, Oiro dos Anjos entrou para o pequeno rol dos nossos grandes escritores e o romance que está compondo mostrará que «O Amanuense Belmiro» é apenas um degrau de uma escada gloriosa. João Alfonsus, que já evidenciara notaveis qualidades de romancista em «Totonio Pacheco», acaba de dar o seu segundo romance que marca uma sensível melhora sobre o primeiro, mas que não consegue, mesmo assim, alcançar o seu admiravel «Galinha cega», pequeno livro de contos que está entre os melhores da nossa literatura. Alberto Deodato tem no pequeno romance roceiro, «A doce filha do juiz», um caso de bastante interesse. Emilio Moura é um poeta cuja importancia em nada fica inferior a um Augusto Frederico Schmidt, a um Carlos Drummond de Andrade, a um Manuel Bandeira, a um Vinicius de Moraes, a um Augusto Meyer. «Ingenuidade», e «Cantos da Hora Amarga» são dois livros perfectos. Austen Amaro, sensibilidade finissima, meio perdido no astral, tem a lançar uma serie de poemets á moda oriental, onde ha muita sugestão poetica da mais rica beleza. Alfonsus de Guimarens Neto, muito jovem ainda, não desmerece o grande nome que herdou. Guilhermino Cesar, poeta admiravel e admiravel espirito critico, revelou-se agora também romancista dos melhores e «Sul», que marcará a sua estreia no genero, está destinado a receber os mais justos louvores. Heli Menegare, Paulo Saraiwa, Otavio Dias Leite, Henriqueta Lis-

boa, Wellington Brandão, cujo «O Tratador de passeros», mereceria maior divulgação, são outras figuras que merecem respeito. Codefredo Rangel tem em «Vida Ociosa» um marco das nossas letras. Newton Campos, J. Guimarães Menegares, autor da peça «A luz por debaixo da porta», que apesar do titulo nada tem de Pirandelliana, Mario Cassiana, grande conhecedor da obra machadiana, sobre a qual tem dado alguns dos mais serios estudos, grande estudioso dos problemas da lingua, grande pela actividade em que se desdobra nos cargos publicos num país em que, até bem pouco tempo, cargo publico significava inactividade, desamor ao trabalho, absoluta irresponsabilidade.

Arduino Bolívar, Claudio Brandão e Artur Velozo são espiritos armados de forte cultura humanistica, mas que não fazem alarde do que sabem. Eduardo Frieiro e Oscar Mendes são os criticos de maior responsabilidade das letras mineiras e pena é que não tenham as suas colunas num jornal do Rio, pois entre os pouquissimos e verdadeiros criticos literarios que tem o Brasil, Eduardo Frieiro e Oscar Mendes estão na primeira fila, com uma cultura solida, um fino de selecção, uma honestidade inatacavel e um estilo encantador. Acresce em Eduardo Frieiro a sua condição de romancista. «O clube dos grafomons», «O mameluco Boaventura» e o «Cabo das tormentas», eis três romances de Frieiro que passaram despercebidos por culpa propria do autor, modesto demais, displicente demais. Orlando M. de Carvalho é um inteligente e arguto estudioso dos problemas brasileiros, e seu ultimo livro na serie Brasileira, sobre o Rio S. Francisco, constitue o que de mais importante se tem sobre a materia. Aires da Mata Machado Filho dedica-se aos estudos da nossa lingua e dedica-se com aquele carinho de jardineiro amador que ama as suas flores, porque perfumadas ou não, todas as flores são belas. Moacir de Andrade, o conhecido Pagé Tupiniquim das sátiras famosas, Hermetindo Chaves, Newton Prates, Saul do Prado Brandão e Jair Silva são excelentes cronistas, como no Rio ha pouquissimos, ou mesmo não ha. Cristiano Martins sabe um mundo de coisas, estuda as questões mais diversas e, embora escrevendo pouquissimo, quando o faz, mostra que tem sensibilidade para dar e vender. João Dornas Filho, que já teve o seu periodo de poesia, dedica-se agora ao estudo de figuras e coisas passadas, que a indiferença ou a estupidez vai deixando no olvido. Seu trabalho sobre Silva Jardim, na Brasileira, é magnifico. O que escreveu sobre os Andradas pôde ser tomado como um modelo no genero, um grande modelo. E o seu recente «O padroado e a igreja brasileira» é excelente.

Essas são as figuras mais destacadas do nucleo belo-horizontino. Mas ninguém ignora que no Rio vive uma grande colonia mineira, grande pelo numero e pelo valor dos seus membros. Quem não conhece Cornelio Pena, Gustavo Capanema, Afonso Pena Junior, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Rosario Fusco, Lucio Cardoso, Anibal Monteiro Machado, Murilo Mendes, Francisco Inacio Peixoto, Tostes Malta, Franciscos de Rezende, Corrêa de Azevedo, Francisco de Campos, Abgar Renault, Murilo Araújo, Onestaldo Penafort, Afonso Arinos de Melo Franco, Eurialo Canabrava, Helio Viana, Luiz Camilo e Pedro Nava?

Se esses mineiros fizessem um pouco mais em prol dos que vivem em Belo Horizonte, isolados pela displicencia e Mantiqueira, o panorama literario brasileiro seria outra, já dásse uma vez. Não custa repetir.

Rio,—1938.

MARQUES REBELLO

«REVISTA DE PORTUGAL»

Saiu agora o n.º 5
com uma notavel colaboração

Cartas ineditas de
ANTONIO NOBRE

OS LIVROS DA SEMANA

A leitura de livros portugueses sobre assuntos coloniais provoca várias interrogações. Mas uma coisa me parece evidente: quasi todos aqueles que entre nós têm pintado o meio colonial por onde passaram mostram qualidades de expressão dignas de apreço. Não quero dizer que as colonias os tenham feito escritores. Quere dizer que o «meio» novo com que se relacionaram estimulou neles qualidades talvez latentes. Já um dia aludi a este curioso facto. Mas vale a pena insistir nele.

Ha muita gente incapaz de compreender que o estilo é uma coisa, a correcção gramatical outra. Ha muita gente incapaz de perceber que «estilo» não é o mesmo que «redacção». «Redigir», dizem os dicionários, é exprimir por escrito. Toda a expressão por escrito é «redacção». Um artigo do Código Civil bem redigido quere dizer estar escrito com correcção; escrito com correcção não é escrito com «estilo». É muito natural — natural e desejável — que um artigo do Código Civil esteja bem redigido. É perfeitamente dispensável estar escrito com estilo. Convém mesmo que o não esteja. A impersonalidade das leis impõe aos redactores delles clareza e despersonalidade. Quere isto dizer que ha uma forma corrente e geral de redigir. Ha uma forma de os homens se entenderem por escrito que não tem outro objectivo que não seja o da compreensão mutua. Por comodidade, por utilitarismo, os homens pendem até a substituir as palavras por sinais. No commercio essa pratica é corrente. Quem escrever *c/c* numa carta comercial quere, geralmente, dizer: *conta corrente*. Portanto, para comodidade e rapidez, os homens *universalizam* a sua expressão. Mais: substituem-na por uma linguagem abreviada, que já nem redacção chega a ser.

Qual é o caminho do estilo? O caminho do estilo é precisamente o oposto. Quando uma lingua esgota todas as suas possibilidades de expressão pessoal decai rapidamente. Todo o estilo, isto é, toda a maneira pessoal de exprimir o que se sente e o que se vê tende a uma apropriação geral. As imagens dos estilistas tornam-se correntes. «Luar de neve», por exemplo. A qualquer pessoa ocorre chamar a um luar muito claro «luar de neve». Aquilo que foi um dia uma forma estilística de exprimir certa impressão individual tornou-se *lugar comum*. Ora se o luar muito claro é um espectáculo corrente em certo país é natural esgotar-se breve a capacidade de reagir com frescura perante ele. As expressões literarias que tal espectáculo pode sugerir limitam-se, reduzem-se a lugares comuns.

Que concluir daqui? Por um lado, que o estilo é simultaneamente função do que se vê e dos olhos que vêem; por outro, que o estilo, quando não é uma reacção espontânea de uma sensibilidade jovem, é uma torturada conquista do génio literário. Para melhor dizer: um meio novo pode provocar uma visão nova. O escritor que nunca viu a selva africana deve exprimir o seu espanto por palavras novas. Não se pode descrever o que nunca se viu sem de qualquer maneira empregar formulas de expressão inéditas. Será preciso ter uma sensibilidade muito pobre para não encontrar maneiras pessoais de descrever um ambiente nunca visto. O lugar comum é proprio para exprimir interesses e factos comuns. Isto é: o estilo é função do que se vê e dos olhos que vêem, como disse atrás. Mas é também ou reacção espontânea da sensibilidade — e é o caso de todo aquele escritor que encontra, para exprimir o que vê ou sente, naturalmente, uma maneira nova e directa —, ou então tem de ser como que uma reconquista laboriosa daquilo que no homem muito civilizado ou muito culto jaz sotornado sob a aluvião da cultura e do hábito. Nunca será de mais lembrar o conselho de Flaubert a Maupassant: para descrever uma árvore é preciso olhá-la tanto tempo quanto fôr preciso para que ela nos apareça como nunca tendo sido vista.

Eis aqui como o contacto de certas sensibilidades portuguesas, já de si dotadas de aptidões literarias, com o meio colonial — a Africa especialmente — tem despertado imprevistos recursos estilísticos. É um facto serem poucas as obras sobre Africa, onde não haja uma força e uma acuidade de expressão só raramente reveladas em obras de temas metropolitanos. Seria curioso estudar até qual a influencia do Brasil num Miguel Torga. O proprio Brasil pode ter despertado, pela novidade da sua paisagem, recursos expressivos dormientes. Não será o caso de *A Selva*, de Ferreira de Castro? A frescura literaria dos modernos autores brasileiros não pode deixar de ter a mesma origem. São uns olhos novos a ver um meio novo. O lugar comum está longe ainda de se assenhorar da expressão literaria da Africa ou do Brasil.

Meras hipoteses? Não. É difficil que entre a realidade ambiente e a visão do escritor não haja estreitas relações. É difficil que o contacto com meios impressionantemente novos não contribua para renovar as fontes expressivas do estilo literario. É certo, contudo, ser isto particularmente verdade dos escritores visuais. Os

NHARI—o drama da gente negra

por CASTRO SOROMENHO

TIMOR, PAIS DE SOL E VOLUPIA

por PAULO BRAGA

COLONIAS PISCATORIAS EM ANGOLA

por MARIA ARCHER

CECIL RHODES E O MAPA COR DE ROSA

por F. ALVES DE AZEVEDO

OS PORTUGUESES NA CHINA

por SALVADOR SABOYA

escriptores portugueses são essencialmente visuais. Daqui serent raros aqueles que aprofundaram a alma do negro. Daqui a renovação do estilo nos escriptores coloniais ser apenas exterior. Daqui o seu breve esgotamento. Esgotam-se na medida em que a memoria visual enfraquece com a distancia.

O livro *Nhari*, o drama da gente negra, de Castro Soromenho (Livraria Civilização, Porto, 1938), não desmente as minhas anteriores considerações. O que numa obra de contos portugueses da metropole seria certamente apagado e trivial é nesta obra, de certo modo, impressivo e pessoal. Em si mesmos estes contos são vulgares. Não sei mesmo se se lhes deva chamar contos. São curtas narrações em que se põem em relevo costumes gentílicos, como o *Ultimo Batuque*, quadros breves como *Gando* — o *feticheiro*, *O milagre do Ganga*, *Angustia*, etc., ou reconstituições de lendas africanas. Muitos destes contos podiam ser considerados como reportagens. Não foi preciso compôr ou imaginar as historias: bastou observar. Não quere isto dizer que Castro Soromenho não tenha composto e imaginado algumas delias. Quere dizer apenas que o meio deve ser fértil em casos e espectaculos como os descritos em *Nhari*. É inutil pensar que o escritor num meio como o africano precise de se recolher em si mesmo e de si mesmo — da sua observação conjugada com a sua imaginação — arrancar o tema e o desenvolvimento dos seus contos. Assentemos, pois, que as narrações de Castro Soromenho são breves e naturais. O que importa nelas não é propriamente o anecdótico. O que nelas importa é a sugestão do seu ineditismo. São narrações em que a magia e a luta, a superstição e a sensualidade, ocupam toda a cena. Mas ocupam-na, naturalmente, como fundo insubstituível. Tinha de ser assim. Não se podia esperar outra coisa daquelas tribus selvagens com que Castro Soromenho nos põe em contacto. O que em tudo isto já não é natural ao meio, mas contribuição do escritor, é o poder descriptivo.

Eis-nos em face do tal elemento que os escriptores que da Africa se têm ocupado revelam possuir mais fresco e pessoal que os escriptores que se ocupam da metropole. O fundo de todos estes quadros é a selva. O primeiro plano é o negro com os seus costumes traduzidos em atitudes e reacções francamente visíveis. Ao escriptor resta, por conseguinte, fixar o que vê com palavras tanto quanto possíveis carregadas de uma sensualidade visual que bem de perto cingam a realidade descrita. Tudo agora é função dos olhos do escritor. É bom que ele diga por palavras inteiramente suas aquilo que de nunca visto está vendo.

Castro Soromenho não fugiu á regra, repito. No seu livro ha uma força descriptiva muito mais pura e directa que na maior parte dos livros portugueses sobre temas continentais. No conto *Gando*, talvez um dos melhores do livro, ha por exemplo notas de uma grande simplicidade. O dialogo entre Caçula e o rapaz que a acompanha ao rio é natural, sóbrio. É sóbrio o dialogo do fumador com o escravo *luena* que dedilha «o quissange da saudade». Um grito vara o espaço. «Escravo, ouviste um grito de aflição? — perguntou o fumador de sonhos, levantando para o céu os olhos rajados de sangue». Estas pequenas notas são bem associadas. Criam ambiente. Mas Castro Soromenho nem sempre sabe ser sóbrio. Muitas vezes parece recesso de que um substantivo não baste para designar o que pretende fazer ver. Acrescenta-lhe sempre um adjectivo. Tal adjectivo nem sempre é feliz. Muitas vezes, além de inutil, é de mau gosto. Raramente deixa de ser *literario*. Quando sentimos que os olhos do escriptor estão perante o que descrevem, o estilo de Soromenho é directo e vivo. Mal perdem de vis-

ta o modelo, cai na expressão-reminiencia-literaria. O lugar comum toma então de assalto a posição do estilo propriamente dito. Tal subversão de valores é infelizmente abundante. A cada momento se nos aparta dos olhos aquilo que perante eles estava vivo e fremente. É como se se corresse um veu perante a realidade. O mundo animado que tinhamos diante escondese por detrás de um cenario de imagens e expressões literarias confrangedoramente vulgares. Não só vulgares — pretenciosas. Diz Huxley, num ensaio notavel, *Vulgarity in Literature*, que o que vulgariza a expressão é a afirmação ostensiva da personalidade do escriptor. O escriptor que se não limita a fazer ver o que quere fazer ver, mas teima em mostrar-nos estar muito satisfeito com a sua forma feliz e elegante cai na vulgaridade. Castro Soromenho não se defende como devia deste perigo. Insatisfeito com a realidade substantiva, acrescenta-lhe, regra geral, uma exorecencia adjectiva. Para documentar esta afirmação basta ler, por exemplo: «Quando, de novo, o jovem Candala viu a mãe, sorrisos em doidas promessas de prazer rubro, cafi-lhe nos braços, todo lagrimas e soluços, e não pôde sequer balbuciar a palavra, *hino de amor, ventura mais radiosa de quantas ha no mundo*: — Mãe». Não é só na frase sublinhada que ha mau gosto. Todo o trecho está erigido de lugares comuns literarios que abafam a verdade da cena, bela em si mesma. Duas ou três palavras teriam dado todo realce a este drama. «A sua boca entreabriu-se, qual rosa vermelha beijada pelo sol, para ciciar palavras de carinho», escreve Soromenho a p. 34. A «rosa vermelha beijada pelo sol» não merece comentarios. «Poema de carne negra», «imensa desdita», «toldados pela tragedia», etc., são expressões que esmagam a força expressiva revelada noutras paginas de *Nhari*. Ora exactamente porque Castro Soromenho prova ser capaz de escrever sem estes facéis recursos é que eu não tenho duvidas em chamar-lhe a atenção para eles. *Nhari* é uma obra onde ha paginas dignas de um escriptor. Castro Soromenho tem obrigação de provar que o é.

Timor, país de sol e volupia, é o n.º 42 dos *Cadernos Coloniais*. É seu autor Paulo Braga. Não é a primeira vez que nos referimos aqui a Paulo Braga. Não é a primeira vez que falamos dos *Cadernos Coloniais*. Neles — nestes modestos, mas prestimosos caderninhos de divulgação colonial — publicou já Paulo Braga outros originaes. Todos versam o mesmo tema — Timor. Quere isto dizer que Paulo Braga trouxe de Timor ricas reminiscencias. A sua memoria visual de Timor tem-se mantido viçosa. Paulo Braga é de facto um desses escriptores amadurecidos pelas colonias. Melhor: fôr as colonias que despertaram nele o colorista e o prosador vivo que de facto é. A paisagem de Timor é-nos descrita neste livrinho com um esplendor raro. Paulo Braga é sóbrio nas suas descrições, embora se compraza nelas. Descrever a paisagem é o seu mais evidente prazer. Mas ha paginas neste livrinho que vão mais além. A luta entre o homem e a selva que a todo o momento avança como uma vaga pela terra cultivada é-nos descrita com amargura e revolta. Miseraveis trabalhadores, cobertos de andrajos, que dormem ao ar livre e se alimentam de frutos e raizes, eis os homens a quem Timor deve toda a sua riqueza. São eles quem vence a selva. Sem eles as plantações de café seriam subvertidas pela onda selvagem da floresta. Outra nota é admiravelmente tocada por Paulo Braga: o amor das timorenses, humildes, dedicadas e sensuais. A historia de Heliana é a historia de todas as mulheres de Timor. Com traços rapidos, notas breves, põe-nos diante dos olhos a vida toldada de pensamentos sensuais dessas pobres raparigas que não sabem em que pensam nem o que quereem.

Nasceram para o amor, só no amor são felizes. Mas o capítulo *Jogos Florais na Floresta* é impressionante. Ai se pode sentir a pressão profunda do meio sobre o homem. Sentados no chão, numa clareira da floresta, homens e mulheres entregam-se a uma disputa monstruosa, em que a obscenidade da palavra e do gesto atinge o frenesim. Disputam entre si a obscenidade como um trofeu. *Timor, país de sol e volupia* é uma bela homenagem a Timor. Paulo Braga trouxe dessa maravilhosa ilha o segredo das palavras coloridas e sensuais.

Maria Archer tambem deve alguma coisa ás colonias. *A Africa Selvagem* foi o seu baptismo literario. E de então para cá o vigor da sua prosa não esmoreceu nunca. Na Africa aprendeu uma maneira directa e quasi selvagem de ver o mundo e de o pintar. Este seu livrinho, tambem um caderno colonial (n.º 32), conquanto verse um tema de índole economica e social — *Colonias Piscatorias em Angola* — não deixa de revelar o mesmo franco dizer e a mesma livre expressão que caracterizam os outros seus escritos. Obra naturalmente destinada a tornar conhecido em Portugal o problema piscatorio de Angola, expõe-nos em termos breves o que é e como se está organizando a pesca naquela nossa colonia. Vê-se que Maria Archer estudou o assunto. Mas o que na sua obra mais importa é a clareza da exposição. A intenção divulgativa com que foi escrito este caderno torna-o acessível a qualquer.

Em *Cecil Rhodes e o mapa cor de rosa*, caderno colonial n.º 38, Alves de Azevedo tenta traçar um retrato rapido deste homem tenaz e audacioso que foi o responsavel do *Ultimatum* de 1891. No momento actual esta figura tem um interesse particular. Através dela se poderiam estudar curiosos problemas da psicologia do homem de Estado. Seria curioso ver como um homem que os seus proprios compatriotas consideram pouco inteligente conseguiu realizar essa obra de um tão alto interesse para a Inglaterra. Alves de Azevedo, que mostra conhecer bem o seu assunto, tem uma expressão confusa. O plano da obra é um tanto assistematizado.

Restam duas palavras para a obra *Os Portugueses na China*, de Salvador Saboya (Editorial Labor, 1938). Trata-se de uma obra nitidamente divulgativa. Nela se pretende mostrar, nas suas linhas muito gerais, o que é a China quanto á sua situação geográfica, á sua religião, á sua historia, á sua fauna, á sua flora, á sua politica, á sua civilização enfim. Tudo isto nos é contado muito superficialmente, como o faria uma enciclopedia, mas com clareza e segurança. A parte mais importante da obra é aquela que se refere ás relações de Portugal com a China, desde a tentativa de Francisco Xavier até ao nosso estabelecimento em Macau. A acção dos jesuitas é justamente salientada neste trabalho. Mas, de facto, a obra não tem outro interesse além de um rapido e superficial esboço do que é e do que foi esse ainda hoje misterioso país.

JOÃO GASPAR SIMÕES

P. S. — Devo declarar que ha um ponto na carta publicada pelo sr. dr. Joaquim Manso no *Diário de Lisboa* de 14 do corrente mês que reputo impreciso. Da leitura dela pode depreender-se que eu dirigi, de facto, uma carta ao sr. director do *Diário de Lisboa* pedindo-lhe que intervisse a meu favor na questão levantada pelo sr. Tomaz Ribeiro Colaço no mesmo jornal. Ora a carta que eu dirigi da Nazaré ao sr. dr. Joaquim Manso tinha por fim acompanhar a minha primeira cronica sobre aquela praia. Apenas a fechar, acidentalmente, havia nela uma referencia á tal questão: aí se aludia em poucas palavras ao que me levava a não responder á carta do sr. Tomaz Ribeiro Colaço. Nada mais. É natural que o sr. dr. Joaquim Manso não tivesse presente a minha carta ao escrever a sua publicada a 14 do corrente. Só isso pode explicar a sua imprecisão.

J. G. S.

QUADRAS DE AMOR

O amor é caprichoso
E tem misterios assim:
Por tanto gostar de ti,
Sinto ciúmes de mim!

Ha ainda quem pergunte
Porque se gosta, ou não.
Gosta-se, porque se gosta,
Porque o quere o coração.

Quem do amor disse mal
Não o sentiu a valer:
Que o amor mais infeliz
Nunca é de arrepender.

JOÃO PATRÍCIO